

# Academia Guarulhense de Letras

## PATRONO CADEIRA ACADÊMICO

João Gualberto de Oliveira	1	Gasparino José Romão
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3	João Ranali
João Guimarães Rosa	4	(Vaga)
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Norlandio Meirelles de Almeida
JoséBento Monteiro Lobato	6	Milton Luiz Ziller
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Flavio Cleto Giovanni Trombetti
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castelo Hansen
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Alfredo Ibrahim Khouri
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corcão Braga	11	José Alaercio Zamuner
Otávio Rodrigo Langgaard Filho (Luiz Otávio)	12	José Alves do Carmo
Guilherme de Andrade e Almeida	13	AryBaddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Eugenio Shinji Asano
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Oscar Gonçalves
Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	16	Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lauri
Cassiano Ricardo Leite	17	Wenceslau Nasari Campos
Cecília Meirelles	18	Antonio Darci Pannocchia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista de Moraes
Menotti Del Picchia	20	Cesar Magalhães Borges
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	(Vaga):
Pedro da Silva Nava	22	Armando Attilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
Ibraim Almeida Nobre	24	(Vaga)
João da Cruz e Souza	25	Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	(Vaga)
Onofre Leite	28	(Vaga)
Silvio Ourique Fragoso	29	Ângela Maria Andeolli Gonçalves
Jonny Herminio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	(Vaga)
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	(Vaga)
Laerte Romualdo de Souza	33	(Vaga)
Geraldo Penteado de Queiroz	34	(Vaga)
Néfi Tales	35	(Vaga)
Antonio Filardi Luiz	36	(Vaga)

*Acadêmica Correspondente:*

Vanda Fagundes Queiroz

*Acadêmicos Honorários:*

Eloi Pietá

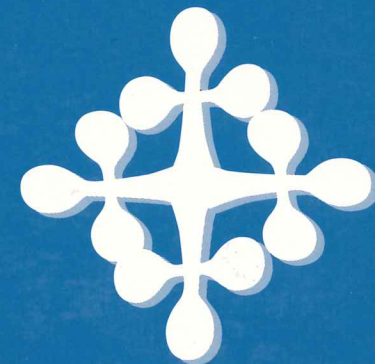
Rafael Rodrigues Filho

Teresinha Silva Maltez de Souza

Revista da Academia Guarulhense de Letras N°5, Ano V, 2003

# Academia Guarulhense de Letras

# AGL



Revista da Academia Guarulhense de  
Letras N°5, Ano V, 2003

ISBN 85-7372-775-6



9 788573 727753

[www.navegareditora.com.br](http://www.navegareditora.com.br)


Ter um filho para repor a água bebida no caudal da existência. É a expectativa da perpetuação do gene e, portanto, da vida eterna. Plantar uma árvore, como forma de agradecer à natureza a disposição de ter oferecido tanto, durante toda a vida. E, quando possível, escrever um livro onde será registrada aquilo que se disse ou deveria ter sido dito para penetrar no futuro. Os escritos tornam o tempo relativo, facilitando o encontro de gerações distantes, sob a harmonia dos pensamentos cuja somatória constitui o maior patrimônio da humanidade e a escada de seu processo evolutivo.

A vontade de escrever é intuitiva. Tão natural como o irresistível impulso de comunicar, de externar idéias, de opinar e de dar palpite em todas as coisas e situações. Quem escreve faz o mesmo, porém com um alcance maior, dando ao interlocutor, próximo ou distante no espaço e no tempo, a oportunidade de "ouvir" quantas vezes quiser, bastando localizar o tema na página certa do livro ou o site na Internet.

Se uma Academia de Letras é um conjunto de pessoas que fazem da escrita um meio de vida ou de viver, não pode deixar de oferecer à luz periodicamente uma publicação onde a Confraria mostra aquilo que querem seus membros. Cada um com a liber-

Academia  
Guarulhense  
de Letras 

Revista da Academia de Letras nº 5, ano V, 2003

Academia  
Guarulhense  
de Letras   






Copyright © by – Academia Guarulhense de Letras, 2003

*Editor: Rubenal Hermano Santos*

Direitos reservados pela autora à AGL

Comercial Editora Hermano & Bugelli Ltda.

Permitida reprodução, desde que citada a fonte

MF - Navegar Editora

Rua Belém, 93 - Belenzinho

Cep 03057-010 - São Paulo - SP

Fone: (011) 6096-8530

Fax: (011) 6096-8530

*Internet: www.navegareditora.com.br*

#### FICHA TÉCNICA

Projeto editorial

*Rubenal Hermano Santos*

Composição e diagramação

*Editoração JR Oliveira S/C Ltda.*

Capa

*Rubenal Hermano Santos*

*Revisão: Os Autores e Ailton Santos*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista Guarulhense de Letras. – São Paulo :  
Scortecci, 2003.

ISBN 85-7372-775-6

1. Contos brasileiros – Coletâneas 2. Crônicas brasileiras – Coletâneas  
3. Ensaios brasileiros – Coletâneas 4. Poesias brasileiras – Coletâneas.

02-4942

CDD-869.9308004  
-869.9108004

Índice para catálogo sitemático:

1. Contos : Coletâneas : Século XXI : Literatura brasileira 869.9308004
2. Crônicas : Coletâneas : Século XXI : Literatura brasileira 869.9308004
3. Poesia : Coletâneas : Século XXI : Literatura brasileira 869.9108004

Impresso no Brasil 2003

Printed in Brazil

## SUMÁRIO

### Reminiscência

### Partida de um Imortal

Antonio Darci Pannocchia	13
Armando Attilio Sobrinho	21
Ary Baddini Tavares	29
A. Ibrahim Khouri	49
Bismael B. Moraes	65
Clarimundo Oliveira Aguiar	83
Clovis Domingues	99
Eugenio S. Asano	119
Espedito Pinheiro de Souza	131
Lineu Roque Aceiro	147
Lineu R. Aceiro – Discurso na AGL	153
Isabel Borazanian	173
Milton Luiz Ziller	187
Plínio Tomaz	235
João Ranali	293

### Índice Remissivo Diretoria 2003/4

## REMINISCÊNCIA

Sem discutir, neste espaço especial, para onde foi ou não foi, o fato é que um companheiro nos deixou. Imortal como membro da Academia que, por motivos, primeiro, de suas atividades como Prefeito e, posteriormente, em virtude de sério abalo de saúde, não nos fazia assídua companhia.

Morreu Néfi Tales! Foi-se, para sempre, o Professor, o Advogado, o ex-Prefeito e o Acadêmico Fundador, que marcou sua passagem pela vida, por nossas vidas, como exemplo de bondade e de generosidade, com a marca indelével das benesses praticadas.

Na Academia Guarulhense de Letras, para a eternidade registradas, ficam as suas participações: apoio integral, na sua original gestão como Prefeito do município, à criação, ao nascimento do sodalício, com a cessão de uma sala, na Biblioteca Monteiro Lobato, para abrigar a primeira sede do incipiente movimento literário, a cessão dos móveis que, até hoje, adornam e têm sido utilíssimos para uso no nosso

dia-a-dia, além de proporcionar o patrocínio da publicação do livro "Contos e Encontros", nosso primeiro trabalho editado.

A Néfi Tales nunca faltaram qualificativos como educador, administrador e como verdadeiro mecenas, em relação à Academia Guarulhense de Letras, fatos estes que o elevam ao tratamento amistoso e íntimo que só é dispensado a um inesquecível confrade.

A Diretoria

## A PARTIDA DE UM IMORTAL

"NINGUÉM MORRE PARA SEMPRE ENQUANTO PERMANECE VIVO NO PENSAMENTO DE ALGUÉM."

É com essa máxima que queremos prestar uma pequena homenagem póstuma ao ex-membro da Academia Guarulhense de Letras – AGL, o acadêmico FILARDI, retirado recentemente de nosso convívio.

Para tanto, vamos lembrar um pouco a carreira e a vida do nosso inesquecível confrade.

ANTÔNIO FILARDI LUIZ nasceu em São Paulo – Capital, no dia 21 de maio de 1936. Foi declarado Aspirante a oficial R/2 do Exército Brasileiro, em 1957. Após concluir os estudos do ensino médio e secundário, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, turma de 1963, realizando, em seguida, diversos cursos de extensão universitária; exerceu a função de professor em vários cursos preparatórios, por longos anos; assumiu, por concurso público, o cargo de Juiz de Direito, desenvolvendo suas atividades em

diversas comarcas do interior paulista e na Capital; tornou-se também Professor Universitário nas disciplinas de Direito Civil e Direito Romano, ministrando aulas nas Faculdades de Direito de Araçatuba, em 1973, e, a partir de 1980, na Faculdade de Direito de Guarulhos – FIG, até a data do seu passamento.

Antes e depois da sua aposentadoria na magistratura, já descompatibilizado, exerceu a advocacia pública e privada, bem como diversos cargos de livre provimento em comissão, na Administração Pública de São Paulo e de Guarulhos.

Ao longo da carreira profissional, recebeu homenagens e algumas honrarias, especialmente no setor Militar, com a Medalha “Brigadeiro Tobias”, da Polícia Militar, e da ADESG, tendo sido também, por mais de 20(vinte) anos, membro da “Ordem Rosa Cruz”.

No decorrer do período, escreveu algumas obras de cunho jurídico e literário, dos quais se destaca, Curso de Direito Romano e Dicionário de Expressões Latinas, que respaldaram o seu ingresso nos quadros do sodalício, além de publicar artigos pertinentes ao Direito na Folha Metropolitana de Guarulhos.

Eis, assim, de forma sucinta, a trajetória de um homem que, soube honrar a sua profissão como operador do direito e, sem dúvida, pode servir de exemplo de autêntico profissionalismo, exercido com brilhantismo, sensibilidade e grande talento. Os seus ensinamentos, notadamente no campo do magistério superior, certamente, irão perdurar por toda a vida, para os ex-alunos e, sobretudo entre nós, da AGL, que, embora não tivéssemos tido uma profunda convivência acadêmica, mesmo assim, na confraria temos obrigação de reconhecer os seus méritos “in memoriam”.

Acadêmico FILARDI, saudades, descanse em paz. E viva eternamente nas nossas memórias. Aos seus familiares, a solidariedade de todos os Confrades.

## CABEÇA DE SÁBIO, ALMA DE POETA

Quem teve a honra de privar do convívio, durante tantos anos, no magistério e na Academia, conhecia a competência do professor de Direito, o equilíbrio e respeitabilidade do magistrado e a sensibilidade do poeta. Ou a fusão de tudo, que tornava o relacionamento agradável e ameno. Filardi sabia ser alegre, com suas tiradas de humorista espontâneo, com seus trocadilhos bem oportunos. Sabia, também, mostrar a sabedoria de um justo e a justiça de um sábio.

Melhor exemplo de sabedoria foi oferecido à AGL pelo confrade João Ranalli, em sessão em que o assunto principal era o perfil intelectual do Doutor Filardi. Um singelo cartão de visita, com uma humilde mensagem: “*Caro Dr. Ranalli: Deixo-lhe alguma coisa para, à falta de algo melhor, encher espaço. Não me zangarei se os escritos forem parar no lixo, local mais apropriado, aliás ! Abraços (ass) Filardi – 06/04/89.*”

Não foi para o lixo, porque não era o lugar mais apropriado. Foi guardado e hoje mostra, nítida, a sensibilidade de poeta, uma das múltiplas facetas da personalidade do confrade Antonio Filardi Luiz,

## ESTÁ NA HORA

*Tudo na vida tem seu momento,  
sua hora,  
seu minuto,  
seu segundo,  
sua definição incontrolável.  
É preciso saber, pois,  
quando chega a hora,  
quando está na hora !  
Na hora de confessar,  
de perdoar,  
de amar,  
de compreender,  
de sentir,  
na hora de acabar.*

*Hora de,  
olhando para trás,  
só ver o futuro,  
de, vasculhando o futuro,  
não se esquecer do presente.*

*É hora, portanto,  
de reflexão.  
"Eu deixo a vida como deixo o tédio  
Do deserto o poente caminheiro"  
disse o poeta,  
como eu gostaria  
de não ter que dizer.  
De qualquer forma, é hora:  
de tudo,  
para tudo,  
de dor,  
de arrependimento,  
de vontade de ir,  
querendo ficar,  
de adeus:*

*Está na hora*

Antonio Darci Pannocchia

## CRÔNICA

### GRATIDÃO

*"O reconhecimento, em toda sua plenitude, por si só é a verdadeira expressão da palavra gratidão."*

*O Autor*

Era já quase um esquecido objeto de metal, conhecido simplesmente como *caneta tinteiro*, quando, pelos seus relevantes serviços prestados por mais de quatro décadas, findou por repousar agora eternamente em um *memorial* especialmente preparado, para demonstrar com efetiva transparência um saudoso e dinâmico período de que muitos de nós participamos ativamente ou, apenas, presenciamos passivamente.

No seu trabalho diário, sempre agiu com absoluta distinção, sem descanso, férias, décimo terceiro salário, abono ou horas extras, posto que nesse lapso temporal, muitas vezes árduo, conturbado e, quiçá, até incompreendido, nossa cumplicidade foi sem limites. Participou, pois, de

## CRÔNICA

### GRATIDÃO

*“O reconhecimento, em toda sua plenitude, por si só é a verdadeira expressão da palavra gratidão.”*

*O Autor*

Era já quase um esquecido objeto de metal, conhecido simplesmente como *caneta tinteiro*, quando, pelos seus relevantes serviços prestados por mais de quatro décadas, findou por repousar agora eternamente em um *memorial* especialmente preparado, para demonstrar com efetiva transparência um saudoso e dinâmico período de que muitos de nós participamos ativamente ou, apenas, presenciamos passivamente.

No seu trabalho diário, sempre agiu com absoluta distinção, sem descanso, férias, décimo terceiro salário, abono ou horas extras, posto que nesse lapso temporal, muitas vezes árduo, conturbado e, quiçá, até incompreendido, nossa cumplicidade foi sem limites. Participou, pois, de

extensas e incansáveis jornadas de múltiplas facetas, sendo que algumas delas foram produtivas e outras não, mas, seguramente em todas registrou fatos e eternizou atos sem nunca falhar na missão sugerida, inclusive nas viagens por este país continente como também além atlântico e pacífico.

Na verdade, seu desempenho foi sempre exemplarmente eficiente e fiel na sua delegada função de permitir a permanente escrita, sem se olvidar da importância que tivera no contexto da época que, infelizmente, já se foi e fez, agora, nascer para muitos o *encantado mundo virtual que avança tecnicamente de modo célere*.

Sua altruística obrigação jamais deixou de ser cumprida nas tormentas mais expressivas, evitando qualquer *risco de blackout*, por exigir tão-somente imprescindível abastecimento mecânico para continuar sua principal vocação, bem diferentemente do *mundo virtual*, que exige investimentos para ampliação e manutenção de equipamentos do *setor elétrico* – nem sempre atendidos –, sem contar, ainda, com os *desastres naturais* causadores de constantes preocupações nas irremediáveis perdas dos elementos produzidos, salvo se o *computador* possuir um *no-break* equipado com bateria.

Nunca, nunca mesmo, o inigualável objeto de metal se acovardou ou falhou diante de textos longos, complexos e, alguns, até mesmo cansativos. Em todos se fez deslizar elegantemente para registrar, com extrema cortesia, nas bases receptoras, as escritas idealizadas também sob chuvas e trovões. Vencia e cumpria com fidelidade todas etapas programadas naquelas circunstâncias, inclusive as ditadas pela Portaria número 36, de 28 de janeiro de 1959, do Ministério da Educação e Cultura, cujas severas regras de

*Nomenclatura Gramatical Brasileira* foram até então preservadas pelos filólogos e lingüistas da escola seguida pelo eminente *professor Laudelino Freire*, bem diversa da hoje contraditória, mas curiosamente festejada doutrina: *computer independente language*.

Concorreu, pois, indubitavelmente para prover formação intelectual, empresarial, política, e igualmente, para uma soma enorme de boas ações na sociedade, não somente resultantes do dever de ofício imposto pelos cargos do seu programador, mas, sobretudo, pela exigência da dinâmica da própria vida. Foi diante desse organismo vivo da sociedade, como não poderia deixar de ser, que o objeto de metal homenageado participou também de curiosas passagens, algumas frustrantes, ocasionadas pelo egoísmo do ser humano – inimigo da sorte –, notadamente quando na atividade pública, a exemplo do que foi inicialmente ensaiado sobre um modesto cidadão que, por mero oportunismo, apropriou-se do acaso e repentinamente transformou-se – para sua infelicidade –, em um arrogante e incapaz gerenciador da coisa pública, ao confundir sua vaidade pessoal com a transitória autoridade advinda de alto cargo eletivo, que sequer poupou-lhe da tristeza pela incompetência revelada até na escolha da amante.

Essa interessante e exemplar estória será em breve concluída com auxílio do *computador*, por não mais poder contar, obviamente, com aquele paladino de um tempo passado cheio de ensinamentos embasados em experiências capazes de contribuir, por meio de seus registros, para a formação de uma nova cultura ou reflexões sobre os tormentosos momentos vividos presentemente, notadamente pela falta de compostura de algumas pessoas

públicas que cultivam a prática do egoísmo, por não respeitarem e nem tampouco considerarem os interesses alheios, sobretudo os da própria comunidade.

Tudo isto está sendo extraído dos registros feitos em cumplicidade com o saudoso objeto de metal, que também ensaiou momentos da posse de um jovem eleito para uma cadeira no legislativo da cidade, cujo mandato foi exercido com absoluta e inconfundível independência, sem que houvesse a costumeira e perversa convivência das vantagens pessoais, que formam a sólida base da corrupção, geralmente propiciada pelos próprios agentes governamentais, uma vez que, em contraposição, a correta função pública, eletiva ou não, resulta, obrigatoriamente, no privilégio de apenas representar e de servir condignamente a comunidade que, por uma ou outra modalidade de acesso, outorgou-lhe a primazia para tanto. Tal privilégio, sem dúvida, poucos são aqueles que possuem.

Sendo a experiência fonte inesgotável do sucesso, esse ensaio igualmente registrou os primeiros passos, embora distantes, da fundação de uma grande instituição que ministrou o primeiro curso universitário em uma poderosa, mas descuidada cidade. E, ainda, o termo de posse de um idealista eleito vice-prefeito que, lamentavelmente, não pode ocupar o cargo principal do modo originariamente pensado, ante a maléfica e subversiva participação de terceiros oportunistas, que somente o tempo revelou incompetentes, egoístas e até mesmo destruidores da coisa pública.

Registrou, enfim, muitas práticas da vida vivida que fazem agora voltar o pensamento ao tempo passado, as quais, se aperfeiçoadas e adequadas ao presente, poderão sugerir melhor e seguro caminho para o futuro daqueles que se

dispuserem a ouvir sem ranço de egoísmo, por ser este o único capaz de forjar de modo invariavelmente defeituoso o ser humano ao condenável comodismo pessoal, político e social.

O que mais se lamenta, no entanto, são os registros alternados das ausências de entes queridos em razão do nosso legado maior que é a herança da morte. Motivo pelo qual, estejam eles onde estiverem, por nós certamente estarão também esperando.

E apesar daquele valoroso objeto de metal não ter produzido *som* e nem tampouco *imagem*, alguns de seus registros fazem, ainda, e do mesmo modo, vivenciar fatos ocorridos e atos praticados em cumplicidade com seu programador, cujas confidências haverão de ser preservadas em respeito ao sigilo profissional da advocacia.

Todas infinitas situações – publicáveis ou confidenciais – foram inventariadas com absoluta fidelidade como se estivessem ocorrendo neste exato momento, embora algumas delas, por natural, nos faz sentir ainda profunda e incontida tristeza ao ponto de, rapidamente, através de um gesto automático, virarmos a página para outros registros menos penosos serem captados em profundidade como se imagem e som também tivessem.

Por tudo que representou no passado próximo, certamente não se trata agora de homenagear um *composite video display*, e sim, simplesmente, uma notável *caneta tinteiro* que, sem pertencer ao *mundo virtual*, não deixou de agir como um verdadeiro *monitor* que recebeu e transmitiu informações de vídeo, codificadas em um único perene sinal: **VIDA ESCRITA POR QUALQUER MÉTODO É VIDA QUE SE VIVE A QUALQUER MOMENTO.**

Por tudo que representou nos combates que participou, vem agora o reconhecimento, o respeito e, por que não, a saudade de um tempo fielmente registrado, mas, que se findou para outro diferentemente ser iniciado com incrível tecnologia, proporcionando mais rapidez nas comunicações globalizadas, e cujas informações produzidas atuam como corpos estranhos para os que participaram do outro mundo mecânico, por se afigurarem estas sem alma e sem a costumeira intimidade do calor humano de outrora, apesar da *imagem* e do *som* presenciais que produzem.

20 Será, pois, o que restou para nós do passado! Não sabemos. Somente a nova prática e a nova experiência nos dirá em breve. Todavia, enquanto isso, o reconhecimento, pelo que foi e fez àquele extraordinário objeto de metal, tem que se tornar firme e valioso não somente para a geração passada e presente, mas, sobretudo, para a futura sentir com emoção a evolução cultural da espécie e dela se aproveitar para o bem e para a paz social que tanto a comunidade algumas vezes enganada e violentada ainda espera.

Agosto de 2003

A. Darci Pannocchia

Armando Attilio Colacioppo Sobrinho

A VOZ DO MEU PIANO

Este é um piano e o piano eu o comprei,  
eu comprei-o faz tempo e inda agora,  
que não lembro mais o dia e que não sei,  
porque a vista dessa transa ainda vigora.

É meu o piano e dele eu sempre admirei,  
qual sorriso alvar, as teclas quando chora,  
ou sorri, nas musicatas que eu toquei,  
nas tardinhas de verão, no tempo afora.

Quando eu o toco, e as minhas mãos, leves, deslizam  
no teclado, em que essas tardes suavizam,  
quando as músicas no ar soam tranqüilas,

ouço a voz do meu piano, e sinto nele,  
a dizer que todas as músicas são só dele,  
que como minhas eu não posso possuí-las.

SOMBRAS

Neste mundo eu não sou nada  
sou um pássaro sem ninho  
que encontrou a sua estrada  
nas sombras pelo caminho.

Sombras silentes, caladas,  
a andar devagarinho,  
na misteriosa jornada  
da vida, sem um carinho.

Em meio de tantos engodos  
o Sol nasceu para todos  
mas, a sombra a quem merece.

Na doce paz das alfombras  
encontrei por entre as sombras  
aquela de quem não se esquece.

ESTA SAUDADE...

No fundo, bem lá no fundo do meu ser  
eu sinto a falta sem fim da tua presença...

Eu sinto a falta imensa do teu sorrir  
da tua voz, dos suspiros, qual a vida.

A única razão de ter algum sentido  
esta minha existência incompreendida.

Eu sinto a falta até da tua saudade  
da saudade de tudo o que já passou...

Daquela saudade até que eu já sentia  
de pensar que fosses me deixar um dia...

Mas, tu me deixaste, não deixaste só  
que largaste esta saudade em teu lugar

NOITE ILUSTRADA

Ele era a voz do samba, que cantava  
A beleza e o sentimento, em voz pausada,  
E a própria alma da terra suspirava  
Ao encanto da sua voz emoldurada.

E esse canto a noite escura iluminava,  
Pois, que a fazia sempre emoldurada  
E, na expressão da voz, que assim vibrava,  
Passaram a chamá-lo NOITE ILUSTRADA.

Mas, um dia ele morreu e foi que, então,  
Eu que da Arte lhe era um irmão,  
Senti do peito triste a voz secreta.

E, junto ao meu piano, sinto e escuto,  
A voz da solidão. Como de luto  
Comecei a tocar na nota preta.

A COLHEITA

Eu passei a sonhar meus ideais,  
Com fé, na juventude, os seus encantos.  
E, eles foram dezenas, talvez mais,  
Que os tive amontoados pelos cantos.

Porém, já da velhice nos umbrais  
Revi os velhos sonhos, no acalanto  
Do embalo da existência que, fatais,  
Os risos transformavam-se em pranto.

E, assim passou o tempo, e um dia, velho,  
Lembrei-me do meu pai um seu conselho,  
Que sempre era atual em toda feita.

Que, quando um ideal tenhas plantado,  
Não deixes de cuidá-lo e, cultivado,  
Os frutos são opimos na colheita.

Ary Baddini Tavares

## QUERENDO SER FELIZ

Quando chegam as primeiras chuvas da primavera, as árvores não perdem tempo em mostrar que acabou a angústia da seca, que as tornou taciturnas e tristonhas. Vê-se em suas folhas rapidamente pintadas de verde, um sorriso vegetal e uma incontida agitação que pode ser facilmente interpretada como sinal de felicidade. O mesmo sinal, igualmente calado, está na expressão dos olhos e no balançar do rabo de um cão, diante da chegada de quem estima ou da proximidade de um suculento osso. Sem palavras, apenas com alguns grunhidos, ela poderá ser pressentida no olhar e no desproporcional e deselegante sorriso de um chimpanzé. Os humanos – Ah, os humanos – que sempre se julgaram únicos privilegiados no mundo vivo, começam a ver cair muitos de seus pendores exclusivos repartindo-os com seus colegas da natureza. O que os diferencia, infelizmente, não é nada positivo. Ficam como diferentes e exclusivos, apenas na capacidade de simular e esconder o que têm na alma.

Não é fácil nem agradável admitir (o pessoal do DNA já conseguiu provar) que os humanos são mais do que primos;

são irmãos dos chimpanzés. Não importa quantos genes foram modificados. O que importa mesmo é que quando nossos ancestrais conseguiram, como um dos grandes marcos da evolução da espécie, comunicar-se através de palavras, se tornou muito mais fácil para os humanos transmitir considerável parte de seus sentimentos. Apenas uma parte, já que não há dor, tristeza, amor, ódio, angústia, medo ou felicidade que caiba no limitado manejo das palavras. A cena que se descreve, invariavelmente não é a que se viu. Possivelmente a que se viu, não seja a que aconteceu. Por mais que se fale não se transmite tudo, porque o pensamento é uma trincheira funda, onde cada um, sabendo ou mesmo não sabendo, se esconde e se mantém em permanente estado de defesa. É possível que, por isso mesmo, cada pessoa continue sendo uma ilha quase inacessível, onde padece do mal da solidão, mesmo que agressivamente invadido pela considerável carga de comunicação dos tempos atuais ou cercado de incontável multidão.

32

A realização do ser humano estaria completa se ele pudesse fazer com que todos compreendessem os seus anseios, suas mágoas e suas emoções. Para isso tenta comunicar pela fala e, em certas oportunidades, pelas expressões do rosto. Falando ou calado, todos querem apenas e tão somente encontrar a felicidade. Felicidade que, provavelmente por algum preconceito ancestral, todo mundo sabe o que é, mas ninguém se arrisca a definir. Nem é preciso. Felicidade pode ser a satisfação de nossos anseios. Em boa parte é sensorial, podendo ser consequência do prazer de ver, de ouvir, de saborear, de cheirar ou de tocar. Mas não é, de jeito nenhum, apenas isso. É sentida quando existe e sua parte mais aparente e externa, pode ser um sorriso ou, às vezes, uma lágrima. É passageira e volátil como a fumaça de um cigarro. Precisa de uma nova ação ou uma lembrança, para voltar a ser

vivida. Está em todos os lugares, mas invariavelmente em nosso interior. Para cultivá-la com eficácia é fundamental viver com intensidade e vontade positiva, em todos os ambientes e em todos os momentos. Pelo menos para atender à sabedoria popular que afirma que não há felicidade mas, tão somente, momentos felizes. A luta se concentra em ligar permanentemente esses momentos, para obter uma eternidade.

Repetindo, embora se complete no interior de cada um, a felicidade pode estar, ou está, em todos os lugares, a cada momento e em tudo. É a soma disto mais aquilo, com uma pitada daquilo outro. Está nos amigos, na família, no trabalho, na casa em que se mora, no cinema, na paisagem, na temperatura amena em pleno verão ou aquecida no inverno. Está no conhaque quente e na cerveja gelada, na poltrona do avião que leva os olhos a ver paisagens distantes ou – e principalmente – na cama, para dormir ou não dormir, sonhar, imaginar ou agir. Todos têm opinião formada e dizem conhecê-la com detalhes e é uma pena que a ninguém seja dado oferecer uma receita acabada de como vivê-la. Mas alguns de seus elementos podem ser vistos, por alto, como uma receita para fazer um bolo e bastasse dizer que vai um tanto de farinha, alguns ovos, um pouco de leite, açúcar a gosto e fermento. Se quem receber uma receita assim for competente no assunto, saberá compreender e o bolo ficará uma delícia. É o que propõe este ensaio, discutindo uma proposta de receita de felicidade com alguns ingredientes que cada um porá na proporção que julgar melhor. Até porque no final e independente do resultado, terá que comer o bolo, por inteiro e sozinho.

33

### Discutindo a Receita

Há apenas uma vida para ser vivida, isto é uma certeza. Usufruir dela ao máximo é aproveitá-la positivamente em seus

diversos aspectos e em todos os momentos, dando-nos a nós mesmos as mais intensas satisfações, seja no trabalho (que deve ser encarado como componente da vida e não como castigo), na vida do lar, na observação da natureza, com sua predominância de azul e verde, na visão urbana, no carro de luxo que corre conosco como colega de congestionamento, não esquecendo de gozar os prazeres da poesia, da música, da meditação solitária plena de sonhos e fantasias, na amizade, na conversa sem responsabilidade, na leitura ou onde quer que se obtenha sensação de elevação de nosso componente mais íntimo: espírito.

34

Não tente polarizar essas sensações entre aquelas que agradam nosso sentido e aquelas que alegram nosso espírito. A maior parte das sensações agradáveis são uma inseparável fusão das duas coisas, porque a formação do intelecto humano está, desde o nascimento, vinculado ao saber adquirido pelos sentidos. A memória é o depositário de sensações que, como peças de um complicadíssimo quebra-cabeças, se fundem formando um todo completo e acabado, cheio de imagens que podem ser comparadas a qualquer momento, com outras que chegam pelos mesmos sentidos. Ao observar (sensorial) uma criança brincando no parque, a sensação de felicidade que se sente (espiritual) é consequência de registros de cenas anteriores, vividas na infância ou da lembrança de filhos, hoje já adultos. Assim, na volumosa gravação de sensações, da comparação entre elas, do raciocínio de como elas interagem, os sentidos forneceram, antes, matéria-prima para que o espírito possa gozar seus prazeres integralmente.

Reconhecer esse mecanismo é fundamental para que se possa entender porque um ocidental detestaria comer um cérebro de macaco cru, que daria um enorme prazer a um

oriental. O sabor, para ele, representa momentos em que alguém, durante os anos de sua formação espiritual, ofereceu alegremente o bendito manjar, em uma concorrida festa. A visão e o gosto, comparados com os registros da memória, trarão certamente felicidade. A quem tenha sido formado por uma visão e sensações de que os macacos são uma graça e nunca deveriam ser sacrificados para alimentação humana, o prato intragável causaria as piores impressões e comê-lo, um insuportável castigo. O raciocínio é válido para todas as reações humanas e para as diferenciações de comportamento dos diversos povos ou mesmo das diversas famílias. O que causa felicidade a um, pode ser castigo para outro.

### ○ Palco da Felicidade

Sua vida, parafraseando a canção, é um palco iluminado. Viver é representar seu papel e, mais ainda, tentar adaptar o texto aos seus anseios e à sua vontade. Mas não é um monólogo. Não basta o ator e sua fala para encenar a comédia ou a tragédia da vida. O cenário e os outros personagens geram as situações, contracenam e preparam a deixa para que desempenhe seu papel com maior ou menor sucesso. Na novela da felicidade, mais do que em qualquer outra, as mais sutis intervenções – com seus improvisos – dos outros milhões de personagens, aqui e ali, dão ou tiram o ânimo de representar bem, na interpretação de sua existência. Muito depende dele, de sua forma de desenvolver a trama, motivando os outros a vaiá-lo ou aplaudi-lo, já que todo o público está no palco. A cena se desenvolve em múltiplos cenários: a casa, com a família, a sociedade, com os amigos, a igreja, com a fé, os irmãos e os sacerdotes, o prédio com os vizinhos, o trabalho, com os colegas, o clube, com os frequentadores, a escola, com a turma e os professores e até o

35

trânsito, com os outros motoristas, com os inconseqüentes motoqueiros, com os pedestres e com os vendedores e assaltantes de farol. Em cada local ou cada circunstância, é fundamental desempenhar o papel com leveza e procurar ser feliz. Para complicar, cada grupo espera do ator um tipo de comportamento e se ele quiser ter sucesso em sua tarefa, deve adaptar-se e representar em harmonia com o espírito que rege o conjunto. Sem afetação e sem simulação, porque afetados e simulados jamais conhecerão felicidade verdadeira.

### Liberdade é a Ferramenta

36

A ciência da História pode ser considerada como a descrição cronológica dos desentendimentos, das agressões e das invasões. A evolução da humanidade correu pelos trilhos da beligerância, ao mesmo tempo em que se constituía naquilo que se pode chamar de civilização. Os conflitos acirraram a competição e o desenvolvimento tecnológico, modificaram os mapas políticos das regiões e levaram a humanidade a segmentar-se em nações, cada uma querendo ser melhor que as vizinhas. Quando o mundo alcançou a globalização, que poderia ser realmente “o fim da história”, seria de esperar que a concórdia e a colaboração viessem penetrar entre os humanos, de forma coletiva e individual, levando o mundo à paz. Entretanto, o século XXI, que começou há tão pouco tempo, já pode ser conceituado como o século do conflito. Conflitos macro, como os que levam as nações à guerra, e conflitos micro, que levam pequenos grupos de pessoas ao desentendimento, dentro das famílias, nos locais de trabalho, nos campos de futebol ou em uma mesa de bar. Desses desentendimentos, se serve fartamente a imprensa, nos noticiários policiais, nos programas populares e, até mesmo, as revistas femininas,

recheadas de fórmulas, testes e considerações sobre como conduzir o comportamento e, é claro, como ser mais feliz. Por certo, o conflito generalizado por que passa o mundo, em todos os quadrantes, tem uma de suas origens na velocidade do desenvolvimento tecnológico. É veloz demais para que o cérebro humano possa acompanhá-lo em seu todo, e cada um se sente permanentemente atrasado diante do mundo que o cerca. O mundo único da Internet e da televisão globalizada assusta e, pior, deixa a desagradável sensação de que os outros estão permanentemente avançados em relação a nós. É frustrante e desesperador, sentir-se derrotado pela falta de tempo para conhecer tudo.

Essa frustração tira a auto-estima e atinge diretamente um dos mais altos valores da humanidade, que é a dignidade humana, que consiste na presença de ferramentas que diferenciam os homens dos animais e são a fonte de sua possibilidade de ser feliz, porque assim o querem. Rompida a necessária ligação entre o ser e sua dignidade, os padrões éticos tão significativos para que as pessoas sejam felizes também sofrem um enorme abalo. Esses padrões, quando íntegros, garantem:

37

- Uma irrefreável curiosidade e uma vocação inelutável para explorar o conhecimento;

- Um componente, que discute-se lhe seja exclusivo, de ter sonhos e fantasias, que conduzem ao idealismo, reconhecendo que este é extremamente importante para a felicidade;

- O poder de, consciente ou inconscientemente, corrigir ou mudar o rumo de seus sonhos, pelo sentido crítico do senso de humor, e colocar limites reais ao idealismo, quando esse ultrapassa a barreira do razoável;

– O sentimento de que nunca deve reagir por impulso ou por mecanismos simples ante o universo que o cerca, mas possuir a capacidade e liberdade de determinar suas próprias reações e modificar, por sua vontade, quase tudo que o rodeia.

Se os humanos conseguissem soltar-se das amarras que eles próprios se impuseram e pudessem gozar de autêntica e verdadeira liberdade, com certeza poderiam encontrar com mais facilidade a felicidade que gostariam de ter. Mas a grande maioria, quase sempre, usa contra si recursos que com certeza poderiam ser a chave da verdadeira alegria de viver. Até mesmo a inteligência, acompanhada da tendência de metodizar tudo que é possível, impede o desenvolvimento integral de fazer da vida o que merece ser feito.

### 38 A Felicidade é Segmentada

Não pode considerar-se feliz aquele que tem felicidade apenas parcial ou em um único ambiente, onde se serve unicamente de um prato do banquete que a vida oferece. A realização dos anseios de bem-viver reconhecer as várias facetas da personalidade humana, oferecendo em cada uma delas a oportunidade de uma alegria e de um sorriso. O banquete da vida deve ser saboreado em todos seus acepipes, cada um com o talher que lhe é próprio. A vida familiar não obedece as mesmas regras que as do trabalho, do lazer ou da igreja. Mas cada um saberá como compreendê-las para aproveitá-las ao máximo.

A FAMÍLIA – Família lembra casa, pequena, média ou grande, rica, remediada, pobre ou até mesmo um barraco. Mas pode ser chamada de lar, se for um lar. É o repouso do guerreiro, quando não é seu principal campo de batalha. É o lugar onde quase todos passam a maior parte da vida e convivem

com as pessoas com as quais mantêm a maior intimidade. É quase certo que no convívio familiar esteja a mais importante chave para se conquistar a maior dose possível de felicidade. Desde a infância, não há dúvida.

O início é um conflito íntimo acompanhado de incertezas quanto à possibilidade de vir a conhecer o que é felicidade. Pequeno diante do primeiro universo, excluída a fase uterina, a família responde pelos momentos de iniciação, que darão segurança ou frustração e que devem durar por toda a vida. Começa com um tapa da parteira, que não é agressão, mas deixa dúvidas. É provável que os bebês iniciem a vida com lágrimas de tristeza, maltratados antes mesmo de qualquer apresentação. Não costuma demorar muito para a chegada da primeira e mais autêntica compensação: comida, melhor, bebida. A disponibilidade de leite do seio materno e o aconchego que o acompanha é o primeiro sinal de felicidade. E assim a vida vai seguindo. Entre as mamadas, a expectativa de não voltar mais e, enquanto o tempo passa, as lágrimas voltam. Em pouco tempo, a segurança vai substituindo as lágrimas e a família passa a representar o ambiente da felicidade possível, se for possível. Entre tapas e mamadas, reais ou simbólicas, a personalidade vai se formando e o velho quebra-cabeças vai se completando. Mãe, pai, crescer, sociabilizar-se em casa e na escola, aproveitar o repouso do guerreiro, pequeno ou grande, são oportunidades que não podem ser desprezadas para alcançar a disposição de ser feliz. O amor, valiosa moeda de troca, pode ajudar bastante. É preciso não esquecer de que as palavras valem muito, mas não tudo. É preciso, também, ser sensível e sutil, especialmente com as crianças ou com os que, pelo hábito, sabem identificar a sinceridade dos sentimentos oferecidos, cujo pagamento é a felicidade. Aproveitar a família para ser feliz é uma atitude inteligente.

AS AMIZADES – Por mais que a população do mundo tenha aumentado e ocupe praticamente todos os terrenos habitáveis, a solidão continua ganhando mais e mais terreno. Uma tribo com não mais que duas dúzias de pessoas, perdida no meio da selva primitiva, mantinha uma integração e harmonia de interesses, de tal forma que ninguém se sentia sozinho. Até a forma de construir as ocas, coletivas e integralmente devassadas, mantinha a intimidade e fazia com que até mesmo o ronco de cada um fosse parte de um indivisível coletivo.

40 Hoje temos que conviver com colegas desconhecidos, vivendo em suas ilhas particulares, compartilhando pedaços e escondendo o todo. A grande maioria vive em grandes coletividades, com milhões de pessoas e têm menos amigos que os índios das pequenas tribos. O que eles têm em comum e os infelizes das grandes cidades não, é o interesse comum e o gosto uniforme. Praticamente todos pensam da mesma forma, sobre as mesmas coisas. É possível que esta seja a fórmula, desde que convenientemente utilizada. Como o complexo homem urbano tem muitas facetas, deve procurar amigos onde cada uma delas possa se identificar. Se tem uma religião, na faceta religião deve conviver com seus pares, evitando falar de outros assuntos, onde possa encontrar resistência ou conflito. No esporte, deve procurar a turma que tem as mesmas preferências. Se gostar de pagode, não adianta procurar os clubes de rock'n'roll. Assim, somando amigos parciais ou, mais exatamente, setoriais, poderá viver agradavelmente em todos os ambientes em que circula, aproximando-se da felicidade que deseja. Viver as múltiplas facetas de que se compõe a personalidade humana pode parecer algo muito complicado, mas, na realidade, sem perceber, é um caminho que

normalmente as pessoas já trilham, sem entretanto reconhecer que o fazem. Muitos, inadvertidamente, se restringem a um pequeno ambiente, concentrando suas amizades apenas ali, como, por exemplo, ter todos os amigos exclusivamente entre colegas de trabalho, não cultivando outros, em outros locais. A aposentadoria ou a dispensa poderá custar-lhes o isolamento e a solidão. Para os aposentados solitários, a sociedade tem oferecido uma alternativa bastante interessante que é a programação especial para a terceira idade em que, concentrando idosos com o mesmo problema, permite novos e interessantes círculos de amizade e de convívio, receita segura contra a tristeza da solidão.

O TRABALHO – Desde os primórdios da vida tribal, a humanidade reconhece no simples ato de produzir uma satisfação. A alimentação, produto da caça, da pesca ou da cata de frutas no passado, ou a geração de bens e serviços na sofisticada vida moderna, dá a quem produz a sensação extremamente agradável de supridor da sociedade e consequentemente, de ter cumprido seu dever. Antes de ser um castigo ou um sacrifício, o trabalho é um direito do homem. Ocupa a maior parte do tempo desperto e o local onde se trabalha é onde se realiza, para a maior parte das pessoas, o mais intenso relacionamento em sociedade. Muito da felicidade depende dessa atividade cuja falta, por incapacidade ou simplesmente pelo desemprego, tira grande parte da alegria de viver e torna os indivíduos amargos e depressivos.

No local de trabalho de cada um, se encontra a melhor oportunidade de formar a grande parte do estoque de amigos pela convivência, pelo interesse comum, pelas mesmas dificuldades e pelo intimismo dos ambientes mais ou menos fechados. Isso dependerá de uma enorme compreensão,

principalmente pela troca de sentimentos sinceros, lealdade e companheirismo. Estimulado nos tempos atuais, depois do reconhecimento de que a qualidade humana dos ambientes de trabalho é significativamente importante sob o aspecto de eficiência e eficácia, tem havido por parte das empresas uma séria e bem intencionada tendência em oferecer mais liberdade aos seus colaboradores, motivando o lado social e reduzindo as pressões de feitorias, tão em voga no século passado. Mas não basta um ambiente feliz. É necessário que cada um, em seu próprio interesse, procure intensificar e multiplicar a permuta de boas ações, de alegria e de compreensão, para que a acirrada competição pelo sucesso não resulte no fracasso da busca do mais valioso dos resultados: a felicidade.

42

A SAÚDE – Parece óbvio: para estar bem, é preciso estar bem. Para ser feliz, é preciso que se preserve a saúde física e mental, usufruindo os prazeres da vida em todas as suas nuances, e reconhecer que as doenças são um preço inevitável da própria existência. Essa compreensão da realidade pode mitigar os desconfortos, as dores e o sofrimento. Basta observar no entorno para ver muitos de nossos semelhantes dando o exemplo claro de que as doenças, se compreendidas, não são capazes de gerar infelicidade. Entender as limitações e aceitar que o que resta ainda tem muito valor é a fórmula do sorriso de tetraplégicos, da alegria esfuziante de cegos e da paz transmitida por idosos, vencidos no corpo mas vitoriosos no espírito. Observando sob outro aspecto, há uma inegável correlação entre o otimismo das pessoas em estado de felicidade e sua saúde. Os infelizes, naturalmente depressivos, são facilmente atingidos pelos males e vivem em permanente estado de doença. Os mecanismos psicossomáticos do complexo organismo humano costumam realizar alterações profundas em quase todos os órgãos do corpo,

provocando desde enfartes até as mais diversas formas de câncer, passando por alergias e outros males menores. Em síntese: se a saúde torna as pessoas mais felizes, também a felicidade pode tornar as pessoas mais saudáveis.

O LAZER – Lazer, com o significado de diversão, está onde se quer, sob a forma que se deseja. Para quem gosta de viajar, viagem. Para quem gosta de cinema, filmes em profusão. Para quem quer dançar, muita música e muito ritmo. Muitos asseguram que o principal lazer está vinculado ao trabalho que desenvolvem, usando a frase “quem faz o que gosta, não trabalha”. Todos têm razão. Nem sempre é necessário sair daquilo que se faz no cotidiano para que se tenha lazer. Os exemplos são muitos, mas os mais conhecidos são de profissionais de futebol que se queixam quando têm duas partidas na mesma semana e utilizam suas folgas para uma boa pelada na praia. Ou do cineasta que viaja para outros países enfrentando qualquer sacrifício, para ir ... ao cinema. De qualquer forma, um dos piores negócios que alguém pode fazer é vender suas férias. Mesmo que não tenha que sair em excursão e passe os dias curtindo exclusivamente o ócio, é preciso lembrar que esta também é uma forma de lazer. Curtir o ócio, sabendo como fazê-lo é uma das maiores capacidades da natureza humana, na busca do prazer de viver. Em suma, a felicidade mora onde se quer que more e quase nunca tem uma única morada.

43

A ESCOLA – Como primeiro contato com a vida fora do ambiente familiar, assistencialista e restrito, a escola tem um papel importante na formação da personalidade social de cada um e, conseqüentemente, na forma otimista ou pessimista de ver e viver sua existência. A tendência de fazer cada vez mais

cedo a matrícula das crianças nas escolas, no início de seu processo de compreensão, mostra com interessante antecipação, a realidade da vida como ela é. A sociabilização, que implica convívio e divisão de pertences e direitos com tantos e diferentes colegas, se por um lado estimula o senso de competitividade, ensina como suportar a derrota e como não vangloriar-se das vitórias. O prosseguimento dos estudos, até a idade em que a adolescência acaba e começa o definitivo embate pela vida, vai formando o caráter, enquanto acrescenta cultura e compreensão da realidade. A atividade de aprender não esgota a enorme participação da escola na vida de cada um. Por representar a atividade fundamental das mais viçosas idades, iniciando-se na infância saltitante e ultrapassando a adolescência dançante, são os melhores anos da vida, têm mais probabilidade de serem os mais felizes e deixam as melhores recordações. Manter até onde seja possível a amizade dos colegas desse tempo e recordar os alegres momentos vividos, pode ser um bálsamo quando a vida ousar uma agressão.

OS VIZINHOS – A comunidade próxima está se distanciando cada vez mais. A pachorrenta vida de nossos avós, onde a vizinhança se visitava e onde as cadeiras colocadas à porta, enquanto a vida passava lentamente pela sua sem calçamento, era felicidade. Os tempos mudaram demais, atingindo o âmago da maneira de morar e de relacionar-se. Vive-se hoje em caixões empilhados, maiores ou menores, e os eventuais encontros calados se dão nos elevadores ou quando os carros se cruzam nos portões dos estacionamento. Os mais educados movem a cabeça, tentando simbolizar um cumprimento. A maioria, nem isso. O único encontro ocasional é nas oportunidades das intragáveis assembleias gerais, quando poucos e arrogantes vão reclamar, protestar e discordar. As

exceções estão em alguns edifícios ou conjuntos, geralmente com moradores de renda mais modesta e que acabam se entendendo, se reunindo, aproveitando e transformando o recursos de lazer que possuem em verdadeiro clube de convívio. Nos apartamentos de maior valor, aquela parte que foi intensamente anunciada para valorizar mais o empreendimento não é utilizada, a não ser para manutenção e conservação, só tendo vida nas prestações de contas do condomínio. As moradias isoladas são efetivamente isoladas. Ninguém se vê e ninguém se sabe, cada um em seu impenetrável casulo com cercas eletrificadas e cabinas de segurança nas portas. Se Aristóteles os conhecesse, não teria coragem de afirmar que o homem é um animal social.

Só há vizinhos nas pequenas cidades. Se conhecem e se confrontam, mas vivem uma vida coletiva e, provavelmente por isso mesmo, são mais felizes. Até mesmo nas sub-moradias da periferia, o relacionamento é mais intenso e há mais encrencas com mais solidariedade. As encrencas são a infelicidade ocasional enquanto a solidariedade representa a felicidade permanente.

A RELIGIÃO – Não há criação sem criador e é muito difícil que haja um ateu tão verdadeiro que acredite ter sido criado, assim como o imenso universo que o cerca, simplesmente pelo nada. Instintivamente, desde os primórdios da compreensão, os homens têm sido levados a crer em algum ser superior que não só os tenha criado, como ainda assume a responsabilidade por cuidar deles, oferecendo a luz e o calor do sol, as chuvas, os rios e as plantas e animais que lhes serviam de alimento. Os deuses invocados pelos homens foram evoluindo, conforme evoluiu a civilização, restando na atualidade um só Deus, mesmo que visto por um sem número

de religiões amparado por múltiplas teologias e considerável número de interpretações. Não há como ignorar o valor da fé e da prática religiosa na composição da felicidade. É um bálsamo para os desesperados e a esperança para os que pretendem dias melhores, neste mundo ou no outro. Cabe apenas ressaltar que religião pode se tornar uma faca de dois gumes. O fanatismo pode escravizar e a crença racional pode libertar. Certamente Criador nenhum, com a grandeza de poder criar um universo inteiro, faria o homem pensante apenas e tão-somente para louvá-lo e deixar que a vida escorresse pelo tempo sem qualquer objetivo. A melhor solução é seguir o ensinamento dos antigos sábios, usando a religião como se usa o sal nos alimentos: o suficiente para dar tempero à vida, sem entretanto salgá-la ao ponto de torná-la insuportável.

46

### XÔ, TRISTEZA !

Mesmo que todo esforço seja despendido para que se possa encontrar a felicidade, é necessário compreender que ela não depende exclusivamente de nosso limitado mundo interior. O mundo que nos cerca, a realidade externa a cada um, conspira permanentemente para oferecer razões e motivos para angústias e frustrações. É uma pena que a vida não seja um perpétuo mar de rosas e ofereça a todos, sempre, a possibilidade de contornar imediatamente todos os problemas e encontrar a realização dos sonhos e das ambições. É o fantasma do desemprego, da traição, da insegurança e de tantas outras formas de agressão que tiram o sono e a paz que leva a ele. A capacidade humana para contornar os problemas, quando não tem como ou não tem poderes para eliminá-lo, está dentro de si mesmo, mas, para encontrá-la é necessário desenvolvimento de muita vontade e alguns mecanismos de condução do pensamento.

A vida de cada um se desenvolve, não diante de uma,

mas de três realidades diferentes: a realidade exterior, a interior e a da fantasia. Cada uma, com características próprias e mecanismos também próprios de ação. A realidade exterior é imensa e composta pelo mundo que nos cerca, que nos alegra e que nos agride. Existe independente de cada um, que a compartilha com todos. A realidade interior é caixa onde se conservam os pensamentos e, em última análise, contém a intimidade do eu. É sensível e nela se depositam as frustrações, as angústias e também as determinações de agir. A terceira realidade, tão verdadeira como as demais, guarda as memórias do passado, como nós as registramos, se as registramos, e as perspectivas do futuro, tanto o futuro provável, que acontecerá com muita certeza, como o de expectativa, que talvez aconteça dependendo de eventos e ações. E, adicionadas a tudo isso, as fantasias propriamente ditas. Estas últimas são sempre criações individuais, onde cada um constrói as suas, vindo a ocupar o centro da cena e invariavelmente sendo os vencedores. As fantasias heróicas são ilimitadas e podem ser construídas em capítulos, como nas novelas de televisão.

47

Com exceção das fantasias, as outras realidades podem ser agressivas e gerar insegurança, frustrações ou simplesmente tristezas. A melhor forma de se livrar delas é fugir para outra realidade que seja agradável e permita se livrar do incômodo e da fixação do pensamento que vem afligindo e tirando o sono. Os exemplos são simples e sobejamente conhecidos de todos. Se a perda de alguém nos entristece, porque a realidade exterior atingiu repercussão na interior, é possível que ir ao cinema assistir uma comédia seja uma fórmula correta de livrar-se do peso da emoção, pelo menos durante algum tempo. Se a realidade exterior é agressiva, as pessoas podem esconder-se na realidade interior. Esta foi a atitude que os primeiros mártires

48 cristãos decidiram tomar para não temer o leão que os devoraria. Sair da realidade externa ou interna para o mundo da fantasia é bem mais complicado e certamente depende de algum grau de exercício. Não basta ter apenas um bom pensamento: é necessário desenvolver uma situação que possa continuar e penetrar na fantasia que criou, antes de pegar no sono. Quando a realidade exterior ou interior for agressiva, esforce-se para viver a fantasia, não esquecendo que a preocupação que perturba tenderá a voltar à tona e tomar o lugar, novamente, do pensamento. Com algum esforço, deve-se insistir no retorno, para viver a felicidade da história criada. Este método pode apresentar alguma variância. Como, por exemplo, o tradicional “deu branco” diante da tensão motivada por uma prova difícil ou importante. É uma forma de agressão externa e, para afastar-se dela, basta fechar os olhos, ir até a fantasia e permanecer nela até que a tensão alivie. O “branco” desaparece. O método de esconder-se em outra realidade não é milagroso nem definitivo e seus resultados dependerão da capacidade de concentração de cada um. Porém, até o esforço para a volta é uma experiência feliz e, se não vier a paz ou o sono perdido, pelo menos a tristeza irá perdendo a força, até ficar apenas na memória do passado.

A. Ibrahim Khouri

## DESENCONTRO

O passado é uma longa passarela,  
nela uma figura não se apaga,  
faz parte do destino – minha saga –  
por onde desfila, ousadamente, o corpo dela.

Há tanto, essa musa me acompanha,  
o ponto de encontro é solidão  
e nesta vida tão cheia de artimanhas,  
seus olhos dizem sim, sua boca não.

## CORPO – ALMA

No meu coração há lugares desiguais;  
um horizonte, um mar sem porto  
e nas minhas profundezas abismais,  
um vulcão quase extinto e morto.

Mas quando você, tão frágil, emana,  
uma palavra e vence minha resistência,  
tornando linda a sobrevivência humana:  
– Amo-o! Uma palavra – A essência.  
E assim fixa em mim, tão vivamente,  
como um símbolo, um arquétipo  
e consciente ou inconscientemente,  
provoca meu pobre intelecto.

Por isso quando vejo lá na rua,  
uma mulher bela, meiga, feminina,  
vem-me à mente a imagem sua,  
tão infernal... e tão divina...

## DESVENTURA SOLIDÁRIA

Há uma funesta imagem refletida,  
O encanto que nos uniu, se apagara,  
sobrou na face, além do luto em vida  
a tristeza estampada em nossa cara.

De saldo! Temos a infelicidade conjunta,  
estranha dor de mim se apropria,  
o que nos unia, não mais nos junta,  
somos dependentes de forma doentia.

Bem sei, não sou o monumento perfeito,  
esculpido pra agradar quem me rodeia  
e receber a aprovação da tirania,

De sonhos, carne e osso eu fui feito  
e o sangue que navega nestas veias  
clama por um pouco de paz e harmonia.

## ENTRE A CLARIDADE E A SOMBRA

... Ah, quando o meu corpo cai,  
quando cansado, só, deito-me  
pra descansar, você, em forma de lembrança,  
surge querendo amar.

E diante da jóia perfeita,  
da formosura de uma peça inteiriça,  
não há resistência,  
a procuro, abraçando-me, solitariamente,  
na escuridão do meu quarto abandonado  
e adormeço com o pulsar forte do coração.

... Sei que deste amor não saio ileso  
e como evitar, se todo dia,  
os meus olhos por você ficam acesos  
ascende-me, você, a fantasia!

Ah! Como é bela a explosão da carne,  
Que magia! O poeta que anseia  
possuir aquele corpo de sereia,  
que o domina, aquece e arde,

Como é bom nutrir um sentimento,  
este tênue lume que me encarde,  
como sangue meu correndo às veias,  
suavizando meus dias, preso às peias,  
embora, sem saber se é cedo ou tarde.

Mas, que importa meu sol no seu declínio!  
Se a parte melhor do meu cenário  
é ver o sonho, mantendo-a em meu domínio,  
transformando em real o imaginário.

DEVANEIO

Ah, doce ilusão da vida,  
do sonho já sem aurora,  
o belo ficou lá fora,  
o vejo só da janela.

Parece estar do meu lado  
cuidando das minhas feridas,  
esta lembrança querida,  
lá no quintal do passado,

onde plantei meu segredo,  
meu sonho, meu doce fado,  
a flor! Que belo arvoredor!  
– versos que têm me embalado –

é fogo ardendo na pira,  
sem sombra causando medo,  
o peito geme e suspira,  
no sol já posto da tarde,  
e entre tantas mentiras,  
eu penso em nossa verdade,  
que saudade! Que saudade!...

EU... EMOÇÃO... RAZÃO...

Estes dados inseguros do presente,  
tornam, vacilantes, meus sentidos.  
São frutos de um ramo originário,  
percebo-os quando escrevo, silenciosamente,  
tentando encontrar meu eu perdido,  
a um só tempo mutável e permanente,  
um prisioneiro na unidade dos contrários.

Ora na louca euforia, sinto a vida,  
ou na forte angústia, a luz da morte.  
Em curto tempo, as duas realidades:  
quando uma se incorpora, atrevida,  
– um farol, um porto, um novo norte –,  
a outra, em mim tão ofendida,  
submerge-se às fontes tão incertas,  
como nas tristes ilusões, a liberdade.

Mas, enche-me o vazio a descoberta,  
pois, entre sonhos, desejos e lamentos,  
a fantasia! Um nada! É o que temos  
e meu corpo, ora ágil, ora lento,  
equilibra-se entre as forças dos extremos.

VONTADE DE VOCÊ

Estão sequiosos os meus sentidos,  
com uma vontade louca de sentir você,  
meus olhos, minha boca, meus ouvidos,  
todos a reclamarem. Por quê?

— Ela deveria estar aqui, grita o tato.  
— Calma! Calma! Ela virá, diz a visão.

E, assim, ficam eles tão aflitos,  
procurando por você na multidão.  
Tal qual bicho da seda, vai tecendo,  
meus sentidos vão, assim, fazendo planos  
e sem receio de mais um desengano,  
vejo a claridade no céu aparecendo.

O encontro será numa tarde bela,  
em que terei o céu, a terra, o universo,  
e meu corpo, sobre o seu, fará mil versos,  
até que o dia se apague na janela.

CREPÚSCULO

É dia, o céu escuro causa medo,  
parece que tudo termina agora,  
a chuva que começou, hoje, tão cedo,  
dá-me a impressão que a tarde chora.

Da janela, poças d'água no chão,  
o semblante enrugado, a espera vã,  
continua a chuva, folhas caindo vão,  
tremem árvores vazias como eu sem amanhã.

Mas, já houve sol, borboletas, primavera  
e foi por tê-los intensamente sentido,  
que vivo o medo, não sem motivo,  
seguindo a última fila de espera.

FLÁVIO CLETO GIOVANNI TROBETTI

PRÓLOGO

Às páginas tantas...

Papéis amarelados que encontrei esquecidos.  
– Folhas perdidas,  
palavras que o tempo esmaeceu  
que apenas viveram o instante  
fugaz das emoções.

58

– Vibrações, sombras das sombras, murmúrios e  
luzes

diluídos;  
sonhos olvidados, flutuando nas águas do tempo  
como vestígios de mil naufrágios. –

Poemas

MENSAGEM PERDIDA

Passa a caravana errante,  
silhuetas, vultos, sombras pelo oceano do tempo,  
em busca da verdade;  
passam

Reis,  
Poetas,  
Soldados,  
Loucos,  
Filósofos,  
Mendigos.

A noite sucede o dia  
no pêndulo que assinala o interminável.  
No portal do templo em ruínas,  
o velho filósofo em sua túnica desbotada  
vai escrevendo com o seu bastão na areia do pátio  
a mensagem que o vento em suas rajadas  
vai apagando...  
Nada fica da doutrina,

59

De ponderações,  
De argumentos,  
De sùmulas,  
De teses;

O bastão vai gravando na areia  
em rangido suave,  
e o vento indiferente, em suas rajadas,  
vai apagando.

LAERTE ROMUALDO DE SOUZA – in memoriam

ANSIEDADE

Fugiste; eu fugi, nos separamos.  
Vivo tristonho a mágoa que devora.  
Conto os minutos, os dias, conto as horas,  
nesta lembrança doce que encontramos.

Diviso a praia imensa que me assombra,  
ao pensar que, talvez, já não me queres.  
Quero esquecer-te, vendo outras mulheres,  
quantas mais vejo, só vejo a tua sombra.

60

O pejo prende os gritos na garganta,  
a alma, triste, abalada, já se cansa,  
pois, não permite as lágrimas correr.

Quero dizer ao mundo que te adoro,  
longe de ti só sei que sofro e choro,  
junto de ti pouco me importa morrer.

Poemas

CRIADOR

Deus não criara o homem e a mulher,  
a terra, o mar, a flora, os animais;  
criou-se desfolhando o bem-me-quer,  
dormindo, projetou-se, nada mais.

Procurando encontrá-lo na ternura,  
nos anseios de amor, fremidos ais,  
de um fez dois, pra uma só ventura,  
desfolhando o mal-me-quer, uma vez mais.

61

VANDA FAGUNDES QUEIROZ

POLICROMIA

Nesta profusão oculta de sentires  
que aconchego e acalento com ardor,  
não estranhes quando acaso descobrires,  
misturada a tanta cor, a tua cor.

62

Se entre as ânsias de minha alma um dia ouvires  
um som que possa a um lamento enfim se opor,  
é tua a voz! E feliz quando me vires,  
da alegria que eu sentir serás credor.

No cinzento do meu peito, mil ruanças,  
cor de rosa e de esperança, tantas por.  
Com teus olhos, as tormentas são bonanças;

por tua mão, o agudo espinho é fina flor.  
A mistura policroma já não cansa  
quando, em meio a tanta cor, há a tua cor...

Poemas

ILOGISMO

Coisas simples por vezes têm magia;  
minúscula porção – eis que é bastante  
a tornar toda pequenez gigante  
e inundar meu mundo de alegria.

A ave canta, a alma canta. A alma é poesia,  
vez ou outra: eis o amor de mim adiante.  
Há no ar perfumado um som cantante.  
Olho o céu, vejo Deus. A noite é dia.

Arbitrários, em preciso sentimento!!  
Sublima meu instante, breve ou lento,  
mas se vem... quando vai... não dá certeza.

Bem assim acontece outro momento  
em que quero sorrir. Forcejo. Tento.  
E, sem saber por que, tudo é tristeza...

63

Bismael B. Moraes

## 40 ANOS: UMA LEMBRANÇA

Nos anos 60, mais precisamente em 1963, na Guarda Civil de São Paulo (que foi extinta pela ditadura, em 1969, porque seus integrantes votavam e eram votados, sendo policiais civis uniformizados e hierarquizados, a serviço da população), tive a oportunidade de conhecer o amigo **DORGIVAL SILVA ARAÚJO**, mais um nordestino na Capital Bandeirante. Ele, da Paraíba; eu, de Pernambuco. Nossa graduação, na época, era a de **Classe Distinta** (espécie de "1.º Sargento" da Guarda Civil, com uniforme nos moldes da polícia norte-americana).

Juntos, muito trabalhamos nas ruas de São Paulo e, depois, como guardas-intérpretes de inglês, patrulhamos no Aeroporto de Congonhas, no Correio-Geral, no Museu do Butantã, no Museu do Ipiranga e em outros lugares de destaque. Mais tarde, em 1966, estávamos os dois, mais os guardas-civis Donato Ohashi e Leonardo Barros, juntamente com o Inspetor Hugo e o Inspetor-Chefe Brito, trabalhando no Ponto IV, da Aliança para o Progresso, na antiga Escola de Polícia de São

Paulo, em auxílio aos norte-americanos Peter Costello, Roy Stigberg e James Lewis, policiais aposentados dos Estados Unidos, que não falavam português.

Foi aí que conheci a veia poética do amigo DORGIVAL. E, por essa amizade de 40 anos, e hoje como pais e avós que somos, lembrei-me de uma poesia de cordel, por ele escrita e a mim dedicada, falando de um certo ministro (cujas iniciais eram J.M.), que, como político nordestino, ávido pelo poder, serviu à ditadura. Faço, agora, publicar os versos **Juriti Chicão**, apelido que demos a referido ministro, como uma lembrança daquela época. Vejamo-los.

## JURITI CHICÃO

68

de Dorgival Silva Araújo

(Colaboração de um poeta Paraibano, em memória de um antigo ministro do Nordeste, em 1966, versos oferecidos ao amigo nordestino Bismael B. Moraes, no escritório do Ponto IV, da "USAID", na antiga Escola de Polícia de São Paulo, da Rua São Joaquim, Bairro da Liberdade, na Capital de São Paulo)

### I

Se me lembro, Seu Chicão,  
tu vieste de pais pobres,  
que nada tinham de nobres,  
a não ser a intenção...  
De, através de uma cabrita,  
mais magra que uma fita,  
de úbere já enrugado,  
(de tanto ser maltratado

pelos dedos de teu pai),  
te criar, teres um nome,  
antes mesmo que a fome,  
viesses um final te dar...  
Porém, tu já esqueceste...  
Esqueceste quem foste,  
esqueceste tua mãe,  
esqueceste teu pai,  
esqueceste teu irmão,  
esqueceste tua dor,  
esqueceste a cabrita  
que te amamentou...

### II

Oh, Chicão, tu não te lembras  
(pois já eras molecão)  
que teu pai, de madrugada,  
com a caneca na mão,  
ao lado da cabritinha,  
no úbere da coitadinha,  
os quatro bicos puxando  
pela mão, escorregando,  
um seringava, outro não ?  
Porém, tu já esqueceste...  
Esqueceste quem foste,  
esqueceste tua mãe,  
esqueceste teu pai,  
esqueceste teu irmão,  
esqueceste tua dor,  
esqueceste a cabrita  
que te amamentou...

69

## III

Por falta de leite,  
 morreu o cabrito...  
 Teu irmão, raquítico,  
 também faleceu...  
 Mas tu, já crescido  
 e bem alimentado,  
 ficaste sabido  
 e até bem atirado...  
 E, nesta cidade, tu,  
 todo cheio de maldade,  
 vieste parar, sem vacilar...  
 Esqueceste quem foste,  
 esqueceste tua mãe,  
 esqueceste teu pai,  
 esqueceste teu irmão,  
 esqueceste tua dor,  
 esqueceste a cabrita  
 que te amamentou...

## IV

O leite de cabra é forte,  
 pois livrou Chicão da morte  
 e lhe deu vivacidade,  
 e o fez dono da cidade...  
 Com o suor do operário,  
 tornou-se milionário.  
 Fez palácio com piscina,  
 e vê o povo, lá de cima...  
 Hoje, ele é fazendeiro,  
 anda nadando em dinheiro.

Leite tem, em abundância,  
 e esqueceu sua infância...  
 Esqueceu quem foi,  
 esqueceu sua mãe,  
 esqueceu seu pai,  
 esqueceu seu irmão,  
 esqueceu sua dor,  
 esqueceu a cabrita  
 que o amamentou...

## V

Na casa de Seu Chicão  
 tem "play ground" e não terreiro.  
 Com "a cabra no chiqueiro",  
 hoje, ele é homem que pode...  
 Não quer mais saber de bode.  
 Seu negócio é boi de raça,  
 que, pra fazenda, é enfeite.  
 Milhão, pra ele, é confeito.  
 E, lá para suas bandas,  
 ninguém com ele demanda...  
 Não há seca, nem estio.  
 Basta dizer que o rio,  
 que passa por suas terras,  
 se o preço não subir,  
 a água corre com leite...  
 Porém, Chicão, de nada  
 em sua vida se lembra...  
 E esqueceu sua infância...  
 Esqueceu quem foi,  
 esqueceu sua mãe,

esqueceu seu pai,  
 esqueceu seu irmão,  
 esqueceu sua dor,  
 esqueceu a cabrita  
 que o amamentou...

## VI

Chicão, muito sabido,  
 escolheu o seu partido  
 e fez a politicagem:  
 Deu almoço em homenagem  
 aos grandes politiquinhos;  
 associou-se a banqueiros.  
 Vivia com deputados,  
 senadores e letrados...  
 Quase um saco de dinheiro  
 foi gastar no estrangeiro,  
 pra se fazer conhecido  
 como sendo o preferido  
 pela massa popular.  
 Depois de muito gastar  
 (tudo o que não era seu),  
 ele mesmo se elegeu,  
 com ajuda do prelado,  
 que também foi embrulhado,  
 e se disse convencido  
 de que o povo sofrido,  
 muito em breve, teria  
 aquilo que merecia  
 e que sempre almejou...

## VII

Chicão, agora, é doutor;  
 prega o trabalho, amor,  
 a honestidade e tudo...  
 Diz que o país, sem estudo,  
 nunca poderá seguir  
 o seu destino brilhante,  
 a passos de elefante,  
 que é o de produzir  
 o pão, a carne e o leite...  
 Mas, Seu Chicão esqueceu  
 que ele nunca aprendeu...  
 Se a alguns ele agita,  
 agradeça à cabrita  
 e ao pobre que trabalha,  
 que o trigo dele espalha...

## VIII

Acionando o chicote,  
 como se fosse seu dote,  
 seu Chicão ainda esquece  
 que o trigo dele desce  
 todo para o estrangeiro,  
 e que seu boi é dinheiro...  
 E que o leite faz lembrar  
 da sua velha cabrita,  
 que chorava, muito aflita,  
 por sua inocente cria  
 que, guisada, morreria,  
 pra fazê-lo diplomata...  
 Mas ele se faz de ingênuo,

e ao povo, como prêmio,  
 ele ignora e esquece...  
 E esquece sua infância...  
 Esquece quem foi,  
 esquece sua mãe,  
 esquece seu pai,  
 esquece seu irmão,  
 esquece sua dor,  
 esquece a cabrita  
 que o amamentou...

## IX

Seu Chicão de tudo esquece.  
 Justiça a isso merece:  
 a de que a sua mente  
 sempre conserva, bem quente  
 e claro, o compromisso,  
 de, em um banco suíço,  
 armazenar o seu ouro,  
 e diz que não vai desdouro  
 algum, para o seu torrão,  
 guardar dinheiro na mão  
 ou mesmo na **algibeira**  
 d'uma potência estrangeira...  
 Outra coisa que lhe põe  
 o cérebro a funcionar  
 é quando vai despachar  
 toda lei, que, na verdade,  
 pra alta sociedade  
 seja muito protetora,  
 contra o proletariado,

que já vive sufocado,  
 com fome, frio e cansaça,  
 de ouvir tanta besteira,  
 de sofrer tanta opressão!  
 É de partir o coração!  
 Mas, Seu Chicão tudo esquece...  
 Esquece quem foi,  
 esquece sua mãe,  
 esquece seu pai,  
 esquece seu irmão,  
 esquece sua dor,  
 esquece a cabrita  
 que o amamentou...

## X

Pra ele, tudo é presente...  
 Vive sorrindo, contente...  
 Mas, esquece da criança  
 que, sem nenhuma esperança,  
 do seu leite não esquece  
 e, fraca, sem forças, cresce,  
 sem dinheiro e sem cabrita,  
 no seio da sua **mãe-fita**,  
 com o desespero da fome...  
 Mas, a mãe também não come  
 para o seu leite gerar...  
 É pai e mãe a chorar,  
 pois a criança, a sofrer,  
 está fadada a morrer...  
 Porém, Seu Chicão nem liga:  
 prefere fazer intriga,

viver de papo pra cima,  
passear, mudar de clima...  
E, no tempo da eleição,  
perante a multidão,  
dizer que é contra a guerra,  
contra a fome ou quem erra,  
contra o leite da cabrita,  
contra tudo, contra a grita  
que o povo faz na cidade...  
Mas, sua hereditariedade  
e a Providência Divina  
fazem que Chicão esqueça,  
por hora, que desafina...  
E seu brado cai por terra!  
E, para surpresa de todos,  
em vez de falar, ele berra!

## POLÍCIA: PARA O POVO OU PARA GOVERNANTES?

(\*)Bismael B. Moraes

A Filosofia nos leva à reflexão, em busca da verdade do pensamento e das idéias. A História, que é ciência e não mente, registra os fatos e os transmite à posteridade. A Sociologia, filha da Filosofia, analisa os seres humanos, suas tradições e seus costumes. Das tribos mais antigas, passando pelos clãs, feudos e principados da Idade Média, chegamos à figura do Estado. O Estado, como entidade imaginada e criada pelo ser humano, organizando politicamente a sociedade, visa ao bem coletivo. Mas esse mesmo Estado, com toda a sua estrutura jurídica e o seu requinte, depende dos indivíduos, estes, com vícios e virtudes.

No que tange aos governantes, escreveu o professor Bernard Chantebout, mostrando que o Estado é um “fenômeno que nasce da profissionalização da política”, e fala da

---

(\*) BISMAEL B. MORAES, advogado, mestre em Direito Processual pela USP, professor da Academia de Polícia de São Paulo e da Faculdade de Direito de Guarulhos; Ex-presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo, autor de 12 livros e mais de 200 artigos.

“ambigüidade das relações entre o poder social e o poder governamental”. Analisando a figura do príncipe investido no poder de repressão – como qualquer governante de hoje –, diz que “ele dispõe da polícia e do exército, e dos poderosos meios financeiros, e é colocado, em relação a cada pessoa, numa situação de superioridade”; por isso, “é impossível que, nessa situação, alguém se sinta realmente a serviço de quem quer que seja, quando não é preciso prestar conta a ninguém”.

Os ditadores, tão criticados pelos “democratas de ocasião” (que, no poder, também têm seus pensamentos “ditatoriais”), aprenderam os conselhos de Maquiavel e foram – e ainda são – pródigos no uso do poder, nele se travestindo com frequência; por isso, ouvimos expressões como “a polícia de Stalin”, “a polícia de Tito”, “a polícia de Salazar”, “a polícia de Mussolini”, “a polícia de Franco”, “a polícia de Perón”, “a polícia de Getúlio”, “a polícia de Duvalier”, e tantos outros exemplos.

Composta por seres humanos, vários dos integrantes da polícia, aproveitando-se dos desvios morais dos governantes e visando a promoções pessoais, “esqueceram” a importância social da instituição policial e aceitaram, em muitos casos, a condição de “*longa manus*” dos donos do poder, confundindo subordinação administrativa com subserviência, agindo como “cães mandados”, como se fossem empregados do governante e não estivessem a serviço do bem coletivo.

Hoje, muitas pessoas que, sem estudar e analisar as finalidades do trabalho policial, calcadas em notícias estrangeiras, onde a polícia é municipalizada, defendem o policiamento comunitário, que, no Brasil, trata de estacionar viaturas ou construir postos fixos em algumas praças ou esquinas, deixando os policiais à espera de que o indivíduo seja furtado, roubado, ou agredido, e corra ao local, pedindo ajuda

depois que o crime aconteceu. Isso é cretinice. Já houve a insegurança.

O policiamento uniformizado de rua deveria ser permanente – dia e noite –, com viaturas em movimento, **fazendo prevenção** (para evitar a prática dos crimes), pois não adianta chegar ao local quando os fatos já são irreversíveis, com prejuízos humanos e materiais, que só servem para “estatística” da insegurança (rentável, política e economicamente). Não será com a mudança de farda e de nome da polícia que a segurança pública vai melhorar. É necessária a **mudança de mentalidade e formação**, preparando o policial uniformizado para fazer o verdadeiro policiamento preventivo: uma viatura, com apenas dois policiais, em baixa velocidade e rastreada pelo centro de controle, com o mapeamento das ruas e o planejamento da prevenção, passando em frente das casas a cada 30 minutos. E mais: não havendo viatura, o policial uniformizado deve cumprir o seu horário a pé, fazendo até 6 quilômetros por hora. Portanto, a cada hora, um patrulheiro terá condições de realizar o policiamento preventivo entre seis a dez ruas, passando em frente das casas, no mínimo, a cada hora. A prevenção é possível, se o governo se dispuser a isso.

Há, ainda, a errônea idéia de certos governantes em achar que a segurança pública se faz apenas com homens armados e veículos. Mas não adianta uma arma e um carro nas mãos de um policial despreparado e desmotivado, passando por privações, ganhando uma miséria e vendo sua família desamparada! É preciso preparar e pagar bem, para que a polícia dê segurança ao cidadão, e não cuide apenas de governantes e comandantes ou apareça em horário político.

Se a missão precípua da polícia uniformizada é o patrulhamento das ruas, para dar segurança ao povo, por que

tantos policiais em quartéis, palácios de governo, assembléias legislativas, câmaras municipais, tribunais de justiça, fóruns, gabinetes de secretários de Estado, assim como nos tribunais de contas, procuradorias-gerais de justiça ou à disposição de autoridades e em estados-maiores e comandos de corporações, na condição de auxiliares, seguranças, estafetas, motoristas, sentinelas etc, todos fora do serviço estritamente policial de rua em defesa da sociedade?

Em razão dessas realidades (que muitos não querem ler nem ouvir), dirigentes maiores dos Três Poderes do Estado, e agentes políticos que possuem garantias de independência e outras prerrogativas, descobriram quão fácil é usar dos órgãos policiais a serviço de sua segurança, de sua família e de instituições a que estão vinculados ou que dirigem, enquanto o povo... Ora, o povo!

## AMOR-DIVAGAÇÃO

Bismael B.Moraes

DISCORDO, EM PARTE, DA FILOGIA,  
SE DIZ QUE O AMOR É PROFUNDA AFEIÇÃO.  
RECORRO, COM ARTE, À FILOSOFIA ...  
SERÁ QUE A PALAVRA NÃO QUER DIVISÃO?

AMOR – SENTIMENTO SE FAZ DURADOURO,  
É RACIONAL, SAI DO CORAÇÃO ...  
O AMOR – INSTINTO BRILHA COMO O OURO,  
OFUSCA OS AMANTES, É PAIXÃO- TESÃO !

O AMOR – VERDADE PASSA SOBRE AS DORES ,  
NÃO ENXERGA O FEIO, MUDA O DESTINO;  
VAI ALÉM DE CRENÇAS, DE RAÇAS E CORES:  
É PURO E COMPLETO, QUASE AMOR – DIVINO !

Clarimundo Oliveira Aguiar

## AINDA BEM QUE DEU TEMPO! (CONTO)

### AINDA BEM QUE DEU TEMPO!

Naquele dia acordara com a nítida impressão que urgia terminar tudo o que estivesse faltando, trabalhos que começara e que ainda não terminara, pequenas coisas que nunca ligara, mas que agora tinha pressa em completar. Um forte pressentimento dizia-lhe que o seu período estava determinado e que em breve, muito em breve, não haveria tempo para terminar os trabalhos a que se propusera. Quisera sentir pena de si mesmo, talvez lamentar-se por não ter tido o tempo necessário para completar todas as suas pendências. Mas, o que fazer? Fizera a si mesmo esta cruciante pergunta e encontrara dois únicos caminhos: um, era deixar-se abater, abandonar tudo a que se propusera, abandonando tudo como estava, no final de contas todos esses empreendimentos tinham pouco valor, a não ser para si mesmo; ou, então, aproveitar cada segundo, minuto, horas, dias ou mesmo anos que ainda estivessem à sua disposição, como se a cada espaço de tempo conseguido, fosse a mais das estrondosas vitórias da vida sobre a morte e,

terminando, como pudesse, os sonhos e devaneios de toda uma vida. Resolveu optar pelo segundo caminho e, como antes nunca havia dado o braço a torcer, não seria agora que iria se prostrar às contingências do tempo em sua própria vida.

Com esses pensamentos foi enfrentar a vida, ou para o que ainda lhe restava, assim, poder usufruir tudo o mais que ainda pudesse. Olhou para o céu e sentiu que estava muito azul e brilhante e questionou-se: Por que nunca havia notado como tudo era tão belo? Percebera que até aquela manhã, nunca tivera tempo de olhar o céu, de sentir o Sol da manhã afagar-lhe o rosto e sentiu-se renascer.

86 Em primeiro lugar, procurou resolver algumas pendências pessoais, daquelas a que não damos a devida atenção por estarem por demais perto de nós. Mas, como resolver algo, que bem sabemos ser importante e, entretanto, sempre deixamos acontecer sem tomarmos medida alguma? Todavia, entre tantas coisas que sempre havia deixado para depois qual, entre todas, a mais importante? Este pensamento foi como uma nuvem que acabou toldando o seu otimismo. Ele que sempre exigiu ser o centro das atenções de todos. Era para ele, onipresente e onipotente e zeloso de todas as suas coisas, que todos deviam manifestar-se, e dele dependiam para tudo, portanto, nada tinha a resolver. Nesse momento olhou o céu, o brilho havia desaparecido, encoberto por uma nuvem negra e sentiu-se amargo e depressivo, como sempre fora.

Resolveu primeiro tratar das suas coisas materiais, essas sim eram importantes e prioritárias; tinha de deixá-las bem resolvidas e devidamente terminadas. Terminadas! Por quê? O pensamento de um fim próximo voltou-lhe à mente. Se tudo realmente terminasse, terminaria somente para ele e nada teria mais valor, a não ser para aqueles que ficassem. Esta observação

deixou-o mal-humorado, a idéia de que tudo o que tinha ficaria aqui mesmo e que de nada lhe iria servir deixou-o profundamente furioso e revoltou-se contra essa possibilidade, de que, em breve, teria de deixar tudo. Sentiu uma onda de frio percorrer-lhe o corpo e umas gotas grossas de chuva caíram pesadamente no seu rosto, escorrendo como lágrimas. Amaldiçoou a chuva e o tempo, que agora estava escuro e tenebroso, e foi direto para o banco tratar dos seus negócios. Estava com pressa, passava pelas pessoas sem lhes prestar atenção, tinha de chegar ao seu destino para se certificar se tudo estava seguindo como havia planejado. Afinal das contas, ainda estava com aquele maldito pressentimento que o acordara.

– Senhor porque está com pressa?

A voz que o chamara era de um garoto que estava parado no meio da calçada. Virou a cabeça e, simplesmente, mexeu os ombros num sinal de que não estava interessado por ninguém.

– Senhor, insistiu o garoto, não há necessidade de correr tanto.

Parou para olhar o rapaz que o chamava com tanta insistência. Achou-o muito pequeno, mas, também, muito esperto e resolveu parar.

– Que te levou a pensar que estou com pressa?

– As largas passadas e o fato de passar por tudo sem dar-se conta por onde passa.

Sem mesmo saber porquê, sentou-se na calçada para conversar com o rapaz, a pressa havia desaparecido e, naquele momento, sentiu-se bem, a luz solar havia conseguido passar por entre as espessas nuvens e acariciava-lhe o rosto.

– O que vais fazer agora não tem mais importância.

– E como sabes o que vou fazer agora?

– Pois todos os que têm tanta pressa assim, estão querendo ganhar mais dinheiro, por isso correm tanto.

– E como são as pessoas que só querem ganhar mais dinheiro?

– Estão sempre carrancudas e apressadas e deixam passar o que de mais belo a vida pode oferecer.

Na medida que ia conversando com o garoto, o seu pensamento foi sendo desviado, a pressa de ir ao banco foi dando lugar à vontade de falar. Sentia-se bem, sentado na beira da calçada, o céu estava novamente azul, de um azul cristalino, e o Sol aquecia-lhe o corpo como um afago. Aquela sensação de afago fez-lhe lembrar que antes nunca tivera oportunidade de afagar os outros, normalmente carrancudo e exigente, primando sempre pela limpeza e ordem de tudo, como se tudo isso fosse o seu principal objetivo.

– Você gosta de crianças ou somente gosta?

– Claro que eu gosto de crianças!

Aquela pergunta atingiu-o profundamente, claro que gostava de crianças, sempre gostara. O que não gostava era de ser atormentado por elas, por isso, sempre fora pródigo em dar bastante presentes, dizia ser esta a sua forma de amá-las. Todavia, era a sua maneira de se ver livre delas.

O garoto olhou-o profundamente nos olhos como tentando ver através das íris a verdade da sua alma, e ele sentiu-se mal com aquele olhar inquisidor. Para fugir àquela conversa que o estava atormentando, levantou-se e, dando uma desculpa qualquer, procurou seguir o seu caminho. Só que agora não sabia onde estava, tudo ao seu redor estava estranho, não se lembrava da rua onde se encontrava e tão pouco do que pretendia fazer. Resolveu voltar para casa, procurou o caminho por onde viera e um outro caminho, logo em frente, se fez

nítido e resolveu seguir por ele. Foi andando por um longo tempo até encontrar uma mulher limpando, freneticamente, uma casa. Resolveu perguntar-lhe onde se encontrava. Todavia, quando pôs os pés na calçada foi interpelado, violentamente.

– Não vê que acabei de lavar essa calçada agora mesmo?

Apressadamente, tirou os pés da calçada e desculpou-se, como se tivesse sido apanhado fazendo uma grande maldade.

– Desculpe-me, minha senhora, é que eu estou perdido e não sei onde me encontro.

– Ora? meu senhor, eu não tenho tempo para lhe dar atenção, tenho muitas coisas ainda por fazer.

Sequer voltou-se para falar e, num frenesi doentio, continuou a sua interminável limpeza.

Logo à sua frente, a pouco mais de cem metros, uma porta aberta chamou a sua atenção. Entrou, no lusco fusco do ambiente, somente iluminado por uma vela. Um homem contava moedas que, amontoadas umas sobre as outras, iam formando grandes pilhas que acabavam por desmoronar sobre o monte das moedas ainda não contadas, obrigando-o a repetir a contagem. Quando ia fazer-lhe a pergunta, foi surpreendido com esta interpelação.

– Que está fazendo aí parado em frente da minha porta? Não vê que me está tirando a luz? – falou o homem, escondendo com os braços o monte de moedas.

Afastou-se correndo, no meio da rua viu-se na figura daquele homem, preocupado em contar dinheiro sem, entretanto, conseguir fazê-lo. Naquele momento, lembrou-se que saíra de casa para resolver e terminar algumas pendências, mas, que até agora não conseguira resolver nada e, sequer, sabia por onde começar e o que fazer. Sentiu-se perdido no meio

daquele caminho, enquanto uma onda de frio ia penetrando-lhe o interior do corpo.

– O senhor está com frio?

– Estou sim, com muito frio, mas não é no corpo, é dentro mim, é como se me estivesse congelando a alma.

– Vem para o Sol, a luz te dará calor e satisfação.

– Quero voltar para casa, mas, não sei onde me encontro, leva-me de volta.

O menino pegou-lhe a mão e levou-o para o centro da rua, onde as sombras das paredes não o atingiam, permitindo que a intensidade da luz cobrisse o seu corpo com uma onda de calor e, novamente, sentiu-se bem.

– Vem comigo, eu te levarei para a tua casa.

90

Deixou-se levar, sem oferecer qualquer resistência e foi notando que a rua estava dividida entre sombra e luz. Na parte coberta pela sombra as pessoas estavam, constantemente, brigando, estressadas, oprimidas e insatisfeitas, enquanto que na parte da luz, a vida ia transcorrendo tranqüila e feliz.

Foi acompanhando o garoto, todavia, na medida que ia percorrendo o longo caminho, a figura do menino ia se esfumando, tornando-se diáfana e, aos poucos, foi desaparecendo, ficando somente um espesso nevoeiro. Sentiu o corpo ardendo como se estivesse com febre e deu-se conta de que estava em seu quarto, caído no chão. Levantou-se cambaleando e foi até ao banheiro, molhou o rosto com água fria e olhou o espelho. Seu rosto estava perdido em meio a uma forte nuvem. Fechou os olhos com força e, novamente, olhou a sua imagem, agora refletida com nitidez. Pensou que tinha de ir a um oculista, todavia, um pressentimento invadiu a sua mente. Tinha de resolver, imediatamente, todas as suas pendências.

Vestiu-se calmamente e, ao contrário dos outros dias, quando reclamava de tudo e de todos, foi ao quarto dos filhos e acordando-os calmamente com um beijo, foi-lhes dizendo em voz suave: Como eu vos amo. Depois, seguiu em frente a encontrar a companheira. Estava arrumando a casa e fazendo os serviços que, normalmente, ele nunca achava bons e sempre os criticava, chegando ao ponto até de a ofender.

– Vem aqui – chamou-a suavemente.

A mulher, habituada a ser maltratada – chegou-se temerosa, esperando a bronca nossa de cada dia.

– Há muito que eu queria dizer-te como te amo.

Aturdida com a revelação, a pobre mulher desatou aos prantos e ele, carinhosamente, acolheu-a nos braços, como há muito não o fazia. Ficaram assim alguns longos minutos sem nada falar, pois não havia nada a ser dito, mas sim sentido.

91

– Vou-me deitar, vem comigo.

Os dois seguiram abraçados até ao quarto, ele deitou-se, sobre os lençóis, mesmo vestido enquanto ela, humilde, se aconchegava ao seu lado, fechou os olhos e novamente se encontrou naquela estranha rua dividida pela sombra e pela luz, segurando a mão do garoto, sorrindo para ele. Deu um profundo suspiro e exclamou alegre:

Ainda bem que deu tempo!

CANSEI DE SER POETA

Cansei de cantar tão só amor  
Como também cansei de ser poeta  
tudo o que me cerca é sem fulgor  
A porta da minh'alma está aberta

Oh! Saudades que tenho da infância,  
dos passados momentos em poesia,  
constante viver em inconstância,  
pois a cada verso feito, falecia.

Versos, pedaços de uma vida  
pedras de um castelo de ilusão  
vida feitas de rimas, não vivida,  
rimas nascidas na dor do coração.

A desilusão cantada em verso  
fere a alma de quem canta  
látego feroz, amor inverso  
sonho de poeta, que acalanta.

APRENDIZADO

Quisera recordar um sonho antigo  
Voltar a sentir amor da juventude  
Quis recordar de ti, mas não consigo  
quis um novo amor em amplitude.

Mas o tempo passado não retorna,  
Restando as experiências desta vida,  
lições, que na alma tomam forma,  
pela dor no tempo conseguida.

Só viver os sonhos do passado,  
É ter perdido o gosto de viver  
Esquecer o eterno aprendizado,  
Que termina só na hora de morrer.

## IBÉRIOS

### CANTO ÉPICO

Os frios Perineus dividem  
Ibéria, la basca hermosa  
da soturna e culta Europa.  
Os deuses por cá residem,  
bella moira salerosa

Tierra caliente, gente forte,  
cíngara, hermosa e pasionaria  
canto doloso, fado de cada um  
del destino tiene la suerte  
do poeta a imaginária

Tintas que pintam poemas,  
poemas que são quadros,  
el dulce cantar de sus hijos,  
libertad de nuestras penas  
que cantam os nossos fados

de corpo e alma hermanos  
hijos da mesma raiz  
que do desierto llegaron  
cristãos novos e marranos  
e gente da cor de giz

Poetas e pensadores  
de alma llena de llanto  
choram penas do destino  
lloran tristezas de amores  
em poemas tem o pranto.

Hidalgo de triste figura  
lo escribió Cervantes  
D. Quixote de la Mancha  
alma nobre bela e pura,  
o mais nobre dos amantes

Alma plena de pureza,  
Llena de buenos sentidos  
protegia os desvalidos,  
condenava avareza,  
compasión a los sofridos

Bueno loco, doce louco  
seu amor por Dulcineia,  
é poema por pintar,  
é sonho que dura pouco,  
mas, ao poeta é panacéia.

Herói, aventureiro e poeta  
da praia mais ocidental saído  
fez-se ao mar, tal como aos versos,  
que a glória da luta completa,  
nos Lusíadas em canto provido.

Das armas e barões assinalados,  
cantadas nas vitórias de seu povo.  
Das campanhas de Ceuta foi herói,  
à sorte nos porões dos condenados,  
para o Sol da glória ver de novo.

A obra de Camões é fulgurante,  
ao cessar do troiano as suas glórias,  
Que um mais nobre povo se alevanta.  
Cantou a bela Inês, la dulce amante  
La mas bela de todas las histórias.

É preso à paleta de cores,  
El greco e sus negros angelitos  
com Jesus en su manto granado,  
que La Virgem de Las Dolores,  
lo carrega em sus bracitos.

El primero a dibujar realidad,  
Num mundo de beata convulsão,  
O teu gênio al cumbre de tudo,  
Homens e santos em igualdad  
Así, como iguales, os homens são.

Ah! Ibéria, la dulce e tierna,  
Tus sonidos e mil colores,  
Tus hombres llenos de raza.  
Para tornarem a fé eterna,  
Foram muito além das dores.

Para ele, a comédia é verdade,  
Nos autos passados na igreja,  
A comédia da vida retratada,  
Na crítica mordaz à sociedade  
Que Gil denunciava, qual brotoeja

Num tempo que a língua era comum,  
escreveu português e castelhano  
para melhor falar à gente Ibérica  
de amor e justiça a cada um,  
que lo pueblo Ibero é hermano

Blanca estáis colorada, Virgem Sagrada,  
Assim, à Virgem Santa, Gil cantou.  
Pos, la Reina del cielo es una sola.  
Em poemas de amor à adorada  
demonstrou Gil Vicente o quanto amou.

Dibujó los reines e la nobleza,  
Viveu no Escorial, a sua vida,  
sine embargo, pintó en sus colores,  
o povo em realista nobreza,  
a real imagem pretendida.

Velásquez, o poeta do retrato,  
com arte a nobreza pintou,  
innovó la arte del dibujo,  
ao tratar a imagem com tal trato  
nova realidade imaginou.

Malhoa, com gana, o fado pintou,  
a sina do fado, no canto da Severa  
O Zé da Guitarra de dedos em garra  
Dedilham a vida que o fado cantou,  
E pintou Malhoa o povo na era

Clovis Domingues

*Autor dos livros VIVA FELIZ, Pensamentos, Assertivas e Orações; POEMA MAIOR, Orações em versos para todos os momentos, ambos em segunda edição e CAMINHOS E DESCAMINHOS, Sugestões para os desafios da vida presente, com lançamento previsto para dezembro / 2003, é também autor do CD ESPAÇO VIVA FELIZ, Sugestões para o Bem e para o Amor, fruto do programa radiofônico de mesmo nome. Diretor do comunicativo "O JUSTO" e Correspondente Diocesano da Rede Vida de Televisão, é natural de Guarulhos – SP, nascido aos 10 de fevereiro de 1942 e empossado na AGL em dezembro de 2001.*

“Em meus livros, Cds e em minha vida tento passar a todos os valores essenciais para a conquista do Bem e do Amor, a caminho da sonhada felicidade. É meu desejo atingir a sensibilidade de todos e promover a partilha dos dons em busca do Bem Maior no resgate da promoção da vida digna para todos.

Agradeço a Deus pelos seus caminhos e procuro sempre por eles caminhar, buscando viver o Projeto Maior. Que estas páginas, por mim escritas, possam lançar sementes de paz e bem e, pela graça de Deus, fazer sugestões verdadeiras para o essencial.”

Início minha participação lembrando com saudade amorosa a musa inspiradora da minha vida:

## HOMENAGEM À MINHA MÃEZINHA Laura Fernandes Domingues

### VOCAÇÃO À MATERNIDADE, OU AO SOFRIMENTO? !

Muito jovem ainda (10 anos) participa do sofrimento da mãe que, companheira de um infeliz alcoólatra, cria os filhos com as dificuldades próprias da época (+ou-1920 a 1930), com poucos recursos médicos, emprego, escola etc., sendo logo cedo, obrigada ao trabalho pesado de servente de pedreiro, do pedreiro, seu pai, que ganhando pouco, gastava muito com o vício e maltratava a todos, vítima que era dessa doença que infelicita a muitos, destruindo lares.

Bem jovem ainda (15 anos), sem oportunidade de estudar, casa-se e começa uma caminhada de alguns lances indescritíveis. Sim porque não se descreve a ansiedade da espera, a dor do sofrimento, o medo de desgraças iminentes em desentendimentos contínuos, pelo mesmo motivo do alcoolismo.

Os filhos começam a vir, um após outro, onze homens e duas mulheres, assumidos todos com amor e carinho extremos. De um lado, os trabalhos se multiplicavam, do outro, com o crescimento da prole, cresciam os problemas de saúde, educação, alimentação e vestimenta, para se ter o necessário indispensável às crianças que, às vezes, surpreendidas por doenças infantis, chegavam a ficar até sete, num só tempo, com o mesmo mal (sarampo, caxumba, coqueluche etc...), mas como diz o poeta, *"a mãe, para defender os filhos, defende com a bravura dos leões"*, e assim, na superação de suas próprias limitações, caminha altiva, numa atitude incansável, de luta por dias melhores para todos.

102 Sonhos, desejos de realidade melhor aos seus são alimentados diuturnamente; e cumpre sua parte para que isso seja verdade. Porém, muitos dos seus sonhos nunca se realizaram (paz, deixar o vício o esposo e os filhos, a tão desejada casa própria, etc.). Mas nem por isso o abatimento lhe rouba o sorriso dos lábios incansáveis em palavras de alerta e correção, nem sempre entendidas ou atendidas.

Indescritíveis lances em quase cinquenta anos de união, uma parte, procurando compreender a fraqueza no vício dos seus, outra parte, fiel companheira, enfermeira em dez anos, na doença irreversível. Quando perde o companheiro, apesar de tudo, sofre muito, mas entrega a Deus, em oração, aquele amor de juvenzinha, que o tempo e o sofrimento não conseguiram acabar.

Pouco tempo depois, acolhe e assiste o filho partir com pouca idade, por causa do vício e de suas conseqüências; firme como um carvalho, quando mais sofre mais firme se coloca diante dos desafios. E ainda empresta sua sombra a todos os filhos e netos que, como necessitados desta sombra, a

procuram. A vida e a morte, de alguma forma, sempre estão juntas: ela perde logo depois de poucos anos outro filho, (o primeiro da prole), controla seus sofrimentos e conforta a todos que sentem muito o acontecido. Oitenta anos é a soma que essa vida conseguiu, com tantas lutas, completar.

Minha mãe, nossa mãe, Laura, você nos ensinou, com todos os obstáculos enfrentados, a confiar em Deus, a orar confiante no seu projeto e sempre assim nos dizia:

*"Que seja feita sempre a vontade de Deus, e que seja tudo para a felicidade!"*

Estamos aqui, mãe, procurando seguir os seus passos, na fé, na esperança e no amor. Peço, com muito carinho, por mim e por nossa família: interceda por nós.

## OLHANDO O HORIZONTE

Hoje parei para apreciar o entardecer.  
Sempre gostei de ver e não tinha percebido.  
O quanto nos envolve o final de tarde,  
meu peito arde e quase me sinto consumido.

Nuvens entre os prédios e tão distantes,  
em alguns instantes parecem querer falar.  
Admirado vou, como em sonho, até elas,  
querendo trazê-las para o meu doce lar.

São nuvens pequenas e tão multicores,  
lembram-me amores do meu passado,  
fazem-me feliz e me deixam tristonho.  
Parece um sonho, me deixam calado.

É a tarde que já está se findando.  
E vai levando os encantos do dia.  
É a noite que vem se achegando,  
e vem mostrando sua melancolia.

Estou sem palavras e sem inspiração,  
a tarde é canção construída por Deus.  
O crepúsculo que já está chegando,  
vem me falando de um triste adeus

104

As nuvens que ainda consigo ver  
não conseguem ter toda claridade.  
São envolvidas em sombras fortes,  
falam-me de mortes e de saudade.

Talvez as nuvens estejam me dizendo,  
que estou querendo sofrer de saudade.  
Talvez elas saibam do meu desencanto,  
olham meu pranto e a dor que me invade.

E assim mais uma tarde vai partindo,  
e no dia findo, o horizonte olhando,  
em reflexão estou aqui encantado,  
fico emocionado, estou chorando.

E por falar de amor,

### NOVOS TEMPOS

Mágica luz brilhou forte no meu caminho.  
Através dela vi o lindo horizonte se abrir.  
E descobri que já não estou mais sozinho  
E vou, com você, poder outra vez, sorrir.

Um milagre que acontece, é um recomeçar.  
Vislumbro à minha frente, vida tão desejada.  
E percebo que estou voltando, feliz, a amar.  
E o meu grande amor é você, minha amada.

105

Vamos juntos, recomeçar a vida de muito amor.  
É um novo tempo que acontece em nosso viver.  
Agora podemos ter a certeza que, seja como for,  
viveremos o amor, em nosso novo amanhecer.

Seja como for, todo o nosso ser,  
viverá o amor, neste renascer.

### ATO DE CONFIANÇA NO AMOR MADURO

Parei um pouco para assim poder pensar.  
Meditei e descobri como nós faremos:  
Primeira conclusão: optei por te amar.  
Segunda: sempre nós, nos amaremos.

Parece simples chegarmos às conclusões, porém precisamos ser fortes na decisão. Não nos deixaremos seduzir pelas ilusões, mas nos deixaremos guiar pelo coração.

Obstáculos, porém, são partes desta vida, mas nada nos fará nesta luta esmorecer. Seremos mais fortes que tudo, querida, lutaremos até que o amor possa vencer.

Nosso amor maduro é algo especial. Com a força dele ficaremos nós, também. E lutaremos contra todo tipo de mal. Eu e você, você e eu, meu doce bem.

Como isto deverá, um dia, acontecer é algo que nós ao menos imaginamos. Mas sabemos que demorado não pode ser. porque, neste amor maduro, confiamos.

## UM ESPAÇO PARA A PAZ

Em meio ao barulho e na complexidade desta vida, damos muitas voltas e nem ao menos sabemos, na maior parte do tempo, aonde queremos chegar, aonde nossos passos, nossas atitudes vão nos levar, e principalmente, quais serão as conseqüências.

Os nossos afazeres diários, os nossos compromissos nos induzem, muitas vezes, ao menos importante no labirinto de ilusões, quase não encontramos o caminho de volta.

Muitos são os nossos projetos, porém todos pequenos demais, para serem comparados ao projeto daquele que nos criou. Ele sim, certamente, sabe, na profundidade, onde quer que cheguemos e quais serão as conseqüências. Ele nos criou por amor, partilhando conosco a sua vida.

A Bíblia nos diz: “Deus nos amou de tal forma, que para nos resgatar do pecado, mandou Seu Filho Amado tomar as nossas limitações e entregar-se até a morte na cruz”, para depois, como vencedor dizer: “Eu venci o mundo, não tenham medo.”

Sonhamos com objetivos humanos e até os realizamos, mas nunca devemos nos afastar da verdadeira paz, nunca nos deixarmos seduzir pelo que é efêmero e nos esquecermos daquilo que é eterno. A vivência do amor, a partilha dos dons, nos dará a paz, nos deixará em paz e nos tornará instrumentos desta paz.

Que paz é esta, tão importante???

A verdadeira paz é estar em paz com Deus, vivendo a fraternidade, no exercício perseverante da filiação divina, pois todos somos filhos do mesmo Pai e Ele quer que vivamos assim. É também estar em paz com os irmãos, procurando acolher e promover a todos, exercitando o perdão e sendo luz a indicar os verdadeiros caminhos da felicidade a todos. Esta paz é completada quando estamos em paz conosco mesmos, conscientes de que estamos fazendo o melhor que podemos e sem esperar trocas pequenas, mas fazendo por amor.

Cristo ressuscitou e vive em nosso meio! É Ele mesmo quem nos diz: “Eu vos deixo a paz, Eu vos dou a minha paz.”

Se você viver em comunidade eclesial e acreditar nela, fará a experiência de descobrir e viver esta paz. Não a paz que é

ausência de guerra, mas a paz que vem do alto e que existe mesmo em meio à tempestade, a paz que vem de Deus, através de Jesus Cristo, Nosso Senhor, morto e Ressuscitado, Vitorioso para sempre.

Dá um espaço para a paz e sê feliz. Paz a todos.

### EM MEIO À TEMPESTADE

Teus amigos tiveram medo,  
e Tu dormias suavemente.  
Mas dormindo, trabalhavas  
para fazê-los independentes.

Parecia tudo estar no fim,  
Tu continuavas descansando.  
Foi quando pensaram assim:  
Ele não está se importando?!

E Te acordaram do sono repousante,  
em meio às procelas assustadoras.  
Então, Senhor, em um só instante,  
acalmaste as ondas destruidoras.

Nesta hora, Senhor, estou na tempestade.  
E parece que dormes tranqüilo e sereno...  
Aumenta a minha fé, antes que seja tarde,  
levanta Senhor e mostra-me o Teu aceno.

Ordena aos ventos que tenham calma,  
traz-me Teu conforto para minha vida.  
Ajuda meu corpo, restaura minh'alma.

Alivia-me, Senhor, nesta hora dorida.  
Assim como em alto mar, na tempestade  
o medo me assalta e estou temeroso.  
Acorda, Senhor, transforma esta realidade  
de temor em aconchego amoroso.

Já me sinto melhor, percebo Tua presença,  
mesmo em meio à tempestade bravia.  
Sinto forte, Tua calma e Tua clemência,  
que com terno amor, em Teu olhar me alivia.

Obrigado Senhor.

### A DEUS NÃO SE ENGANA

Vivemos numa sociedade controvertida e ouvimos, seguidamente, discursos de transformação, de não-violência e de promoção dos mais fracos. Em anos eleitorais, esta atitude toma ainda maior espaço, e para conquistar votos tudo é válido. Programas em prol de uma sociedade justa e fraterna são apresentados e aplaudidos e muitos deles ficam apenas nos discursos. É prudente ter atenção com histórias que se repetem e com os agentes dessas histórias. Precisamos dar a nossa parte no processo de transformação e cobrar, daqueles que prometem, atitudes coerentes com as promessas, sempre na direção do amor e do bem.

O mundo, em constante mutação, exige ética de quem governa e de quem é governado. Precisamos cobrar dos outros e cobrar de nós mesmos comportamentos que possam produzir vida. A televisão (uma bênção da tecnologia) transforma-se em arma perigosa, destruindo conceitos

verdadeiros e construindo outros pseudovalores que produzem morte. Pois bem, concordamos que é assim mesmo, porém não damos a nossa parte. Fazemos apologia dos programas que encontram patrocinadores, justamente porque conseguem altas audiências e criticamos aquilo que, às vezes, entra em nossa casa com toda facilidade. Não se trata de exigir censura, trata-se de preservar valores que são o chão firme para uma construção definitiva. A casa construída sobre a rocha resistirá às mais violentas tempestades. A rocha verdadeira passa pela sinceridade de propósitos, onde quer que estejamos, no púlpito ou na assembléia, na equipe de governo ou no povo, nos candidatos ou nos eleitores, e daí por diante...

110

Então fica uma pergunta: temos vontade e disposição mesmo, de mudar, de construir fraternidade, de promover a todos?

Precisamos ficar atentos e lembrar que **A DEUS NÃO SE ENGANA**, pois nos conhece na profundidade, em nossas fraquezas e dons.

Onde quer que estejamos, em funções importantes ou menos importantes, temos que falar e viver o bem, construindo para todos a paz.

Construir sobre a rocha é ter sinceridade de propósitos e não se deixar enganar pelo ter ou pelo poder, procurando em todos os lugares respeitar e viver o SER, ajudando assim, na construção de mais fraternidade e solidariedade, incentivando a partilha e promovendo a justiça, não só com palavras, mas com a vida.

Façamos de nossa vida um diálogo permanente com o Senhor e Ele nos indicará por onde devemos de caminhar.

## NÃO DESANIME

Mesmo se a escuridão te cegar,  
se não puderes ver a natureza.  
Nunca te deixes, pelo mal contagiar,  
viva o bem, e de vencer tenha certeza.

Os dias tristes também irão passar.  
Não te enganes com as dificuldades  
Pois os dias alegres virão te abordar  
e libertar da aflição que te invade.

O Teu Criador partilhou contigo a vida,  
disto não duvides, Ele quer o teu bem.  
E por mais que estejas sem guarida,  
tenha fé, Ele não esquece de ninguém.

A paz voltará a ser tua companheira.  
O amor virá para te surpreender.  
O Senhor limpará, com amor, a tua eira  
E te devolverá a alegria de viver.

## SAIU O SEMEADOR A SEMEAR

Jesus conta para os seus amigos a linda parábola do semeador e em seguida dá a explicação para que não permaneçam dúvidas.

“A semente que caiu no meio dos espinhos é aquele que ouve a Palavra, mas as preocupações do mundo e a ilusão da riqueza sufocam a Palavra, e ele não dá fruto. (Mt. 13,22)

“A semente que caiu em boa terra é aquele que ouve a Palavra e a compreende. Esse produz fruto. Um dá cem, outro sessenta e outro trinta. ( Mt.13,23 )”

Onde nos colocamos? Entre os que ouvem, compreendem e procuram viver a Palavra, ou entre aqueles que vivem preocupados e iludidos com as coisas efêmeras deste mundo? ...

Nossa reflexão é muito importante e nos remete a um profundo exame de consciência para percebermos o que nos atrai e nos encanta, e se essas coisas podem justificar o nosso viver.

Muitas vezes somos tentados a investir o nosso tempo em ilusórias propostas de lazer ou até de trabalho, estudo ou ainda de prêmios milionários que se transformam em soluções mirabolantes de todos os nossos problemas. Seduzidos, colocamos nosso tempo e nossa esperança em fantasias que o mundo vai criando, servindo-se da nossa fragilidade.

Quanto poderia ser melhor a nossa vida se nos preocupássemos em lançar sementes de amor e bem? ! Pode ser que não tenhamos a felicidade de ver os frutos da nossa semeadura, mas como nós colhemos os frutos plantados por outros, que deram suas vidas no serviço de Deus, outros poderão colher os frutos semeados, agora, por nós.

Deixemos as ilusões que sufocam a Palavra de Deus e vivamos como terra boa que consegue dar frutos, lançando sementes para uma vida, cada vez mais voltada para o nosso Deus, que nos quer com amor profundo, e para isso lançou primeiro a semente, Seu Próprio Filho, Jesus Cristo, nosso Salvador.

Os que somam mais dias na sua existência podem comprovar o quanto é importante sair a semear boas sementes.

Ao longo do tempo, muitas delas conseguem germinar e produzir frutos maravilhosos. Pessoas que, na sua juventude fizeram opções verdadeiras, quando chega o tempo das avaliações, experimentam a felicidade de ver o quanto valeu a pena semear boas sementes.

Viva com sabedoria, acolha a semente e faça a sua parte, produza bons frutos em abundância, viva o amor, faça o BEM.

## VOCAÇÃO

Chamaste-me, Senhor, e procurei Te atender.  
Estava em dores, sozinho e pensativo.  
Não imaginavas como seria doce Te querer,  
e nem sonhavas como serias prestativo.

Em meus afazeres e na minha solidão  
eu caminhava trôpego e quase sem vida.  
Socorreste-me oferecendo a Tua mão.  
Cuidaste, com amor, da minha ferida.

Devolveste-me, do viver, todas alegrias.  
Motivaste-me uma nova caminhada.  
Fizeste clarear novamente os meus dias  
e indicaste-me seguir por outra estrada.

Agora, o que resta é amor e esperança  
que devem permanecer daqui pra frente.  
Fazendo-me viver a amiga bonança,  
neste meu viver e também eternamente.

## NOSSA MISSÃO: AMAR

Numa sociedade onde os valores estão invertidos, muitos convites são feitos para nos separar da vontade de Deus, expressa na prática de Jesus, vontade de vida para todos e vida plena, onde ninguém deve ficar a margem, sem as condições mínimas para sobreviver com dignidade.

O Senhor nos prepara um paraíso, desde o início da criação e continua nos oferecendo, através dos patriarcas, matriarcas, profetas e na plenitude dos tempos pelo Seu próprio Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo e, por fim, através de sua igreja, continuadora da sua missão.

114

Por mais que tenhamos desculpas para não aceitar, devemos fazer um esforço e compreender o essencial, vivendo-o com todos irmãos, independente de quaisquer diferenças, os valores do reino (paraíso), pois é isto que o Senhor deseja de nós e para nós. Nossa missão é continuar a missão de Jesus, missão a favor da vida em todas as suas dimensões, seja na Igreja, na família, no mundo do estudo ou do trabalho etc.

A missão primeira que temos é o amor e sua prática, primeiro a Deus e por consequência aos irmãos.

O banquete que Deus nos prepara merece todo o sacrifício aparente dos nossos desafios ou tentações, vale a pena nos superarmos e deixar de lado outros compromissos, comprometendo-nos definitivamente com o projeto de amor.  
**VIVAMOS O AMOR.**

## BUSCAI E ACHAREIS

Viver feliz é nossa busca suprema,  
então façamos sempre o melhor.  
Mesmo em tristeza ou dor extrema,  
vivamos sempre a alegria do amor.

Amor sem medida, sem preconceito,  
amor maior e assim desinteressado.  
Amor que só Deus inspira o jeito,  
amor no presente como no passado.

Buscai e achareis, nos disse o Senhor.  
E é o que deveremos sempre fazer.  
Vivendo na busca incansável do amor,  
permeando de bem o nosso viver.

Daí, certamente, o bem maior surgirá.  
E vivendo assim nos encantaremos.  
A felicidade do Senhor Deus nos virá,  
e felizes, para todo sempre, seremos.

115

## CAMINHANDO COM JESUS

A natureza humana de Jesus passa pelas limitações próprias de todos os seres humanos e nos deixa a certeza de que, cumprindo o projeto do Pai, somos suficientes na luta contra o mal. O que nos faz vencer as tentações é o uso devido de todos os dons que o Senhor nos concede.

Os nossos caminhos serão verdadeiros se caminharmos com Jesus, se fizermos o que Ele fez, não excluindo a ninguém e lutando, com o preço da própria vida, para que todos tenham vida plena.

O que Ele fez ?

“Fez jejum; usou a Palavra de Deus para vencer as tentações; orou sempre com confiança e gratidão, ao Pai, que lhe enviou; passou fazendo o bem e curando a todos; ensinou o perdão; mandou-nos amar, com amor incondicional; foi aos excluídos e acolhendo-os, tratou-os com profundo amor; fez comparações (parábolas) usando a sua realidade para se fazer compreendido; cumpriu as profecias; acolheu aos cansados e oprimidos; tratou com rigor, aqueles que usavam da casa do Pai para seus interesses particulares; foi até as últimas conseqüências da sua missão, superando tentações para desistir; diante das dificuldades, não recuou; foi humilde;

caindo várias vezes, não esmoreceu e continuou o seu caminho doloroso; pediu o perdão do Pai, para seus agressores; entregou-nos à Maria, para sermos por ela protegidos (eis aí o teu filho); passou pela dor e pela morte; foi sepultado; RESSUSCITOU !!! ””.

Eis aí alguns momentos da natureza humana de Jesus. Tudo que Ele fez poderemos fazer, desde que atendamos ao seu chamado:

“Aquele que quiser vir comigo, tome a sua cruz e siga-me.”

AS INTENÇÕES DO MEU VIVER

Quando eu já tiver, para sempre, partido, muitas coisas de mim poderão comentar. Mas, por favor, não deixem ser esquecido, que tudo que eu fiz, foi por muito amar.

Amei a natureza, criada pelo amor do Senhor, com tantas coisas lindas e tão encantadoras, com tanta vida, a nos inspirar a paz e o amor, e alentando a todos, de almas sonhadoras.

Amei as pessoas com amor incondicional, aos parentes e tantos outros nos caminhos. Nunca desejei a ninguém que vivesse o mal. Procurei dar a todos, todo o meu carinho.

Amei e amo ao meu Deus com puro amor, nas pessoas dos irmãos e de Jesus Cristo. Procurei, com insistência, viver este amor, porque descobri que ser feliz é só isto.

Não deixem que no meu esquecimento se esqueçam desta importante verdade: Viver a vida, sendo fiel até no sofrimento, é o caminho verdadeiro da felicidade.

## VEM, SENHOR JESUS

Outra vez é Natal. As ruas estão diferentes, as casas estão diferentes, há enfeites, e um ar de Natal a que ninguém resiste e dá uma vontade de dizer: Feliz Natal.

Estamos preparando a chegada de uma visita importante, estamos preocupados com todos os detalhes, por mais trabalho que nos dê, fazemos tudo com muita alegria. É o espírito natalino que a todos contagia, é o Senhor que vem para nos salvar. E por falar no Senhor, o que é mesmo que Ele veio fazer?...

Na idade adulta Jesus vai falar:

“Eu vim para que todos tenham vida e vida em plenitude”, por isto, “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para vossas almas. Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.”

... Sempre é Natal, pois a vida renasce a cada ato de amor.

Eugenio S. Asano

## MEMÓRIAS E VAGAS LEMBRANÇAS

Magoada, seria a palavra mais apropriada para expressar o sentimento em que ela se encontrava naquele momento.

– Lia, eu sou a Lia – ela repetiu mais algumas vezes, até desistir e desaparecer no meio do salão.

Minha memória nunca fora das mais brilhantes para nomes, rostos e vozes. Guardei os meus números de chamada de todo o curso primário, mas lembrar-me do rosto da primeira professora nem olhando as fotos de então.

Aquela moça aparecera no lançamento de um CD de um amigo que se lembrava de mim a ponto de mandar-me um convite. Eu, da minha parte, nunca ouvira falar dele.

O meu contato com a tal moça, a Lia, havia sido, segundo ela, meio diferente. Nos “conhecemos” num desses bate papos via Internet. Ou havia ela mentido ou eu não a reconhecera mesmo por mais esforço que eu fizesse.

– Eu tinha certeza que você estaria aqui, foi a sua primeira abordagem.

Diante da minha cara de espanto, passou a desfilar alguns trechos da nossa conversa:

– Lembra que você estava em São Paulo e eu no Rio de Janeiro? Mandei até uma foto e você me achou bonita.

Na verdade, não era feia a moça, mas se no retrato achei-a bonita, pessoalmente deixava um pouco a desejar. Não fazia o tipo convencional de beleza que se vê num computador.

– Você me falou que era a primeira vez que navegava na Internet e estava meio perdido.

Até aí, dois a zero pra ela. Sempre achei enfadonho ficar olhando para a tela de 14 polegadas, esperando acontecer alguma coisa, fazendo cálculo do impulso telefônico até desistir e ir ler um livro.

122

Ela ainda arriscou:

– Eu falei que era solteira, mas era mentira. Era casada, mas me separei há duas semanas. Por isso, além da distância, não pude me encontrar com você.

E eu? – quase perguntei. Eu era solteiro, casado, jovem ou meia idade? Desculpei-me dizendo que não me lembrava mesmo.

– Eu era, na época em que nos conhecemos, astróloga, mas prestei concurso na prefeitura e hoje sou escriturária. Estava escrito nas estrelas, você não acha?

Não. Não achava nada a não ser profundamente enfadonho esse bate papo ao vivo.

Uma vez, aconteceu-me um fato semelhante. Encontrei uma moça no centro de São Paulo, nos cumprimentamos com saudade, ela de mim e não eu dela e fomos tomar café na Galeria Barão.

– E aí? O que tem feito? Como está a vida? – ela perguntando e eu desfilando meu currículo sem lembrar dela.

Quando se tem a memória muito curta, adapta-se de alguma forma. Uma das saídas é perguntar se tem visto o pessoal, notícias de alguém. Pela fofoca que vai contar, tece-se uma rede até chegar à pessoa que está à sua frente para identificá-la.

– Encontrei o Carlos. Está gordo. Casou e mora no Paraná.

Pronto! O Carlos era magro, solteiro e morava em São Paulo. Não é muito, mas já é alguma coisa.

– A Camila, você se lembra dela?

Digo que sim, olhando para o fundo da xícara de café.

– Pois é, casou com o Marcos, aquele que sempre ia bem em física e matemática.

123

Mais dica: esta moça é do tempo da escola. O tal Marcos que gostava de física e matemática e a Camila é que são os buracos negros.

Depois do terceiro café e da entrega de todas as fichas, menos a dela, lembra que tem um compromisso e que está atrasada. Daí, numa última cartada, saco da minha agenda onde sempre esqueço de fazer anotações e peço a ela para escrever seu nome e telefone pra gente continuar o monólogo tão animado, isto é, o diálogo. Quem sabe, reunir a galera de novo . . . Ela escreve com uma letra caprichada e se vai.

Chego em casa, reuno meus apontamentos mentais e descubro a Milena: uma moça do colégio que quase cheguei a namorar. O retrato que eu tinha na cabeça havia amarelado e perdido a imagem. Ao menos lembrei-me daquela, marcada

na agenda que não sei onde foi parar desde então. Porém, desta aqui, a Lia, nem adiantaria procurar.

A era cibernética não permite que se armazenem fotos, vozes, caligrafias. Todas têm o mesmo sotaque, o mesmo perfume e num apertar de botão tudo se apaga e deixa de existir em instante como essa moça, a Lia.

Quando a vi pelas costas, senti-me o pior dos seres, demente, anencéfalo, e prometi a mim mesmo procurar um médico, um psiquiatra, inscrever-me num curso de memorização.

Houve, na antecâmara onde eu estava, uma sessão especial de apresentação do CD. O rapaz tocava e cantava muito bem e a cada final da canção era aplaudido calorosamente.

124

Comprei um CD, entrei na fila para receber seu autógrafo como tantos outros que ali estavam. Felicitei-o e ele, emocionado abraçou-me escrevendo na capa: "Ao amigo Décio, a lembrança de um momento inesquecível." Achei melhor não comentar e fui para a rua. Que importava se meu nome não era Décio? A intenção estava ali, na emoção, e isso bastava.

Quando já ia ganhar a rua, encontrei a Lia conversando com um rapaz que chegara atrasado. Passei quieto mas pude ouvi-la abordando-o:

— Sabia que você viria. Lembra de mim ? Sou a Lia, da Internet . . .

06/09/2000

## MEU CARO AMIGO

**VOCÊ PRECISA VER O APARTAMENTO** novo da minha irmã. Tem quatro quartos, uma sala enorme, cozinha e dois banheiros. A cozinha é forrada até o teto com azulejos brancos, pintados com caravelas portuguesas. Arte direta de Lisboa, própria de uma pessoa culturalmente européia.

Coisa incrível a existência de um apartamento nessas dimensões a poucos metros da avenida Paulista, com, imagine, um imenso alpendre nos fundos que dá para um jardim suspenso onde ela cultivava as violetas de que tanto gosta. Um paraíso.

Quando passei a primeira noite aqui, no dia da mudança, com tudo ainda fora do lugar, confesso que senti falta do barulho da cidade com suas buzinas e freadas. Você sabe que em São Paulo, até durante a noite alta, o ar é barulhento. Aqui não. As paredes filtram dois mundos e a agitação fica do lado de fora, mesmo em pleno dia.

Nesse ambiente de equilíbrio entre serenidade e tecnologia, também se vive o conflito de classes, sabia ? Mas

não tão violento quanto o que travamos em nossa época. Falo do quarto de empregada, lá no fundo, um pouco afastado do resto dos cômodos. Digamos que se a sala fosse o coração, este quarto seria os dedos operários. Não é feio o aposento tirando a idéia de que foi construído para ser habitado por serviçal. É maior que muitas casas e é todo forrado de papel de parede com estampas cujo significado não identifiquei: se motivo geométrico, lúdico, ou simplesmente nada. Um dia ainda pergunto para minha irmã, pois ela entende melhor do que eu dessas coisas. Este papel encontra-se descascado em alguns lugares, principalmente perto do interruptor de luz. Você deve estar se perguntando pra que este quarto, se minha irmã sempre foi contra o tipo de relação patrão-empregada, símbolo do capitalismo. Eu concordo com você quanto a isso, porém, logo adivinhei que seria usado para guardar os seus quadros já pintados. Acertei e fiz bem em trocar, logo no primeiro dia, a lâmpada que estava queimada.

126

O que eu não entendi até agora é o porquê da escolha de um apartamento tão grande por uma pessoa que vive só. Talvez se sintia melhor vivendo num ambiente espaçoso depois de tanto tempo presa naquele cubículo. Ontem mesmo, quando cheguei, peguei-a correndo pela sala, fazendo uma estranha coreografia de ave em pleno vôo. Seus pés mal tocavam o carpete macio. Olhei para o quadro que pintava e era mesmo um pássaro, só que abatido, se debatendo no chão, todo machucado. A idéia, a visão do quadro deve ter sido chocante demais para ela. Nem sempre a gente consegue enfrentar o fantasma do inconsciente e ela queria provar a si mesma que estava viva, viva e livre. Ela está bem mais velha, meio curva de cima do seu um metro e noventa de altura. Talvez você não a reconheça, mas continua com o mesmo vigor e desejo de viver colocando suas idéias no cavalete.

Num dos quartos, o maior, ela manteve as paredes vazias, apesar da minha insistência em pintá-la.

Para lá levou seu material de trabalho, montou seu ateliê onde passa horas e horas dando vida a uma tela branca. Venho aqui só esporadicamente para ver se não precisa de alguma coisa e ela me responde sempre com um macio não. Vê-se que trabalha muito pelos respingos de tinta na forração marrom que vão formando um outro enorme quadro, esse sim sem planejamento, natural, um colorido bonito que vai mudando de linguagem cada vez que se dá um passo pelo quarto. A luz que entra pela janela enorme é a mais clara do apartamento mais quente e mais vida. Além disso, por ser uma suíte, ela usa o banheiro para lavar seus pincéis, as mãos sujas e também para guardar as paletas e os cavaletes. O azulejo, azul, está manchado de ponto em ponto com a cor da tinta que vai usando. O espelho, enorme na parede, está sujo, embaçado, mas ela não liga. É um objeto sem uso para uma pessoa de poucas vaidades.

127

No outro quarto, não o maior nem o menor, o do meio, ela montou o seu dormitório com uma cama de casal estilo inglês, onde se espalha como sempre gostou de fazer. Você sabe: ela não é de estatura baixa. Dos seis irmãos, é a que desenvolveu mais e mais depressa. Quando éramos crianças e tínhamos que dividir o cobertor, ela sempre ficava no meio, distribuindo a manta e o calor do corpo aos menores. Nessa hora ficava quietinha, contendo sua vontade de literalmente deitar e rolar para não destapar os outros. Um dia confessou que quando tivesse sua casa, teria uma cama enorme só pra ela. Acho que foi mais ou menos ali que começou o seu amor ao próximo.

Neste quarto, não há muita coisa, exceto a cama de que te falei e um armário de portas enormes, onde guarda suas

poucas roupas. Aos poucos, conforme foi cultivando o hábito de não sair de casa, foi diminuindo também a quantidade de seu vestuário, cujos vestidos e blusas perdem de longe para os aventais coloridos que usa para trabalhar. Nunca foi vaidosa e quando adolescente, cheguei a achá-la feia. Um quadro pintado por ela, um enorme anjo em estilo barroco, vela seus sonhos da cabeceira da imensa cama. A Nossa Senhora, que você um dia deu a ela, está sobre uma cadeira, não por heresia, mas por falta de um lugar mais sagrado para colocá-la. Vez por outra, vejo uma vela queimando religiosamente aos seus pés.

128

Num outro quarto, montou a sua biblioteca com livros, quadros, fotos e cartas que conseguiu recuperar. Há uma foto da mamãe tão solene quanto a Nossa Senhora. Disse-me outro dia que gostaria de ter uma de papai também, mas já corri pelas casas de tios e tias mas parece que todos ou negam sua passagem pela vida, ou querem apagar algum passado. Nem nos antigos jornais consegui uma foto dele. Papai foi um sonhador tanto quanto nós, mas não teve a sorte de sobreviver a tanta atrocidade.

Os livros de arte não têm muito tempo para pegar poeira, devido à frequência em que são folheados, mas alguns tratados, principalmente de sociologia e política, de que ela tanto gosta, espera um dia serem lidos novamente. Não sei se ela ainda tem os mesmos ideais de esquerda de quando foi presa, ou se ela matou Karl Marx no pau-de-arara. Sinto que o barbudo ainda está em algum canto hibernando e a qualquer momento pode ressuscitar.

Ela comprou um microcomputador que está também nesse quarto-biblioteca para catalogar suas obras e nessa hora, eu lhe dou uma mão.

O outro quarto, o último, ela trancou-o e jogou a chave fora. Não sei o que nele contém e não convém a mim, seu irmão, ou a qualquer outro ser, invadir tamanha privacidade. Há cicatrizes debaixo da pele, invisíveis, que o melhor é não mexer. A porta de mogno, envernizada, reluzente, mantém em seu bojo o segredo de uma vida.

O banheiro, que fica no fundo do corredor, tem uma banheira, enorme, quase uma piscina de água quente. É onde fica horas mergulhada de molho em seus momentos de busca de inspiração e energia, como ela mesma diz. Como ainda continua com o hábito de não fechar a porta, o apartamento fica flutuando em meio a uma neblina quase londrina.

Às vezes, o silêncio entre estas paredes é quebrado com o ronco rouco do microondas que ela está aprendendo a usar e, pasme, gostando. Aliás, a única coisa que existe na cozinha é a pia, que já veio com o imóvel, a geladeira e o microondas. Um dia a gente se curva diante de algumas tecnologias.

129

A sala me lembra muito aquele clip do John e Yoko interpretando Imagine, com direito ao piano branco e tudo, onde de vez em quando sento e toco algumas peças de que ela gosta.

Volte logo, ou melhor, espere até ela pintar o quadro da sua vida, elaborando o passado na sua nova morada. Acho que não vai demorar muito. Sei que o exílio em que você vive é tão semelhante quanto o auto-exílio dela aqui em seu imenso apê, ignorando totalmente quem mora do outro lado da parede. É preciso sonhar grande como esse apartamento e povoar todas as telas que se apoiarem num cavalete, ainda que algumas portas fiquem hermeticamente fechadas. Talvez um dia vocês voltem a se esparramar juntos naquela cama enorme.

Um abraço afetuoso

Espedito Pinheiro de Souza

## A MORALIDADE COMO PRINCÍPIO BÁSICO PARA O ADMINISTRADOR PÚBLICO

### 1 – Considerações Iniciais

Na qualidade de Acadêmico, nossa intenção primeira, na elaboração deste humilde trabalho – PRINCÍPIO DA MORALIDADE ADMINISTRATIVA – foi a de abrir uma clareira na mente dos leitores assíduos da tradicional Revista da Academia Guarulhense de Letras – AGL, que é lançada anualmente para conhecimento público, assim como para os estudantes interessados em buscar novas informações acerca de assuntos interessantes, como se reveste o presente caso, sendo um dos limites para o exercício do poder público.

De forma sucinta, procuraremos abordar o tema sob o aspecto legal, doutrinário e jurisprudencial, sem deixar de colocar a nossa posição como Professor, valendo-nos da experiência profissional e do dia-a-dia em sala de aula.

A matéria será desenvolvida por tópicos: no primeiro, procuramos estabelecer algumas distinções entre a Moral Comum e a Moralidade Administrativa; no segundo, coloca-

mos, de forma aligeirada, noções sobre “Princípio”; em terceiro plano, procuramos delinear os fundamentos básicos do Princípio da Moralidade e da sua importância como instrumento de contenção da atividade administrativa; e, por último, apresentamos uma breve conclusão sobre o assunto tratado.

Nessas condições, esperamos que, se pelo menos um leitor, se comover com as colocações aqui expostas, sentir-nos-emos autor satisfeito, vez que a nossa intenção não foi em vão.

### 1.1. – Distinções entre a Moral comum e a Moralidade Administrativa

A Moral é um conceito impreciso, pois varia no tempo e no espaço. Esse fato não impede que sirva à atuação do Administrador Público. É que a Moral Administrativa difere, em alguns aspectos, da moralidade comum, como veremos a seguir. Todavia, a diferença não acarreta antagonismos entre ambas.

A palavra Moral deriva do latim “*mores*”, assim como Ética deriva do grego *êthos*. Tanto uma como outra significam a mesma coisa, a saber, costume. Como se sabe, a primeira fonte de deveres, numa sociedade primitiva qualquer, identifica-se naquilo que “uma longa e inveterada repetição de atos tiver consagrado como necessário ao bom conviver”<sup>1</sup>.

Consoante a lição da ilustre Professora Maria Sylvia Zanella Di Pietro<sup>2</sup>, nem todos os autores aceitam a existência do Princípio da Moralidade; alguns entendem que o conceito de moral administrativa é vago e impreciso ou que acaba por ser absorvido pelo próprio conceito de legalidade.

1. Elcias Ferreira da Costa – Deontologia Jurídica – Editora Forense – Rio – 2001. P. 17

2. Direito Administrativo – 12ª Edição – Editora Atlas – São Paulo . 2001 . P.77

No entanto, antiga é a distinção entre Moral e Direito, ambos representados por círculos concêntricos, sendo o maior correspondente à Moral e o menor, ao Direito. LICITUDE e HONESTIDADE seriam os traços distintivos entre Direito e a Moral, numa aceitação ampla do brocardo segundo o qual “*non omne quod licet honestum est*” (Nem tudo que é legal é honesto).

O dever moral é de caráter universal, absoluto e geral, que alimenta todas as profissões e está assentado no BEM, não admitindo meio termo. Ele está dentro de cada pessoa e se exterioriza com maior ou menor intensidade de acordo com a educação filosófica de cada um. Todos devem fazer o BEM e evitar o MAL, eis que esse dever moral é oriundo da lei natural.<sup>3</sup>

Nesse sentido, por moral se entende o conjunto de normas associadas a idéias sobre formas lícitas e ilícitas de comportamento, conjunto esse aceito e sancionado por uma determinada sociedade.<sup>4</sup>

Relativamente à moralidade administrativa, convém consignar que, hoje em dia, constitui pressuposto de validade de todo ato da Administração Pública (cf. art. 37, “caput”, da Constituição Federal de 1988).

Não se trata – diz HAURIUO, o grande sistematizador do conceito de moralidade administrativa, de moral comum, mas sim de uma moral jurídica, entendida esta como “o conjunto de regras de conduta tiradas da disciplina interior da Administração”.

Desenvolvendo sua doutrina, explica o referido autor, citado pelo saudoso Prof. Hely Lopes Meirelles<sup>5</sup>: “O agente

3. José Ildefonso Bizato – Deontologia Jurídica e Profissional – 2ª Edição.

4. José Renato Nalini – Ética Geral e Profissional – 3ª Edição – Editora RT – SP – 2001.

5. Direito Administrativo – 12ª Edição – Editora Atlas – São Paulo – 2001 . P. 77.

administrativo, como ser humano dotado de capacidade de atuar, deve, necessariamente, distinguir o BEM do MAL, o HONESTO do DESONESTO. E, ao atuar não poderá desprezar o elemento ético de sua conduta.

Assim, não terá que decidir somente entre o LEGAL e o ILEGAL, o JUSTO e o INJUSTO, o CONVENIENTE e o INCONVENIENTE, o OPORTUNO e o INOPORTUNO, mas também entre o HONESTO E O DESONESTO.

É importante assinalar, por considerações de Direito e de Moral, que o ato do Administrador Público não terá que obedecer somente à lei jurídica, mas também à lei ética da própria instituição, porque nem tudo que é legal é honesto (nom omne quod licet honestum est).

136 A moral comum, remata HAURIOU, é imposta ao homem para sua conduta externa; já a moral administrativa é imposta ao agente público para sua conduta interna, segundo as exigências da instituição a que serve e a finalidade de sua ação: O BEM COMUM.

Vale acentuar que, desenvolvendo o mesmo raciocínio sobre a matéria em apreço, HENRI WELTER, citado pelo Prof. Hely Lopes Meirelles, na mesma obra já mencionada, em estudo posterior, enfatiza que “a moralidade administrativa não se confunde com a moral comum; ela é composta por regras de boa administração, ou seja: o conjunto de regras finais e disciplinares suscitadas não só pela distinção entre o BEM e o MAL, mas também pela idéia geral de administração e pela idéia de função administrativa. Tal conceito coincide com o de LACHARIÈRE, segundo o qual a moral administrativa, “é o conjunto de regras que, para disciplinar o exercício do poder discricionário da administração, o superior hierárquico impõe aos seus subordinados”.

O saudoso Professor Hely, com brilhantismo, concluindo sobre o referido conceito, assim se expressa: “O certo é que a moralidade do ato administrativo justamente a sua legalidade e finalidade, além da sua adequação aos demais princípios constituem pressupostos de validade sem os quais toda a atividade pública será ilegítima.”

## 1. 2. – Breves noções sobre “Princípio”

O vocábulo “princípio”, na linguagem vulgar tem o sentido de “aquilo que vem antes de outro”, “origem, começo”, momento em que se faz uma “coisa pela primeira vez”.

Princípio contrapõe-se a fim, assinalando marco inicial, no tempo ou no espaço.

Na linguagem técnico-científica, no entender do renomado Professor JOSÉ CRETILLA JR.<sup>6</sup>, o termo “princípio” é vago, indeterminado, flutuante, não oferecendo nenhuma indicação precisa sobre o papel lógico da proposição que se considera.

No campo das ciências jurídicas, constituem os princípios um conjunto de proposições que alicerçam ou embasam um sistema e lhe garantem a validade.

Os princípios, na classificação feita pelo administrativista DIÓGENES GASPARINI<sup>7</sup>, são:

1) – ONIVALENTES, ou seja, os que valem para qualquer ciência, a exemplo do princípio de NÃO-CONTRADIÇÃO: uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo;

6. Revista de Informação Legislativa – Brasília. A. 25 nº 97 jan/mar. 1988.

7. Direito Administrativo – 8ª Edição – Editora Saraiva – São Paulo . 2003 . p.9

2) – PLURIVALENTES, isto é, os que valem para um grupo de ciências, a exemplo do princípio da Causalidade, que informa as ciências naturais: à causa corresponde um dado efeito;

3) – MONOVALENTES, tais como os que valem só para uma ciência, a exemplo do princípio da legalidade (a lei submete a todos), só aplicável ao Direito.

Os Princípios Monovalentes podem ser: a) – GERAIS, a exemplo dos que valem só para um ramo de uma dada ciência, de que é exemplo é o *princípio da supremacia do interesse público* (no embate entre o interesse público e o privado há de prevalecer o público), que só é aplicável ao Direito Público; b) – ESPECÍFICOS, ou seja, os que valem só para uma parte de um ramo de certa ciência, nos moldes do princípio da continuidade do serviço público (a atividade pública é ininterrupta), só é verdadeiro para o Direito Administrativo, que é sub-ramo do Direito Público.

O Professor JOSÉ CRETELLA JR.<sup>8</sup>, por sua vez, tratando do conjunto sistemático dos princípios no Direito Administrativo, denomina os princípios específicos, de *setoriais*, como, por exemplo, o das *prerrogativas públicas*, o da hierarquia, o da especialidade, o da auto-executoriedade, o da presunção da verdade, o da *moralidade (g.n.)*, o da autotutela, o da tutela administrativa, o do nascimento unilateral de obrigações para os particulares, o da presunção da legitimidade, o da isonomia, o da discricionariedade, o da igualdade, o do privilégio dos prazos, o da intangibilidade dos efeitos jurídicos dos atos individuais.

8. Ob. cit. p. 19

### 3 – O princípio da Moralidade – seus fundamentos

Consoante os ensinamentos do Professor Hely Lopes Meirelles<sup>9</sup>, os princípios básicos da Administração Pública estão consubstanciados em doze regras de observância permanente e obrigatória para o bom administrador: Legalidade, **Moralidade** (g.n.), Impessoalidade ou Finalidade, Publicidade, Eficiência, Razoabilidade, Proporcionalidade, Ampla Defesa, Contraditório, Segurança Jurídica, Motivação e Supremacia do Interesse Público.

Convém observar que os cinco primeiros estão expressamente previstos no art. 37 “caput”, da nossa Lei Maior; os demais, embora não mencionados ali, estão previstos na legislação infraconstitucional e recomendados pela doutrina pátria.

São esses princípios que norteiam, informam e fundamentam toda a atividade administrativa. Todavia, é importante fazer, desde logo, algumas considerações a respeito da questão principiológica ainda na ótica do autor citado, para melhor compreensão do assunto em estudo.

**Sobre o princípio da legalidade:** como princípio de administração significa que o Administrador Público está, em toda a sua atividade funcional, sujeito aos mandamentos da lei e às exigências do bem-comum, e deles não se pode afastar ou desviar, sob pena de praticar ato inválido e expor-se a responsabilidade disciplinar, civil e criminal, conforme o caso.

Apoiado nas lições do citado Professor, podemos dizer que o ato do Administrador Público, além de atender à lei, deve conformar-se também com a **moralidade** e a **finalidade** administrativas para dar plena legitimidade à sua atuação.

9. Ob. cit. pág. 83

Prossegue o eminente administrativista de saudosa memória, afirmando que a Administração legítima é só aquela que se reveste de legalidade e probidade administrativas, no sentido de que tanto atende às exigências da lei como se conforma com os preceitos da instituição pública.

Por esse ensinamento, podemos também acentuar que cumprir simplesmente a lei na friez de seu texto não é o mesmo que atendê-la na sua letra e no seu espírito. A administração, por isso, deve ser orientada pelos princípios do Direito e da Moral, para que ao legal se ajunte o honesto e conveniente aos interesses sóciais.

Desses princípios é que o Direito Público extraiu e sistematizou a Teoria da Moralidade Administrativa, constituindo-se, assim, o objeto do presente Artigo, que passaremos a analisar, de forma mais acurada.

140

A nossa Constituição Federal (Texto de 1988, no seu art. 37, "caput") preceitua que a Administração Pública, tanto a Direta como a Indireta, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados-membros, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios da legalidade, impessoalidade, *moralidade* (g.n.), publicidade e eficiência. Mas certamente não são só esses aí elencados, pois, como já salientamos anteriormente, há outros previstos nas Constituições Estaduais, nas Leis Orgânicas de alguns municípios, legislação ordinária e abordados pelos autores administrativistas.

A Lei nº 9.784/99, que cuida do Processo Administrativo no Plano Federal, por sua vez, prevê o princípio da moralidade no art. 2º, caput, como um dos princípios a que se obriga a Administração Pública; e, no parágrafo único, inciso IV, exige "atuação segundo padrões éticos de probidade, decoro e boa

fé", com referência evidente aos principais aspectos da moralidade administrativa.

Feita essa digressão, julgada por nós imprescindível, debruçar-nos-emos, novamente, no tema em exame.

A moralidade administrativa, na linguagem clara e objetiva de MARCELO HARGER<sup>10</sup>, não se confunde com o princípio da legalidade. Aliás, a moralidade é freqüentemente mais exigente que a legalidade, embora seja difícil determinar em abstrato hipóteses que acarretam a sua inobservância.

Com efeito, vamos, a título de ilustração, focar uma questão prática de como o princípio da moralidade seria violado pelo Administrador Público, a ponto de tornar o ato eivado de vício capaz de ser invalidado pelo Poder Judiciário. Para tanto, transcrevemos um exemplo do livro da ilustre Professora ODETE MEDAUAR<sup>11</sup>, quando se expressa: "O princípio da moralidade é de difícil tradução verbal talvez porque seja impossível enquadrar em um ou dois vocábulos a ampla gama de condutas e práticas desvirtuadoras das verdadeiras finalidades da Administração Pública. Em geral, a percepção da *imoralidade* administrativa ocorre no enfoque contextual; ou melhor, ao se considerar o contexto em que a decisão for ou será tomada. A decisão, de regra, destoa do contexto, e do conjunto de regras de conduta extraídas da disciplina geral norteadora da Administração. Exemplo: em momento de crise financeira, numa época de redução de mordomias, num período de agravamento de problemas sociais, configura imoralidade efetuar gastos com aquisição de automóveis de luxo para

141

10. Princípios Constitucionais do Processo Administrativo. Editora Forense - Rio. 2001. p. 136.

11. Direito Administrativo Moderno - 6ª Edição - Editora RT - São Paulo 2002. p. p. 154/ 5.

“servir” autoridades, mesmo que tal aquisição se revista de legalidade”.

A propósito, conforme lembra a Professora Maria Sylvia<sup>12</sup>, a imoralidade administrativa surgiu e se desenvolveu ligada à idéia de **desvio de poder e/ou de finalidade**, pois se entendia que em ambas as hipóteses a Administração Pública se utiliza de meios lícitos para atingir finalidades metajurídicas irregulares. A imoralidade estaria na intenção do agente.

Com efeito, quando a imoralidade consiste em atos de improbidade, que, como regra, causam prejuízo ao erário público, o diploma regulador é a Lei nº 8.429, de 02/06/1992, que prevê as hipóteses configuradoras da falta de probidade na Administração, bem como estabelece as sanções aplicáveis a agentes públicos e a terceiros, quando responsáveis por esse tipo ilegítimo de conduta.

Sobreleva notar que qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular objetivando anular ato lesivo à moralidade administrativa (cf. art. 5º, LXXIII, da C.F.). Alguns autores, com base no art. 85, V, da C.F. que considera crime de responsabilidade os atos do Presidente da República que atentarem contra a probidade administrativa, vêem distinto da moralidade administrativa, um novo princípio, o da Probidade Administrativa. Todavia, a nosso ver trata-se do mesmo princípio – o da moralidade.

Aliás, consoante lição da ilustre Professora acima citada, o Princípio da Moralidade não deve ser observado apenas pelo Administrador Público, mas também pelo particular, que se relaciona com a Administração Pública. São freqüentes, em matéria de licitação, os conluíus entre licitantes, a caracterizar ofensa ao referido princípio.

12 . ob. cit., p. 78

que em matéria administrativa se verificar que o comportamento da Administração ou do Administrado que com ela se relaciona juridicamente, embora em consonância com a lei, ofende a moral, os bons costumes, as regras de boa administração, os princípios de justiça e de equidade, a idéia comum de honestidade, estará havendo ofensa ao princípio da moralidade administrativa.

É evidente que, a partir do momento em que o **desvio de poder e/ou de finalidade** foi considerado como ato ilegal e não apenas imoral, a moralidade administrativa teve seu campo reduzido; o que não impede, diante do direito positivo brasileiro, o reconhecimento de sua existência como princípio autônomo”.

Neste penúltimo tópico sobre os fundamentos do Princípio da Moralidade Administrativa, em resumo, permitimo-nos acompanhar “in totum” a lição do insigne mestre de Direito Administrativo DIÓGENES GASPARINI<sup>13</sup>, Professor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, onde assevera: “O ato e a atividade da Administração Pública devem obedecer não só à lei, mas à própria moral, porque nem tudo que é legal é honesto, conforme afirmavam os romanos. Para Hely Lopes Meirelles, apoiado em MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO<sup>14</sup>, a moralidade administrativa está intimamente ligada ao conceito de BOM ADMINISTRADOR (g.n.), aquele que usando de sua competência, determina-se não só pelos preceitos legais vigentes, como também pela moral comum, propugnando pelo que for melhor e mais útil para o interesse público.

13 . ob. cit. p. 10.

14 . Atos Administrativos – Editora Saraiva – SP – 1980.

Por essa razão, veda-se à Administração Pública qualquer comportamento que contrarie os princípios da lealdade e da boa fé. A importância do Princípio da Moralidade Administrativa já foi ressaltada pelo Tribunal de Justiça de São Paulo (RDA. 89:134), ao afirmar que a moralidade administrativa e o interesse público integram a legalidade do ato administrativo”.

#### 4 – Conclusão

Após a análise sobre o Princípio da Moralidade Administrativa, como um dos pilares da Administração Pública, permitimo-nos, com a devida vênia, concluir este breve estudo, trazendo à tona a lição do eminente Professor, o Tributarista e Jurista IVES GANDRA DA SILVA MARTINS, que, assim como nós também pensamos, considera o referido princípio como sendo o mais relevante e prevalente aos demais proclamados no art. 37 “caput” da nossa Lei Maior.

Em “Artigo” publicado na Revista dos Tribunais nº 1996, pág. 20, sobre o Princípio da Moralidade no Direito Tributário, textualmente assevera: “O Princípio da Moralidade Administrativa, portanto, é princípio essencial. O mais relevante, aquele que se destaca de forma absoluta. Que torna a Administração confiável perante a sociedade e que faz do Administrador Público um ser diferenciado.”

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BIZATTO, José Ildelfonso. Deontologia Jurídica e Ética Profissional. 2ª Ed., Editora do Direito. São Paulo, 2.001.
- CRETELLA JUNIOR, José. Curso de Direito Administrativo. 6ª Ed., Forense – Rio de Janeiro – 1981.
- \_\_\_\_\_. Revista de Informação Legislativa (a. 25 nº 97. jan/mar. 1988).
- DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. Direito Administrativo. 12ª Ed. Editora Atlas – São Paulo – 2000.
- FERREIRA COSTA, Elcias. Deontologia Jurídica . Forense – Rio de Janeiro, – 2001.
- FRANCO SOBRINHO, Manoel de Oliveira. Atos Administrativos – Saraiva – São Paulo . 1980.
- GASPARINI, Diógenes. Direito Administrativo – 8ª Ed. – Ed.Saraiva – São Paulo – 2003.
- HARGER, Marcelo – Princípios Constitucionais do Processo Administrativo – 1º Ed. – Forense – Rio de Janeiro – 2001.
- MEDAUAR, Odete . Direito Administrativo Moderno – 4ª ed. – Revista dos Tribunais – São Paulo – 1998.

MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito Administrativo Brasileiro* – 24ª ed. Malheiros – São Paulo – 1998.;

MELO, Celso Antônio Bandeira de. – *Curso de Direito Administrativo* – 11ª ed. Malheiros – São Paulo – 1999.;

NALINI, José Renato. – *Ética Geral e Profissional*. 3ª ed. – *Revista dos Tribunais* – São Paulo. 2003.;

SILVA MARTINS, Ives Gandra da. *O Princípio da Moralidade no Direito Tributário; pesquisas tributárias nº 2* – *Revista dos Tribunais* – São Paulo . 1996.

Lineu Roque Aceiro

## UMA ESTÁTUA ABANDONADA

Numa manhã fechada e coberta de névoa, uma chuva fina intermitente derramava suas águas frias na praça altaneira e esverdeada. Era uma segunda quinzena do mês de maio de 1989. Alunos retardatários encolhidos apressavam-se, subindo escadas para assistir as lições ginásianas do Colégio Professor Homero Rubens de Sá.

Parei ao lado, quase em frente à estátua bronzeada. Demoradamente passei a observá-la. Formou-se então um quadro doloroso, estava frígida, inerte e solitária. Seu rosto, perfeito ainda, havia experimentado ataques demolidores, não tinha nome nem vestígios de quem era, nada que a identificasse. Vândalos sem pátria destruíram parte dela, picharam-na toda furando um de seus olhos, sem saber na verdade o que representou para o país aquele olhar brilhante, totalmente voltado para a defesa de nossas cores e que tanto contribuiu para preservar a integridade do Império Brasileiro. Duque de Caxias, militar de incomparável bravura, estadista íntegro de grande inteligência.

A esfinge imponente, assim como o nome da praça, significa uma justíssima homenagem que se prestou ao patrono do Exército Brasileiro. Luís Alves de Lima e Silva, cognominado mercidamente de “O Pacificador”; e o dia de seu nascimento, 25 de agosto, foi escolhido para se comemorar o Dia do Soldado.

Para que se tenha uma idéia de sua grandiosidade, deitemos os olhos sobre as linhas que lhe dedicou Dionísio Cerqueira, em “Reminiscências da Campanha do Paraguai”: “Para nós, soldados do seu exército, o Marquês de Caxias não era um homem como os outros. Tal prestígio envolvia-o de tal maneira que ninguém podia vê-lo senão através de uma auréola de glória. Quem não acredita na sua onipotência?

150 Quando passava no seu uniforme de Marechal do Exército, ereto e elegante, apesar da idade, todos nós perfilávamos reverentes e cheios de fé. Não era somente o respeito devido à sua alta posição hierárquica; havia mais: a veneração religiosa e a admiração sem limites. Poderia fazer dos seus soldados o que quisesse – “desde um herói, até um mártir”.

Joaquim Nabuco, em “Um Estadista do Império”, foi curto e evidente: “... Bater-se pessoalmente em Itararé, como Bonaparte em Arcole ... um Bonaparte de 65 anos. Soldado nobre que amou a ordem e respeitou a lei, pacificou províncias, anistiou vencidos, venceu ditadores, acabou a questão religiosa e, manteve a unidade nacional...”

A chuva aumentou um pouco, o vento gelado, agora soprava forte. Apesar da melancolia, gostava daquele lugar, mas precisava ir, sentia frio e também uma tristeza infinita. A estátua a tudo assistia indefesa. No semblante respingando, rolava pela barba espessa gotas d’água que caíam no gramado da praça

depredada. Tinha-se a impressão de observar lágrimas comoventes gotejando, inconformadas com a atitude do povo inculto, do jovem indiferente, a televisão equivocada e o descaso das autoridades municipais no tratamento de todos os monumentos históricos edificados em nossa cidade.

Mirem o estado em que se encontra aquela eterna veneração, lembranças de um batalhador insofismável que tinha a alma de justo e a glória de um santo. Merece isto aquele vulcão adormecido?

E o céu carrancudo, testemunhou com lágrimas a tristeza da estátua vilipendiada.

Na Academia Guarulhense de Letras

O Discurso que escrevi... Mas não pude proferir.

Manda a praxe acadêmica, determina o uso consagrado, recomenda o estatuto da casa, que o novo titular ao se empossar, faça um discurso sucinto do patrono da cadeira, examine a obra de seus antecessores destacando seus nomes no tempo e no meio em que viveram. E que fale em alto som da repercussão que suas obras tiveram e o resultado contagiante que alcançaram seus belos vôos do intelecto, assim como os trabalhos literários. Na leitura de seus livros, quanta cultura derramada no seio da população, e na divulgação de suas obras, quantas consciências ainda em formação, não foram realmente concretizadas.

Bem mais de cem anos se passaram, do dia em que o maior dos brasileiros, Rui Barbosa, pedia livros para toda a população brasileira e o fazia em altos brados quando afirmava: "Uma nação sem livros é como um corpo sem alma". Outro personagem muito querido, baiano como ele, estudioso, colega dos bancos acadêmicos das arcadas do antigo Convento de São

Francisco, este, porém, com maior poder de persuasão, assim se manifestava a respeito:

“Por isso na impaciência  
 Desta sede de saber,  
 Como as aves do deserto  
 As almas buscam beber...  
 Oh! Bendito o que semeia  
 Livros... livros à mão – cheia...  
 E manda o povo pensar!  
 O livro caindo n'alma  
 É germen — que faz a palma  
 É chuva — que faz o mar.

156

Antonio Frederico de Castro Alves e o seu lirismo arrebatador.

Vede, pois, confrades acadêmicos as dificuldades em que me acho neste momento, para sair da planura em que me encontro e galgar as alturas e serrarias em que plainaram os vôos das personalidades ilustres a que venho suceder. Encontro-me então, num alpinismo perigoso, escorregadio e cheio de tropeços, para quem levou anos, longos períodos a ler, analisar, estudar textos de lei nos autos criminais, sob a influência absoluta das letras jurídicas, sobre as belas letras jurídicas das quais me aproximei timidamente, por vezes em tentativas biográficas, discursos breves e inúmeras visitas ao plenário do júri guarulhense, quando ele ainda funcionava precariamente na esquina da Felício Marcondes.

Todavia, por essas mesmas razões da decorrência e do convívio com os processos jurídicos, promotores públicos, delegados, juízes e mestres inesquecíveis, habituei-me a

obedecer, respeitar os seus direitos, deveres, obrigações e aqui me encontro canhestro, tímido, acanhado, tentando mais uma vez cumprir uma obrigação reconfortante.

Seja-me lícito, preliminarmente, apresentar a esta ilustre confraria os protestos do meu respeito, da minha admiração e as juras de minha eterna gratidão.

Não pertenço e nunca pertenci ao número daqueles indivíduos que menosprezam as academias e as criticam mesmo antes de conquistá-las. Sempre as respeitei pelo que valem e pelo que significam, como centro de cultura, de beleza, de arte e de patriotismo; núcleo de confiança no futuro de nossa terra e da nossa gente. Porque seria também profundamente triste, infeliz mesmo, o povo que não tivesse tempo, oportunidade, causa e motivação para reunir em permanente culto à beleza, homens de bem, capazes de celebrar as produções alheias, expô-las, propagá-las, ombreando-se com o passado para no futuro continuar construindo castelos, castelos de sonhos vendo subir os espirais poéticos, ensaios de todos os gêneros, novas etapas da ciência, percorrendo o inigualável sistema da evolução, na sucessão das idéias, dos ideais, dos modismos que modelam as épocas mas que não se afastam da arte.

A cadeira homenageada com o número 02 deste sodalício é, eminentemente, brasileira por ser radical e, essencialmente, paulista.

O Patrono dessa cadeira é o jornalista Plínio Salgado, chefe absoluto do movimento nacionalista brasileiro denominado “O Integralismo”, além de político influente que foi e escritor de altíssimos méritos. O fundador da cadeira número dois foi o Dr. Adolfo de Vasconcellos Noronha, excelso advogado, professor universitário polido, escritor e historiador

157

com inúmeras obras publicadas. Foi ainda o saudoso acadêmico, vereador combativo, político influente, homem íntegro, correto e trabalhador. Dotado de cultura elevada e admirável visão, foi ele quem introduziu, em 1968, os cursos jurídicos em nossa cidade, as belíssimas letras jurídicas hoje tão bem representadas pela FIG – Faculdades Integradas de Guarulhos.

A posse do Dr. Adolfo se registrou em 08/12/1978, momento em que Gasparino José Romão realizou um sonho lindo acalentado havia tantos anos, fundou a Academia Guarulhense de Letras, tempo também em que se comemorava a festa de aniversário da cidade. Decorridos, então, 418 anos do dia em que o Padre Jesuíta Manuel de Paiva fundava o aldeamento dos índios Guarus e fazendo erigir no alto da colina uma pequena ermida, edificada de paus, barro e de taipa, fazia nascer a acanhada Vila da Conceição dos Guarulhos e a data escolhida, 08 de dezembro, dia consagrado à Imaculada Conceição, seguindo e segundo as mais belas tradições portuguesas.

Neste instante, essa almejada cadeira de número 02 passa por votação a mim (????)mesmo, guarulhense nato e sem bairrismo, vilagalvense de coração, beneficiado que fui pela vossa generosa preferência e que venho a acupá-la carregado de orgulho, sem, todavia, ter a pretensão de substituir.

A retirada do ilustre mestre para as lonjuras do infinito, deixou em todos da cidade uma tristeza inconsolável. O vácuo que se abriu na sociedade guarulhense, na literatura paulista, no meio estudantil e no seio desta Academia de Letras, será perpétuo; pois haverá sucessores, nunca substitutos.

No momento em que na Câmara Municipal se prestavam a Adolfo de Vasconcellos Noronha as últimas homenagens que

lhe eram por todos os títulos devidas, assim se referiam, com justeza, inúmeros acadêmicos presentes: “Com a morte de Adolfo de Vasconcellos Noronha, a literatura brasileira perde um dos, talvez, derradeiros estilistas da língua portuguesa no Brasil.”

Retrocedamos agora para o final do século passado. O enfoque é sobre a minúscula e tradicional cidade paulistana de São Bento de Sapucaí, agarrada aos rudes penhascos da Serra da Mantiqueira, pendente isolada nas alturas qual sentinela avançada da terra bandeirante. Nessa povoação foi que a 22 de janeiro de 1895 nasceu Plínio Salgado, prodigamente dotado de brilhante e promissora inteligência. Prematuro na arte de escrever, a sua atividade literária iniciou-se espontaneamente, quando ainda cursava a escola primária.

Não obstante todo o fascínio que os brinquedos violentos exerciam sobre ele, assim como subir em árvores, tourear bezerros soltos, transpor os morros irregulares das proximidades, nada disso lhe causava maior prazer do que, nas noites silenciosas ou mesmo nas ensolaradas manhãs de sua cidade natal, sentar-se junto à mesa para fazer uma descrição, escrever um canto, uma crônica ou poesia. E sempre isso acontecia após ter ouvido de sua mãe, histórias do Evangelho, Tamandaré e demais vultos ilustres do cenário brasileiro.

Plínio Salgado era filho da benemérita senhora Ana Francisca Rennó Cortez, abnegada professora que durante longos 35 anos exerceu soberbamente o magistério paulista. Nobre educadora, imbuída de fortíssimo sentimento patriótico soube perfeitamente incutir em seus alunos e em seus filhos também, acendrado amor ao Brasil ensinando-os a cultuar as figuras nacionais relevantes de nossa história. Haveria de gerar essa criatura encantadora um filho independente, nacionalista

e liberal. Seu pai, o Coronel Francisco das Chavas Esteves Salgado, foi influente chefe político daquela região interiorana, lugar onde exerceu por vários anos a profissão de farmacêutico. Homem competente, respeitado e estimado pelos seus conterrâneos, participou ativamente de destacados episódios da vida nacional, como o foram a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República.

Na pacata cidadezinha, Plínio concluiu as primeiras letras, retirando-se em seguida para os grandes centros, na busca incessante de novos conhecimentos. Hospedou-se primeiramente em São Paulo, depois esteve residindo em Minas Gerais, berço de Tiradentes. Na Capital Paulista, tornou-se colaborador de diversos jornais e revistas, até que com realçantes méritos atinge seu propósito, chega aos bancos universitários.

160

Ao completar 21 anos de idade, retorna à sua cidade natal. Agora formado, inicia-se com entusiasmo na imprensa local e cria, em 1916, um sugestivo jornal batizado de "O Correio de São Bento". A notícia do seu talento como escritor corre solta e é reconhecido por Monteiro Lobato, que faz publicar algumas de suas crônicas na Revista do Brasil, cuja imprensa é de sua propriedade. A todo momento interessado na arte de governar, Plínio Salgado participa ativamente de movimentos políticos e funda em 1918 o partido municipalista local. Naquele instante, o nosso perfilado é um homem feliz, está de bem com a vida e nutria momentos de grande euforia. Contudo, vem o destino ingrato e lhe prega uma peça terrível, dolorosa. Sua bela e querida esposa, tão jovem, subitamente vem a falecer. De tal sorte e como nos ensina Gasparino José Romão, em uma de suas obras: Ela quis partir mais cedo e foi morar com Deus lá nas alturas, aonde as estrelas cintilam no firmamento. Viúvo aos 24 anos, absolutamente só, com uma filha recém-nascida,

o homem se aquieta triste e, a partir de então, torna-se profundamente religioso.

Decidido, viaja para São Paulo, em 1920, fixando aqui a sua residência. Logo ressurge e se destaca novamente como jornalista brilhante e primoroso escritor. Nesse período é um dos idealizadores da tendência nacionalista do movimento modernista brasileiro denominado "Movimento Verde e Amarelo", em oposição à corrente primitiva lançada pelo manifesto "Pau Brasil", comandado por Oswald de Andrade. Surpreendentemente votado pelo povo paulista é eleito deputado estadual em 1928, valorizando ainda mais o Partido Republicano Paulista, agremiação pela qual estava filiado.

Quando concluiu sua obra Literatura e Política, em 1927, declarava-se abertamente como um homem anticospolita, defensor de um Brasil agrário e contrário ao sufrágio universal. No momento em que conhece Mussolini e percebe a sua liderança na Itália de 1930, volta obcecado pela idéia de criar no Brasil um movimento revolucionário tipo fascista.

161

A partir de 1931, Plínio Salgado encontra-se todo consagrado à divulgação do Integralismo, movimento do qual se fez chefe absoluto em todo o território nacional. Junto a pontuais companheiros organiza, em meados de 1932, a Sociedade de Estudos Políticos. Dessa inexaurível agremiação resultou a formação da AIB – Ação Integralista Brasileira, fundada no ano de 1932. Esse ordenado movimento nacional vingou e, aos poucos, de tal maneira cresceu, que logo se transformou em combativo partido político, momento em que conseguiu reunir em desfile público realizado no Rio de Janeiro, em 1937, mais de 25 mil admiradores do movimento.

O Integralismo de Plínio Salgado configurava-se como um movimento Nacionalista, anticomunista, antiliberal e anti-semita, atuando sob o lema “Deus, a Pátria e a Família”. Pregava aquela marcha popular um nacionalismo exacerbado que protestava contra todo tipo de desmando, contra a exploração do país pelos banqueiros internacionais e exaltava ainda certos valores da cultura brasileira. Conseguiu ainda tal movimento integralista, atrair importantes setores da classe média brasileira, bem como numerosos intelectuais, políticos de renome e destacados profissionais liberais.

Os militantes dessa organização, obedeciam a uma série de regulamentos, entre os quais destacava-se o uso de uniforme próprio todo verde, o que motivaria o apelido que receberam, os “Camisas Verdes”. Seria interessante e muito bonito de se observar a saudação entre os integralistas, no momento em que se aproximava um companheiro do outro, batiam o pé nos calcanhares e em posição de sentido como os militares, levantavam a mão direita dizendo em alto som: Anauê, Anauê, expressão indígena que significa grito de guerra, originário da língua tupi. Compuseram até, aqueles revolucionários, um hino próprio especial dedicado à corporação e que nos momentos cívicos cantavam com exaltação.

Um ano depois da implantação do Estado novo, em 1937, Plínio liderou o Movimento “PUTSCH”, um golpe contra o ditatorial governo de Getúlio Vargas. A ditadura Vargas, que tanto mau causou a São Paulo, fazendo com que inúmeros filhos da paulicéia tombassem mortos no campo de batalha. Malgrado o movimento político, chefes e implicados foram detidos, inclusive o grande líder. Preso e encarcerado durante um ano na Fortaleza de Santa Cruz, foi depois enviado para o exílio em Portugal, onde permaneceu amargurado até o ano de 1945.

Durante o longo exílio, solidarizou-se com o Estado Novo e quando retornou ao Brasil, ainda em 1945, com a redemocratização do país, fundou importante partido político, o PRP – Partido de Representação Popular, associação pela qual concorreu à Presidência da República, em 1955. Contudo, não obstante a votação numerosa que obteve, considerada expressiva e convincente, não conseguiu se eleger. Apoiou a posse de Juscelino Kubitschek contra articulações golpistas que na época existiam e elegeu-se depois por sucessivos mandatos, deputado federal pelos estados de São Paulo e Paraná. Apoiou o Movimento Militar de março de 1964 e, posteriormente, filiou-se à Arena, partido político da Aliança Renovadora Nacional. Justamente há trinta e dois anos passados foi eleito para exercer o seu derradeiro e saudoso mandato, em 1970.

Membro efetivo da Academia Paulista de Letras, casa onde se notabilizou pela presença constante e participativa. Seu trabalho literário é vastíssimo e suas obras perfeitas incluem entre outras: Tabor, volume de versos em 1919, e A Anta e a Curupira, poesias, em 1926. Depois publicou os romances: O Estrangeiro, em 1926; O Esperado, em 1931, e o Cavaleiro de Itararé, em 1933. Escreveu ensaios literários de grande habilidade: Literatura e Política, em 1927; e o Curupira e o Carão, obra esta escrita em colaboração com Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia, Reconstrução do Homem, O Rei dos Reis e Literatura Gaúcha, em 1928. Plínio Salgado escreveu, ainda em 1926, uma coletânea de crônicas lindíssimas, às quais deu o nome de Discurso às Estrelas. Legou-nos também textos políticos de realçantes sutilezas, tais como: A Doutrina do Sigma, O que é Integralismo, A Psicologia da Revolução, Cartas aos Camisas Verdes, Os Direitos e Deveres do Homem, O Conceito Cristão da Democracia, entre os principais.

Encontrou tempo ainda para organizar um longo diário de parte de sua existência, intitulado *Minha Segunda Prisão e Meu Exílio*. Muitas obras de sua autoria foram publicadas sobre política e religião, dos quais podemos citar: *Uma Vida de Jesus Cristo* e *Uma Vida de Bolívar*.

Corria serenamente o ano de 1975, tempo em que como um raio veio a triste e inesperada notícia: Plínio Salgado morreu. Desceu sobre o lutador a parca com a sua alfanje afiada, ceifando a vida do admirável líder político e literato. Acabara de completar 80 anos de vida, de uma vida longa, repleta de lutas, sacrifícios, vitórias e derrotas, beleza e amor, consagrando por consequência o menino pobre do interior paulista, com auréola de um dos mais notáveis e legítimos escritores contemporâneos do nosso Estado, um líder soberbo, inesquecível.

164

A nossa esperança, no entanto, é que outros apareçam pelo futuro que nos aguarda, pois no culto da memória dos grandes e que se abrem as comportas para as gerações vindouras. Agora tenho que terminar, não quero e não posso ser longo ao falar, se junto o sincero desejo de não ser prolixo, pelo respeito que devo aos ouvidos e ao tempo dos que nos dão a honra de ouvir-me.

Não é positivamente um raio de sol primaveril que penetra comigo nesta Academia, seria talvez o último bruxulear de um fim de outono, de um outono triste, que nem deixa lembrar a primavera que passou e mais se parece com um rude inverno já tão próximo. O que pronunciei nesta tribuna não chega a ser uma profissão de fé; é antes e acima de tudo a ingênua confissão de deslumbramento de alguém que recebeu um galardão nunca sonhado, cuja outorga escapa ao seu julgamento mas que recebe com honra, honra e orgulho partindo inegavelmente de quem partiu... A Academia Guarulhense de Letras.

Quero, no entanto, mais uma vez agradecer a esta ilustre confraria, aos companheiros Acadêmicos que aqui me trouxeram com as suas escolhas, aqueles colegas queridos que vieram trazer-me a expressão dos seus carinhos, o abraço amigo, a minha esposa e meus filhos, aos familiares presentes e aos que não puderam vir, porque se retiraram para o silêncio triste das catacumbas, nesta solenidade simples que para mim é alta honraria, alta honraria sim, alta honraria ao tempo de crucificação...

Anauê, Anauê.

165

## UMA APRECIÇÃO PRECAVIDA

De nuvens cinzas amontoadas, caíam incessantemente gotas de água em abundância naquele dia primaveril de 1995. Que belo momento Deus me apresenta para que inicie a leitura de tão atraente história amorosa, escrita coloquialmente em prosa e verso. Não sopravam ventos, o calor era ameno e a chuva chegou refrescante, na tarde que mansamente desaparecia no horizonte.

Ao redor, de todo lado havia montanhas verdejantes e árvores frondosas, de cujos ramos molhados, pingavam gotas encolhidas. Pássaros de cores vivas revoavam com pressa à procura dos filhotes e dos seus ninhos. Distante, o mar inquieto bramia revoltado entre as pedras pretas da enseada isolada.

Na varanda elevada da modesta vivenda, em Ubatuba, podia se ver um coqueiro abarrotado de frutos, muitos periquitos palradores pulando úmidos de folha em folha. Na calmaria desse refúgio foi que, abrindo o livro, principiei a ler “Felicidade.... Um Lugar que Fica Longe”, romance de Alfredo Ibrahim Khouri, remoto companheiro do Grupo Letraviva

Guarulhense. O título, pomposo e sugestivo, se contradiz com esse momento meu, descansando em veraneio, na paz de Deus com toda a família reunida. Se a felicidade fica assim tão longe, eu pelo menos, tenho-a aqui tão perto.

Numa prosa afável, inteligível, Ibrahim nos relata com maestria lances emocionantes dessa trama amorosa de realçante beleza, comovente, verdadeira, às vezes até dramática ao extremo quando consegue prender o leitor animadamente, até suas derradeiras e sofridas linhas. Tanto isso é verdade que no tempo certo e o lugar oportuno a leitura realizou-se numa tacada só. Assim, rapidamente apareceu a última página, de número 142, anunciando intimamente que a aventura acabou.

Preliminarmente, da mesma maneira que o cidadão Castelo sentiu pena do Paulo depois, com a leitura da obra e conhecendo-o melhor naqueles momentos em que bebia, humilhava, agredia, chegando à ousadia tão grande de expô-la sozinha às visitas, amigos inconvenientes que sem escrúpulos lhe faziam propostas rasteiras dentro de sua própria casa. Aí, então, a coisa mudou e passamos a olhar Paulo com outros olhos, pois o que realmente aquele homem era no dizer de educadores... Uma boa bisca.

Num evento dominical, o autor relata o encontro fatal entre Marcelo e Clarisse, ocasião em que nasce um amor sensual, poderoso, incontrolável. Seria um amor ideal, desprovido de outros interesses maiores, porém existiam gozos materiais. Sentimento grandioso que demonstrava admiração, convivência, amizade, orgulho e carinho. Então Clarice cresceu como figura humana, reagindo àquelas provocações infundadas, invertendo a situação ridícula em que se encontrava. Tudo evidentemente graças aos conselhos e ponderações do amigo Marcelo, sempre pronto a orienta-la.

A vista disto, de maneira evidente, dia após dia, ia aumentando ardentemente a afeição, a paixão, nutrida entre os amantes. Tais manifestações iam aparecendo em forma de versos, poemas, que para a amada escrevia:

“Qualquer dia,  
Sim qualquer dia vou sentir a maciez dos seus cabelos,  
Vou falar aos seus ouvidos,  
Mexer com todos os seus sentidos,  
Fazer arrepiar de gozo todos os teus pelos...”

E faria realmente cumprir tal afirmação tempos depois, quando num instante endiabrador sem querer machucou-a, numa dor profunda que Clarice desejou curtir para não esquecer o encontro, porque era aquela dor “a dor do amor”, conforme confissão da concubina.

Para motivar ainda mais a leitura do livro, foi importante perceber o carinho desvelado e existente entre pai e filho. Da mesma forma, a amizade efusiva entre amigos inseparáveis, no dia inesquecível em que juntos degustaram uma pizza com guaraná, empinaram papagaio, jogaram futebol, viajaram juntos, pescaram, ou quando o pai clarinava igual um galo, fazendo com a boca: Cocorococó!!! A Passagem sem malícia do filho Jean na Padaria Barão e a pergunta inocente da pureza de seus 2 anos de idade, ocasionando uma pausa para reflexão e continuar na história envolvente.

A resignada Michele, sempre solícita, trazendo o balanço cadenciado do seu corpo sedutor, esguio, de largos quadris e seu vestido longo elegante, trouxeram motivações profundas para a vida do Marcelo, ao mesmo tempo em que cooperou no encerramento desta obra. Na verdade, para aquela mulher desprezada, o amor do poeta deixou marcas profundas, bem

como decepção inconsolável quando soube da operação cirúrgica a que submetera, e que a impedia, a partir de então de reproduzir mais descendentes, pois tal qual Clarice também ela desejava um filho dele. Ah! esse Marcelo... Terrível, conquistador, compassivo.

Afinal, a leitura dessa trama envolvente, que é "Felicidade... Um Lugar que Fica Longe", deu-me com agradável prazer a oportunidade ímpar de conhecer melhor o autor, diligente companheiro do Grupo Letra Viva, e que agora saindo do campo que com maestria faz, a poesia, entra numa prosa comovente, irradiante, dissimulada em mistério. Merece por isso notas altas da literatura da cidade, para assim chegar sem demora aos quadros da Academia Guarulhense de Letras.

170

A gente, influenciado porém sem tanto jeito, sente uma vontade imensa de também fazer versos, escrever poesia:

Quero despir de preconceitos o teu corpo  
Comer as tuas ânsias  
Escarlar tuas montanhas  
Ser amor do teu prazer

Quero derrubar tuas paredes  
Resolver tuas angústias  
Resistir aos teus abraços  
Recusar tuas promessas

Quero confundir tua cabeça  
Viajar no teu espaço  
Sonhar perto dos teus sonhos  
Colorir tuas paixões

Quero despir de preconceitos o teu corpo.

Ressalte-se, entretanto, que para o completo entendimento desta apreciação em forma de crônica, seria necessário que todos lessem o romance indicado, pois motivado por suas enternecidas linhas eu não pude resistir e saí por aí sem rumo, desejando encontrar a minha Clarice. Imaginava-a linda, atraente e desconcertante. Os seus lábios seriam carnudos, grossos e os seios juntos, soltos, que com malícia avançam sobre a seda fina do vestido estampado. Nesta hora então, se enrijecem e repentinamente se transformam numa fera sem controle, sem domínio. Seus braços macios haverão de se fazer garras, suas roupas caídas tiradas por mãos apressadas, trêmulas e audaciosas, prestes a descobrir tesouros, montanhas, provocando arrepios, ais e ais.

Essa noite eu vou falar brando aos seus ouvidos, escalar suas montanhas, mexer com todos os seus sentidos... Só não vou machuca-la, não que não queira, é que a felicidade mora longe.

171

LINEU ROQUE ACEIRO  
Junho/2003

Isabel Borazanian

## TENTATIVAS

Tentei traduzir  
a luz que reluz  
quando olho pra você

Tentei traduzir  
a essência de vida  
que mora em você

Tentei traduzir  
o brilho da luz  
que vem de você

Tentei traduzir  
e nas tentativas  
acabei amando você

Isabel Borazanian

### DESEJO

No momento do intento  
O desejo do seu beijo  
Que na maciez da guarida  
Veio acalmar a ferida

E o querer daquele instante  
Fez real o amor pulsante  
Que morava no meu peito  
E eu te beijei, não teve jeito

Isabel Borazanian

176

### ENCONTRO

Um sopro de vento  
me leva no espaço e eu vou correndo  
colher seu abraço  
Vivendo alegrias  
do dia que vem  
O amor me aquece  
Te amo, meu bem

Isabel Borazanian

### DANÇA INTERIOR

Todas as luzes que moram  
dentro do meu coração  
são luzes alegres dançantes  
que invadem a minha canção

E neste som eu vivo  
E neste som eu moro  
buscando a harmonia  
querendo que a alegria  
habite o meu coração

Todas as luzes que moram  
dentro da minha canção  
são luzes alegres dançantes  
que invadem o meu coração

E neste som eu vivo  
E neste som eu moro  
buscando a harmonia  
querendo que a alegria  
habite a minha canção

Isabel Borazanian

177

### ESPELHO

O artista crê no seu contexto  
puxa e repuxa  
as linhas  
as forma  
o volume  
o espaço  
e se perde na  
profundidade das coisas  
das coisas todas que  
vão por aí  
que vão por aí...

178

Isabel Borazanian

### ASAS DO TEMPO

Onde se escondem as asas do tempo?  
As asas que arrastam o mundo  
levando vozes, levando vidas  
formando histórias  
Onde se escondem as asas do tempo?

Isabel Borazanian

### COCHILOS

A cidade dorme  
A cidade cochila  
cochila sobre os cochilos  
que intermináveis se propagam  
O poeta derrama-se em poesia  
A prostituta se perde pelo desamor  
Meninos esperam na porta o vício  
A sobrevivência reflete-se em assaltos  
Nos hospitais nascem e morrem pessoas  
Em algum lugar crianças sofrem  
Pelos caprichos do poder  
No rádio alguém oferece uma canção  
No jardim uma flor se abriu  
Entre quatro paredes  
Corpos se entregam  
Corpos se renegam  
De amor alguém se encontrou  
Por amor alguém se perdeu  
E as idas e vindas  
Fervilham em contradição  
Tudo se pertence  
E a cidade ainda dorme  
A cidade cochila sobre os cochilos  
Que intermináveis se propagam...

179

Isabel Borazanian

## QUERER MAIOR

Na esfera habitável  
gingam velozes as sensações  
velozes gingam as sensações  
na esfera habitável  
a vida absorve  
absorve a vida, sensações mil de bem querer

O prazer delinea os instantes  
e no intento  
rolam dois corpos  
em prazer do querer maior  
ferozmente a entrega se completa

E...

Já não sei da esperança  
que salta na dança  
e me traz você

Já não sei do bailado  
que todo apressado  
revira meu corpo  
alinha minha veias  
me lança certa  
pro ato do amor

Isabel Borazanian

## TENTATIVA

Penetrar nas incógnitas do tempo  
tentar decifrar momentos  
tentar compreender intentos  
e não deixar doer o coração  
Mas, ele dói...  
e se faz revelado em choro sentido  
que corre minha face, buscando abrigo  
e não consigo contê-lo  
e não consigo acalmá-lo  
...ele tem gosto de medo...

Isabel Borazanian

## LEMBRANÇAS

Em cada tempo  
um espaço  
uma roda  
uma canção

Em cada canção  
um momento  
um lampejo  
uma emoção

Em cada emoção  
uma verdade  
uma realidade  
do coração

Isabel Borazanian

## MEMÓRIA

O sonho brilhou nos meus dias  
O sol brilhou nos meus sonhos  
E a memória em magia  
trouxe com maestria  
um tempo rico de amor  
Oi skindô-lê-lê  
Oi skindô-lá-lá  
Revivo a infância  
me sinto por lá...

Criança cantando de pé no chão  
pulava amarelinha, rodava pião  
Criança brincando com a imaginação  
o mundo perfeito brilhava na mão  
Oi skindô-lê-lê  
Oi skindô-lá-lá  
Viajo no tempo  
e fico por lá...

A roda ciranda me põe a rodar  
a balança na jaqueira me leva a voar  
com barro e as mãos um mundo a criar  
e o meu coração se aquece em lembrar  
Oi skindô-lê-lê  
Oi skindô-lá-lá  
Infância querida  
preciso voltar!

Isabel Borazanian

## QUEM?

Quem ensinou o canguru a saltar?  
Será que foi o João?  
Será que foi o Antonio?  
Será que foi o Itamar?

Quem chutou a bola amarela que mora no céu?  
Será que foi o Pedro?  
Será que foi a Maria?  
Será que foi o Gabriel?

Quem ensinou os passarinhos a voarem?  
Será que foram os Silvas?  
Será que foram os Souzas?  
Será que foram os Soares?

Quem foi que salgou o mar?  
Será que foi a Cristiane?  
Será que foi a Bianca?  
Será que foi a Dagmar?

Quem foi que coloriu as flores?  
Será que foi a Lays?  
Será que foi o Bruno?  
Será que foi a Dolores?

Quem?...

Isabel Borazanian

### TUDO PODE, TUDO É...

No mundo da imaginação  
tudo pode, tudo é...  
Cachorro canta ópera  
e galinha tem chulé

A imaginação é delícia  
e nos leva a sonhar  
Eu posso estar na cidade  
e me imaginar no mar

Às vezes sou borboleta  
às vezes sou jacaré  
No mundo da imaginação  
tudo pode, tudo é...

Isabel Borazanian

### CINEMA GIGANTE

No céu azul, azulzinho  
que é tão gostoso de olhar  
passam nuvens bem branquinhas  
e desenhos vão formar

Eu posso dizer que já vi  
no céu a nuvem formar  
coelho, pássaro, jacaré  
e até as ondas do mar

É uma brincadeira gostosa  
não sentimos o tempo passar  
As imagens estão na nuvens  
basta olhar e imaginar

É um cinema gigante  
que a natureza nos dá  
Não precisa pagar ingresso  
nem tem hora pra acabar

Isabel Borazanian

Milton Luiz Ziller

Incongruência. ( Do lat. Incongruentia) S. f.  
Qualidade do incongruente; inconcruidade.  
Ato ou dito do incongruente. Incongruente: Adj. ( Do  
Lat. Incongruu) – Inconveniente, impróprio, incompatível,  
incôngruo – Aurélio.

Incongruência s.f. (do lat. Incongruentia). Qualidade  
– do que é incongruente , incompatível, incoerente.  
Incongruente – adj. ( Do lat. Incongruens. Incongruentis)  
Incôngruo, impróprio, incoerente, incompatível; inconveniente.  
Larousse

Incongruência sf. Absurdo, incoerência, impropriedade, inadequação.  
Incongruente adj m+f – ilógico, irracional, absurdo;  
inconveniente, impróprio , inadequado. Melhoramentos.

## INCONGRUÊNCIAS

Feioso verbete, menos usado do que incoerência, de compreensão similar, abraça um sem número de situações esquisitas, embaraçosas, absurdas e absolutamente contraditórias, nos mais variados campos da compreensão humana e, o pior, muitas vezes aceitos como verdades incontestes, indubitáveis, irrefutáveis. E, não é bem assim.

No cotidiano, no desenrolar do habitual dos seres vivos; humanos ou não, as inadequações, as inconveniências, estão a miúdo presentes, a começar pela origem do Universo, no homem, na luta pela sobrevivência dos animais que “graças a Deus” são obrigados a se comer, devorarem-se uns aos outros, numa luta terrível, para saciar a fome que nenhum maná daria conta de cobrir, na morte e no “post-mortem”, na política, na religião mais do que nas outras coisas, nas credices fantasiosas que invadem a mente humana, na inclinação-contingência de criarem-se assertivas sobre o vazio, sobre o nada, a fim de participar da inglória e incessante busca de explicar o inexplicável.

Criaram-se deuses, na antigüidade, embasados em forças da natureza: o Sol, a Lua, o Trovão, o Mar, o Vento, a Chuva, com muito mais lógica do que esses deuses que ninguém vê nem sente e que, na realidade, não resolvem coisa nenhuma. Têm o poder absoluto e não resolvem absolutamente nada. O Sol, a Lua, as Águas, o Vento (ar) são forças da Natureza que se fazem presentes na vida das pessoas e suas intensas influências são percebidas e sentidas pelos seres vivos – humanos, animais e vegetais – razão por que eram consideradas deuses, produzindo benefícios ou malefícios, alimentando a vida ou alastrando a morte com suas iras: tempestades tufões, enchentes, terremotos, vulcões, secas, pestes e outros infortúnios. E tudo sob a chancela de deuses cujas forças podiam influir sobre a vida, nas suas manifestações absolutamente naturais. Em realidade, a mente humana sempre criou e continua criando fantasias, as mais estrambóticas, com o fito de evitar o mal e a coisa ruim ou propagá-los; obviamente tudo inútil.

190

O *misticismo* manifesto na vida do homem primitivo, muito antes de se falar em Deus, Buda e Alá e outras manifestações religiosas, chegou ao absurdo ainda maior de se adorarem deuses particulares, por meio de preces, sacrifícios – até humanos –, expiações e purificações, na intenção de afastar os maus espíritos, praticando diversos tipos de magias, para alcançar o gozo terreno e a felicidade longa. Já no antigo Egito, cultuavam-se os mortos e suas sepulturas variavam com suas fortunas e com o poder, com a posição social; nas tumbas, vasos, víveres, objetos como armas, utensílios variados, peças de joalheria e até sacrifícios para que não viessem azucrinar os vivos. Dos mortos não devemos esperar qualquer mal nem temê-los. Morto é morto e ponto final.

No homem primitivo o misticismo manifestou-se de forma similar, sendo comum o encontro de instrumentos de

sílex, pedras eolíticas, tipos de armas, machados, objetos de uso doméstico junto a ossadas humanas comprovando a existência do culto aos mortos. O homem, que é **um ser passional e facilmente sugestionável**, cria na sua imaginação figurações incoerentes toda vez que o *entendimento racional lhe escapa*. Assim, os Gregos criaram a idéia de deuses – lendas em profusão de, primeiro de cada cidade, depois unificados, porém, *deuses mortais*, divindades com enormes poderes mas que, com formas humanas, cometiam erros e estavam sujeitos a paixões e desejos e vícios e atitudes comuns ao humano comum. Há, pois, mais lógica em acreditar nas forças da Natureza, nos exemplos da mitologia grega, que não se apegavam a um poder absoluto que, afinal, não pôde com o poder de um seu mero anjo – *outra figura absurda* –, Satã, Lúcifer, Demônio ou o diabo de nome que se lhe tenham dado e que, neste mundo em que o Mal está vencendo o Bem – estes sim, *existentes entre todos os seres vivos da Terra* –, não têm nada a ver com deuses ou demônios, pois dependem exclusivamente da mente humana, do caráter de cada um, que pode ser mau ou bom.

191

Dizem que, no geral, o ser humano nasce bom e que o meio é que determina o seu comportamento futuro. Que nada! O meio influi na moldagem, sim, mas a maldade pode ser, também, condição inata. Há seres que nascem maus. Há bebês que demonstram ruindade ao vir à luz e, muitas vezes, serão maus por toda a existência. Há crianças más nas escolas, que judiam (perdoem os judeus) dos colegas, há os intolerantes com os mais fracos fisicamente e vivem aplicando-lhes surras homéricas e há os que, neste sentido, percorrem o resto da existência pelo caminho do mal. Uns, já imprestáveis desde criancinhas, embarafustam-se pela vereda dos imprestáveis adultos e influenciados também pelo meio, tornam-se

criminosos e maléficos à sociedade. E não me venham com a idéia do tal “Livre Arbítrio”. Isso não cola. Isso é a **confissão da impotência divina** ou ausência de poder perante o mal. *Poder que não Pode*, que nunca é responsável por nada que é ruim. Tudo que é bom, é graças a Deus. E o que é ruim, é graças a quem, se o poder de Deus é absoluto, ou se não é absoluto, é pelo menos o maior?

192

A propósito do “graças a Deus”, que é uma expressão popular das mais usadas e difundidas, sintetizemos o seguinte: Num desastre aéreo, com a queda da aeronave, morreram 299 pessoas e salvou-se “milagrosamente” uma, graças a Deus. Analisemos: Quer dizer que 299 perderam a vida, graças a Deus, não é? Dois trens, por falha de troca de sinal, humana provavelmente, seguem no mesmo trilho, em sentido de colisão. Deus, que a tudo vê, se omite, não faz nada. No acidente, graças a Deus salvam-se 30 indivíduos e graças a Deus morrem 150. O jogador de futebol: Não jogamos muito bem, mas graças a Deus, vencemos. O do outro time: Jogamos melhor que o adversário, mas graças a Deus fomos derrotados; O lutador de boxe: dei-lhe uma porrada na fuça e ele, graças a Deus foi à lona e não mais se levantou. O Adversário: tomei um direto no queixo e, graças a Deus, fui a nocaute; Atleta de Futsal após a conquista de um título: “Foi um presente de Deus”. E o adversário, igualmente cheio de fé, que havia feito o sinal da cruz ao entrar em quadra, “Deus nos ferrou”! Quem recebe os louros nas vitórias, deve também assumir o ônus das derrotas.

E outras como: Na oração que precede o ato de baixar o caixão na sepultura, “Deus deu... Deus tirou” Puro paradoxo. **Quem dá não tem o direito de tirar, nem pedir de volta;** O homossexual, a lésbica, o bissexual e outros anômalos, segundo o texto bíblico, não têm existência por ato de Deus, porquanto,

na Criação só são mencionados o Homem e a Mulher. “Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé” – e “a fé move (ou remove) montanhas”. Nunca vi, a não ser por ação natural dos agentes físicos erosivos e acumulativos, o vento (eólia), a água (pluviais, fluviais, marinhas e glaciares), principalmente, nem uma pequena duna, um montículo, uma colina, quanto mais uma montanha mudar de lugar. Falácia, pura falácia. Mas, segundo uma propaganda televisada que presenciei e anotei, “se a montanha estiver vindo a você, corra...porque é avalanche”.

Zéus ou Zeus, deus supremo na mitologia Grega, convenhamos, nos dá a idéia de simples plágio para o surgimento da palavra Deus. Uma singela supressão e troca de uma letra e estava criado o Ser de poder absoluto que nunca ninguém viu. – Ninguém, não! Ainda hoje há os que acreditam que um homem – Moisés –, um só, entre tantos bilhões de seres humanos que já viveram – viu e ouviu e que nos trouxe as tais tábuas da Lei de Deus. **Incrível, não?** Seria esse homem um grande mentiroso? Pode-se crer numa coisa dessas, uma **Incongruência** desse quilate?

193

O homem, pela sua insignificância perante a Natureza, a formiguinha que é neste planeta que, por sua vez é simples grão de areia no espaço infundo – infinito e quase que totalmente desconhecido –, precisou criar, *imaginar* um Deus para, por absoluto **comodismo** de uns e necessidade de enganar os outros de outros, estímulo da concupiscência, tentar explicar o inexplicável, aquilo que ele não sabe, aquilo que não consegue entender, atingir o intangível – também porque não há como –, e um *Diabo* para **justificar** as falhas que, de certo modo, não podem ser atribuídas ao primeiro. Ora, nem um nem outro! Um Deus absolutamente **omisso ante o mal** que atinge as

espécies vivas, que aflige os mais fracos, que inferniza a sorte dos miseráveis, dos pobres coitados não dotados que só encontram no lixo as migalhas do seu sustento e em barracos pendurados nos lugares mais inóspitos, debaixo de pontes e viadutos ou nas encostas que margeiam os rios-esgotos como o Tamanduateí, o seu fétido e saboroso lar.

Deus é o criador ou é a criatura? A figura de um Deus único é tão *evidente como criação da mente humana*, como as figuras folclóricas das lendas de deuses antigos e de monstros célebres que surgiram nessas mesmas inteligências, para fazer frente e serem derrotadas por aqueles. A genialidade humana é pródiga em inventar fantasias: Minotauro, meio homem, meio touro, que se alimentava de carne humana, morto por Teseu, Hidra de Lerna, uma serpente de sete cabeças, ambos da mitologia Grega, Mula-sem-cabeça, Saci-Pererê, Boto, Negrinho do Pastoreio, do folclore brasileiro, Lobisomem, Vampiros os mais variados tipos. O imaginário popular cria figuras inconcebíveis, não plausíveis, por isso é muito comum encontrarmos pessoas que afirmam que essas tolices são absolutamente reais. Por muitas vezes, em reportagens escritas ou televisadas, nos deparamos com pessoas autóctones, da Amazônia ou do Centro-Oeste que dizem e afirmam categoricamente terem visto o **Boto** arrastar a virgem para a lagoa ou o rio, tudo para justificar a prenhez da moçoila, que enganava o noivo e que estava prestes a se casar ou da que escapuliu do noivo para não se casar ou, simplesmente, porque foi acometida pela vontade de dar.

A afirmação mais ouvida quando se está conversando com crentes é: então de onde veio tudo isso? Quem criou tudo que aí está? Tem que haver um Deus? É a lógica empregada. Tudo que existe teve um começo e um Criador. ...E Deus criou

o mundo como se fosse apenas a Terra e o homem como centro. Há que haver um Deus, porque alguém, um ser superior criou o tudo. Pela mesma ótica lógica, tendo Deus criado tudo, há que haver um outro ser superior que criou Deus... e outro que O criou... e outro... e outro...infinitamente. Ou Deus surgiu do NADA?! Como imaginar o nada sem a existência de algo pré. Afinal o espaço já é alguma muita coisa e os corpos materiais, concretos, as estrelas, os planetas entre eles a Terra, os cometas e os seres vivos podem ter surgido do vazio, do oco, oco que pressupõe um envoltório, do nada, do imaterial? E, onde se encaixa Deus no nada? Se é nada é nada! Qual sua origem? Nasceu do quê? Teve mãe e pai? Filho único? Teve esposa? Era branco? Negro? Amarelo? Alto? Baixo? Gordo? Magro? Barbudo?

A fé, como já disse, explica facilmente, sem questionar; a ciência procura esclarecer como ocorreu o fenômeno, mas nem sempre explica o porquê da existência das coisas.

Como se depreende, as incongruências vão aparecendo num crescendo desde os primórdios da civilização e são de tão larga diversidade que é impossível listá-las todas, razão porque apenas alguns pontos serão comentados.

O ser humano, suscetível a influências várias, aceita como corretos verdadeiros absurdos e ainda *recrimina* os que não vão na onda das simulações, os que não crêem, criando dificuldades e empecilhos à vida de outros do grupo. Já imaginaram se o ateu Fernando Henrique Cardoso – essa praga tinha que aparecer neste texto –, quando inquirido sobre a sua afirmação anterior fosse sincero – uma vez na vida não faria mal –, e reafirmasse a sua condição de ateu – sintoma inteligente –, de não acreditar nesse Deus único? Teria botado uma pedra tumular, uma lápide em sua carreira política. E, em

verdade, se há nesse cidadão, vulgo pensador, vulgo literato, vulgo professor e outros vulgos, alguma coisa que se aproveite é, exatamente, o fato de não crer em nada disso. Mas, enganador que sempre foi e comprovadamente é, nada lhe custou de vergonhoso negar sua crença, melhor, sua descrença.

O ATEÍSMO, que é tratado pela sociedade dita cristã e pelos grupos defensores ou seguidores de outras doutrinas, como um crime, na realidade não o é. É uma simples e genuína atitude de coragem de prolar que não crê naquilo que outros crêem. Nada demais, levando-se em conta que mais de 70% dos que se declaram religiosos não seguem os ditames doutrinários das inúmeras religiões, credos, seitas ou sei-mais-lá-o-quê, e nem fazem parte da caterva dos que pregam, que seguem aleatória ou cegamente os ditames do mesmo livro, que a maioria não entende nada de nada, mas com interpretações fantasiosas e diferentes, às vezes as mais esdrúxulas, cada ramo achando que o seu dogma é o absolutamente correto e muitos o fazem sem crença, apenas para marcar presença perante os semelhantes.

Se se perguntar para um milhão de pessoas do *hemisfério ocidental* sobre o credo adotado, 700 ou 800 mil dirão que são cristãos. Dizem que crêem e fim de papo. Mas, seguem os preceitos e todas as firulas inventadas e tramadas pelo padroado, pelo pastorado ou pelos babalorixás em casos de credos de origem africana? É claro que não! A maioria nem vai à igreja ou a terreiros nem confessa nem comunga, nem acende velas, nem é idólatra e nem reza, nem participa das monstruosidades grotescas e estapafúrdias do espetáculo de encenação do exorcismo levado a efeito em canais de televisão, patrocinados por uma seita nova, que prega um reino fictício e que promete a prosperidade financeira e a felicidade no amor. Coisa semelhante acontece em terreiros e galpões. Cristãos?! Isso é

ser cristão? A religião não é um veneno, é um entorpecente – “o ópio do povo”, como já filosofado por alguém que nem me recordo. Veneno são os que a usam para enganar, iludir os outros, visando enriquecimento patrimonial ou simplesmente pela manutenção do poder usando dogmas e doutrinas válidas para o bom viver. A Bíblia propriamente está cheia de regras, é um livro de regras para um certo bem-estar da humanidade, infelizmente baseada em falsidades, em verdadeiros absurdos e incoerências.

Contudo, no ato do exorcismo exercitado pela diversidade de credos, é impressionante observarmos os auditórios embevecidos pela farsa, com os olhos esbugalhados ante o espetáculo grotesco proporcionado por alguns coitados, acredito, à custa de um pequeno cachê, encenando, perante um pastor repugnante, de chicote em riste, a incitar-lhes a saída do Demônio, do ser maligno de seus miseráveis corpos ou estupefatos pela expulsão de Satanaz pela mostra de uma simples cruz. Urram, contorcem-se, fazem caretas incríveis, espumam e berram feito doidos. Um espetáculo dantesco e triste de se ver, com multidões agindo numa compulsão, enganadas miseravelmente, como ovelhas lerdas e dóceis perante o verdadeiro pastor de animais, submetendo-se a uma real lavagem cerebral. E com o perene objetivo de prolongar ou até perpetuar a exploração das fraquezas humanas, visando sempre o bolso do incauto a fim de esvaziá-lo e ao próprio para enchê-lo.

Num canal de televisão o humorista Chico Anísio apresentava um quadro denominado “Tim Tones”, um magistral espetáculo de graça e beleza, um alegre motejo, pois com humor refinado punha à mostra a verdadeira face do trambique que ocorre em muitos cultos religiosos. Era tal o realismo das cenas que até pessoas ligadas a credos apreciavam

o desenrolar dos embustes engenhosamente preparados para iludir, enganar e roer o bolso dos tolos e retratava com quase fidelidade absoluta o que ocorria e ocorre no interior dos templos da enganação. Dava uma idéia de como a persuasão, através da repetição e da pressão, impõe aos crentes o costume de adquirir quinquilharias pseudo santificadas ou o perdão para suas faltas. “**Caríssimos irmãos... vamos passar as sacolinhas**”! Fato que me fez lembrar de quando menino, ganhara de uma tia absolutamente carola, uma miniatura, um belo crucifixo que, segundo lhe dissera e afirmara o mascate vendedor, a incrustação de madeira nele existente provinha do **lenho da cruz de Cristo**. Depreende-se que a *maracutaia* não é de hoje, é coisa de antanho, embora atualmente esteja muito mais difundida, expandida, mais disseminada e aperfeiçoada, mas, presentemente, ainda negociam-se crucifixos com incrustações da tal madeira.

Foi o quadro humorístico, pelo que soube, tirado do ar, proibido, naturalmente atendendo às pressões dos envolvidos – que faturam milhões – que não se conformaram em ter assim exposta a maneira como iludem, enganam e aliviam o bolso dos tolos que neles confiam.

No entanto, ao ouvirem, esses grotescos enganadores, atores e auditório, massa de manobra, o vocábulo Ateu ou Ateísta, a reação é de espanto, de incredibilidade: Oh! Que desgraça! Oh! Aquele cara é ateu! Barbaridade, ele é incrédulo! Não acredita em Deus!? Que absurdo! Que mau caráter! Que bandido! Que sujeito ordinário! Um homem sem Deus, que horror! Que sacana! Herege! – Tudo isso numa mixórdia incrível e sem nexos, pois, o denominado ATEU está liminarmente desfrutando o mesmo direito dos que acreditam. “Se você tem o direito de acreditar ou fingir acreditar, eu tenho o de não

acreditar.” A diferença entre o ateu e o fingido é que o ateu tem a coragem de revelar-se.

O ateu não aporrinha a vida de ninguém, não inunda sua casa, seu quintal, de mensagens e jornalecos no afã de tentar arrebatrar mais um fiel contribuinte, não se põe a berrar incessantemente em casas transformadas em templos, não vem acordá-lo aos domingos, às 8 horas da manhã – dia de descanso até do Deus que pregam –, a fim de comentar a palavra de quem nunca falou e nem escreveu. Um pé no escroto, bem no meio, sem dúvida. Falar e escrever sobre isso é um direito inalienável, porque contrapõe-se ao direito de os contrários fazer o que fazem, escrever o que escrevem, imaginar o que imaginam e aporrinhar o que aporrinham.

As pessoas religiosas não são propriamente um incômodo, quando cuidam da própria vida, não comprometem em nada o desenrolar da vivência humana. Porém os fanáticos... “sai de baixo”! Razão por que é certo que o ideal é uns ajudarem aos outros, fazer o bem deve ser o lema, mas, quando isso não é possível, quem cuidar de si mesmo e não enxovalhar a vida alheia, já estará fazendo senão muito pelo menos o suficiente.

Há um contingente significativo de pessoas incrédulas que não seguem dogma algum, mas têm medo de afirmar essa condição, receio fundamentado pelo temor de perseguições futuras na hora, por exemplo, de *procurar um emprego* ou candidatar-se a algum posto político ou simplesmente para concordar com a maioria, tipo “Maria-vai-com-as-outras”. Se se considerar que, como dita o conceito popular, herege é, também, aquele que não vai à missa nem comunga, o número populacional de ateus, ímpios, cresce assustadoramente.

É grande, enorme, a hipocrisia de boa parte da humanidade. Podem haver farsas maiores, hipocrisias mais

superlativas do que esse tipo de *visão de santos, virgens e do sempre crescente número de Nossas Senhoras* – vossas senhoras, se me permitem –, que invadem as mentes instigadas por pregadores? Pode haver simulacro mais absurdo do que o tal 3º Segredo de Fátima? Que decepção! Que inadequação!

Jacinta, Lúcia e Francisco, crianças que viviam na idade da fantasia, embebidos pelo fanatismo religioso do meio, pela obstinação religiosa doméstica, não titubearam ante o prenunciar do castigo paterno ou materno, por terem desobedecido as ordens, infiltrando-se no campo longínquo e no mato, atrasando-se para o retorno ao lar, em **inventar** a aparição que se tornou célebre – que, fatalmente, me lembra a fantasiosa “Santa do Mandaqui”, **logro** que presenciei<sup>1</sup> em companhia de alguns amigos, onde muitos **embebidos por paixão cega, fanáticos, viram uma santa**, fantasia criada por uma imobiliária interessada em negociar lotes de terrenos na região do bairro do Mandaqui, na cidade de São Paulo.

E o que dizer da farsa montada sobre a impressão da falsa imagem do Cristo no comprovadamente **falso santo sudário**, episódio já destrinchado e desenredado pela Ciência e pela Imprensa? E, mais agora, a notícia de que a inscrição num ossário antigo supostamente do irmão de Jesus, Tiago, foi categoricamente desmentida, sendo revelada mais uma farsa engendrada para enganar os fiéis (Folha S. Paulo, 19/06/2003).

Retornemos ao 3º segredo de Fátima, tão alardeado, tão aguardado, com informações que seriam dadas aos fiéis somente por volta do ano de 2020 e que, não suportando a pressão da engabelação, do simulacro, acabou precipitado numa resposta absolutamente frágil e distorcida, inverossímil, como sendo

<sup>1</sup> Narração contida no livro “Do Lírio à Ironia”, do autor.

o atentado sofrido pelo papa atual, João Paulo 2º, não convencendo nem aos fiéis mais crédulos.

Para quem esperava, por exemplo, a volta do Cristo – o Messias prometido –, que já é esperada por quase dois mil anos (olha, que é tempo pra cachorro), ou a notícia de uma **sentença final**, outro dilúvio – **aliás o primeiro**, porquanto o dito como acontecido, nunca aconteceu –, não sei porque então “outro”, se o propalado evento de Noé nunca foi confirmado, já que, **Climatológica e geologicamente, não existem sinais de ter ocorrido**, não há vestígios nem mesmo **paleontológicos** que comprovem tal fenômeno, pragas, vulcões explodindo em toda a extensão do planeta, terremotos universais, fenômenos sabidamente limitados a áreas específicas (o Brasil, por exemplo, não apresenta, pela antigüidade dos seus terrenos, a possibilidade de grandes terremotos a não ser levíssimos tremores provocados pelos ajustamentos de camadas geológicas ou a ocorrência nefasta de inquietantes atividades vulcânicas – tudo isso já se passou no relevo brasileiro), uma nova Era Glacial – fenômeno que, comprovadamente, a Terra já experimentou –, a invasão de oceanos e mares sobre a parte Sial aflorada, provocando o inexorável fim-dos-tempos, a implosão do Planeta ... Mas, não! A explicação alcançada foi um mero atentado a um mero e simples mortal. Fraquinha! Que barbaridade! E há gente que acredita nisso!!!

Uma Corte Nigeriana, conforme o noticiário, está prestes a decidir se aplica a **Sharia**, isto é, se será morta a jovem senhora de nome Amina Lawal,<sup>2</sup> através do **apedrejamento**, por ter concebido, engravidado fora do casamento. E isso hoje, no momento atual ( Século XXI ), ante a perplexidade geral do mundo Terra!

<sup>2</sup> Folha de São Paulo, de 03 de junho de 2003.

Ora, essa estupidez, essa irracionalidade, esse tipo de monstruosidade era comum no período pré-cristão, tanto que uma menina de nome Míriam, que virou Maria, adolescente de 13 anos de idade que, provavelmente, manteve contato amoroso **consensual** com um centurião (soldado) romano, não quis passar por semelhante situação. O perigo de ter que enfrentar punição tão sórdida, provavelmente tenha originado a distorção histórica. Se tal fato ocorresse aqui, agora, com a mulherada atualizada, ufa!!!... Haja pedra!

202

Daí para a ficção de espírito engravidar mulher foi um tiro de espingarda... fácil, fácil. Da mesma maneira tornou-se fácil pela repetição nos púlpitos, convencer parte da humanidade que uma menina fora “comida”, sem que houvesse estupro, por um espírito que passou a ser santo. Ora, ora! Senhores e senhoras!? Como é possível crer nessa simulação? Um espírito mantendo relações sexuais com uma criança virgem (?); um espírito dotado de pênis e esperma, pois engravidou-a, transformando-a em uma **deípara**. Seria tal ato endossado ou atizado por Deus? Que absurdo! É desconcertante!

Levando-se em conta que esse mesmo personagem, Deus, para, segundo relato bíblico, realizar sua **obra-prima** – **O HOMEM**, utilizara-se apenas **de barro e um sopro**. Por que não repetir a façanha se desejava um filho (um outro, porque também muitos se consideram seus filhos) seu na Terra, para salvar a humanidade que Ele próprio não estava logrando salvar? **Salvar do quê? Salvar de quem? Dos erros do pai?...Mas, Deus não erra! Salvar do Diabo, Demônio, Satã, Satanaz, Lúcifer, Demo, Príncipe das Trevas, ou que nome sarcástico tenham dado a esse personagem estrambótico que a estultice humana inventou e que almeja apossar-se das almas dos humanóides, não se sabe para fazer o que com elas. Essa criatura que vem**

colocar em cheque o poder do presumido Criador serve apenas para justificar as coisas ruins que acometem a humanidade e outros seres vivos e que reza alguma consegue modificar. É coisa do Demo! O Diabo representa o **mal**, só que o mal não tem nada a ver senão com o **suposto Criador do homem**. O bem e o mal são inerentes a todos os animais racionais ou não racionais. E os irracionais maus também, segundo os religiosos, são criaturas de Deus. **Quem criou é o responsável!**

**O Ateísmo** nada mais é do que não acreditar nesse amontoado de situações impossíveis, exóticas, inverossímeis, de tantas aberrações. Esmiuçar e investigar as invencionices do imaginário humano é quase obrigatório. Não há nele nenhuma intenção de ofender ou humilhar quem quer que seja, pertencente às mais variadas correntes de credulidade e radicalismos. É mais um **alerta** para que as pessoas raciocinem, que usem um pouco a massa encefálica em **concomitância com o caminho da Lógica**. **O Ateísmo é uma opção** absolutamente válida e não crer é um direito do cidadão que, não acreditando, **não estará impedido de ser um cidadão exemplar**. O mesmo vale para o Agnóstico, que só aceita como verdadeira toda e qualquer proposição que tenha explicação e evidência lógica. Considera fútil a metafísica e crê numa ordem que não pode ser conhecida nem imaginada. **Ser bom, honesto, reto, cumpridor das suas obrigações para a concepção ateísta já é, em si, uma religião.**

203

Há pouco tempo, em 2001, muito se discutiu sobre o ensino religioso nas escolas públicas. No exercício do magistério, ao que me lembro, **as aulas de religião sempre foram um fiasco**. A maioria dos alunos corria delas, os adolescentes fugiam para o pátio, se escondiam nos banheiros ou iam para a quadra esportiva jogar futebol, fugindo, para não frequentá-las e quanto

aos “professores”, padres, cônegos ou adeptos agregados (marianos) rapidamente desapareciam da escola por três distintas razões: desinteresse da garotada, aulas não remuneradas e porque não se podiam passar os pratinhos ou as sacolinhas. Um vexame!

O governo para satisfazer o ego da “carolagem”, instituiu o ensino religioso, mas pagar que é bom, neres. Por isso tudo, o ensino religioso nas escolas sempre foi um fracasso. Aliás, não poderia ser de outra forma, uma vez que escola não é igreja, não é templo, não é lugar para isso. É como encontrar um macarrão na cama. E alguém já viu representantes de qualquer credo fazer alguma coisa sem visar o vil metal, apesar da existência de uns poucos abnegados? Por outra ótica, os ateístas e os agnósticos devem ser tratados em pé-de-igualdade e podem reclamar espaço idêntico afim de ensinar as “almas” jovens no que não devem acreditar e nem enredar-se por qualquer tipo de fanatismo. Com absoluta certeza, a escola pública não deve tornar-se púlpito de qualquer uma ou conjunto de crenças, credices e radicalismos evangélicos.

Todas as igrejas, a maioria das doutrinas religiosas, possuem méritos por tentar auxiliar as pessoas, pregar regras bíblicas – algumas positivas –, pregar o bem, fazer caridade com o dinheiro alheio, então porque pespegar, *enfiar na mente* dos imprudentes, *tantas mentiras*? Por que o terrorismo e me lembro de, quando criança, ouvia atento as ameaças sobre o pecado e destino que a alma dos pecadores teriam no inferno, queimarem eternamente? E daí? A alma – se existir – não tem corpo físico, não deve sentir dor nem qualquer influência dos sentidos humanos. E mais, que prazer infeliz, idiota, estúpido, decrépito, imbecil do tal Diabo em ficar fazendo fogueira e churrasquinho de almas (do nada), para ao incandecê-las,

fazê-las sofrer? Com que objetivo?. Que tolice? Que besteira! Para quê?

As igrejas, algumas doutrinas, pregam a *salvação da alma* e outras, modernas como a de um tal bispo, pregam a prosperidade terrena do corpo, da matéria, não raramente prometendo fortuna futura. Uma coisa é absolutamente certa: a prosperidade financeira desse pregador e de seus asseclas está acima de tudo e garantida.

E eu que o vi num VT de televisão, num campo de futebol, ensinando e dando instruções aos futuros pregadores e obreiros sobre o poder de persuasão, da insistência, da persistência e da falácia com o escopo de extrair dinheiro, grana, dos infelizes e necessitados crentes. E outro, que comanda uma tal LBV (Legião da Boa Vontade), conforme denúncias na TV e nos jornais, é o suposto responsável por desvios de dinheiro para uso pessoal, dívidas com o INSS, falta de recolhimento de FGTS e até, imaginem, desaparecimento de crianças de creches da entidade para um presumido comércio de bebês. Autoridades como o procurador-geral da República anunciam a abertura de inquérito. O presidente do Superior Tribunal de Justiça diz que as acusações serão investigadas. O ministro da Justiça reafirma a necessidade de investigação. Lindo, não?! E o que é que deu? Naaada! O que será que ocorreu, não? A voz sonante do dinheiro falou mais alto?

Há muita gente que tira dos alimentos dos filhos para levar aos concupiscentes pregadores. O que se pratica é um verdadeiro crime, um acinte, um enxovalhar sobre a legislação do país, cujos defensores, os homens públicos com o poder nas mãos fazem vistas grossas. Por que será, hein? Não é proibido por lei praticar qualquer credo religioso, mas é proibido por lei lesar as pessoas ingênuas ou não ingênuas, através da

cobrança do tal dízimo, que às vezes é contribuição que não deveria existir e que se existisse deveria ser espontânea, mas que tem sido exigida e cobrada até com ameaças do uso da **força bruta ou na porrada mesmo**. Que tal se essa cambada de desocupados fosse trabalhar, produzir alguma coisa para o país?

206

E o pior ainda, os auditórios fanatizam-se a tal ponto que se o pastor mandar comer mer...enda, eles comem. Isto reflete-se na *política*, pois inúmeros desses enganadores da humanidade candidatam-se e são facilmente eleitos para ocupar cargos como vereadores, deputados, senadores e da administração pública. Esses mesmos, agora políticos, têm a coragem, a audácia de defender, por exemplo, os tais templos que instalam **poderosos e irritantes alto-falantes e aparelhos de som** no máximo volume, com uma carga de decibéis muito acima de 100, constringendo a vizinhança, atormentando o sono e o descanso dos trabalhadores moradores da localidade. E tudo para alcançar a graça de Deus, como já mencionei em outra obra, como se Deus fosse surdo. E a Lei do Silêncio? A lei, a lei, ora a lei.. A lei está para ser cumprida pelos trouxas e não pelos dignos (?)... como eles se autodenominam representantes do Deus na Terra. E Deus que é Deus, precisa de representante? E mais, fazem o **diabo** para impedir que o governo, o erário público, cobre as taxas e impostos que **todos** têm de pagar.

Igrejas e os mais diversificados templos, sejam os homéricos ou os instalados em garagens devem, **sim, pagar impostos, aliás deveriam pagar mais impostos** que os demais, uma vez que comercializam produtos que não lhes saem por custo algum, sem frete, sem impostos, sem taxas, pelas figuras de Deus e de Cristo, paraíso, remissão dos pecados, felicidade no amor, prosperidade futura, manipuladas como **meras**

**mercadorias** em cujas transações só o povão paga. Os rendimentos são enormes, **livres até de IR**, e para quem duvida, vide que as maiores fortunas do mundo pertencem aos credos religiosos, com **postos de arrecadação** em todos os recantos do planeta e que a maioria dos dirigentes vive nababescamente, habitando mansões e mantendo, no caso dos mantenedores da pilantragem nacional, filhos estudando em Paris. Nem IPTU os templos pagam.

Se é verdade que bastam duas pessoas para que se inicie um litígio, uma briga, uma guerra, não é menos verdadeiro que onde vivem duas pessoas, uma delas **oferecerá um templo à outra**, com o fim de salvar-lhe a alma, explorá-la e locupletar-se. Antigamente, nos primórdios da colonização da América do Norte, os aventureiros embrenhavam-se pelo **desconhecido Oeste, à cata de uma mina de ouro**, e, os de hoje **fundam uma igreja** ou um tabernáculo de alguma seita preexistente. É tão mais fácil e rendoso que, atualmente, oferecem-se e vendem-se até franquias, a peso de ouro ou baratinhas, de R\$30,00. Franquia para usar o nome **comercial**, hábito comum nas seitas **evangélicas**, numa demonstração de que tudo não passa de mero comércio. Religião é comércio. É muito mais prático e menos trabalhoso para se alcançar fortuna ou, em se tratando de comunidade muito pobre, extrair o pouco que eles, os fiéis, têm.

207

Isso tudo não é feito pelos ateus, pelos incrédulos, é obra daqueles que se dizem crentes em Deus e no festejado e falecido Yashua.

A Política vive com o *fato*, mas contagia-se com a *versão* e a religião vive da *versão* e da *invenção*, muito menos do que com o fato. Por que o ser humano nega-se a raciocinar logicamente? Por que sobrepor a fé à razão? Será por mera

preguiça? Parece-me que é por medo das conseqüências. Mas, medo do quê?...

Quando criança, aluno de Escola Salesiana, percebi claramente que meus primordiais mestres tudo forjavam para, a todo e qualquer custo, impedir que **nós, os alunos, raciocinásemos**. O **determinismo** da fé torna inviável o **possibilismo pragmático**, quando a meta é evitar que as mentes virgens desenvolvam descobertas pelo poder do raciocínio, do pensamento, dos **questionamentos**, a fim de garantir o rebanho de cordeiros, pela vida toda, passivos, manobráveis, cegos e dóceis e plenamente cordatos, no pressuposto de garantir a fonte “ad-perpetuum” de lucros e dividendos.

208

Entramos, pois, na raia do raciocínio. De específico raciocínio simples: Deus é o Deus todo poderoso, onipotente, onisciente, infalível, admitem muitos. Foi o Criador, o arquiteto de tudo: do universo, do homem, da mulher, dos animais (alguns muito feras), das montanhas, do ouro, prata e outros minerais como o plutônio e o urânio, responsáveis pelo aparecimento das armas nucleares (bombas atômica e de hidrogênio), dos venenos, dos vegetais comestíveis, da maconha, da coca (causadora da existência do pó cocaína), da papoula (da qual se extrai a heroína, droga terrível, entorpecente). Pergunta-se: Para que tudo isso? Se são a causa de tanta desgraça, por que, com todo o poder que lhe atribuem, não se fez e nada se faz para exterminar essas fontes de dor e sofrimento? Por que permitiu que existissem? Agora, pôr toda essa porcaria no mundo e depois deixar que haja o “costa-larga” livre-arbítrio do ser humano, é muito para a cabeça. É omissão insidiosa.

Se assim é, porque **não salvar, Ele mesmo, a humanidade?** Por que recorrer a um terceiro, se com uma pincelada, um gesto “mandraquiano” poderia resolver tudo?

Por que Ele permitiu que se chegasse a isso? E seria fácil! É fácil? **É só tornar o homem um ser bom, sem essa baboseira do livre arbítrio!** Todos muito bonzinhos, sem maldades; nada de ladrões, assaltantes, assassinos, traficantes, ciúmes criminosos e outros ímpetos e taras. **Toda a humanidade é boa. Todos à feição do próprio Deus.** E então tudo, talvez, fique muito legal, talvez muito chato. E os milhares ou milhões de animais, espécies vivas em geral, não necessitariam de matar-se umas às outras, buscando a sobrevivência, pois se alimentariam daquele famoso maná<sup>3</sup> que caiu no deserto para alimentar e salvar o povo de Deus, os hebreus, em sua peregrinação à procura da “Terra-Prometida”. Região em que, desde então, os habitantes nunca tiveram sossego, empenhados em intermináveis guerras. Imaginem se esse povo não tivesse sido o escolhido e a terra não fosse a prometida?

209

E os outros povos não são de Deus? Só que o deus lá, no Médio Oriente, é outro, é Alá, incognoscível e indefinível, envolto em transcendência impenetrável e, revelou-se ao homem não através de um outro Moisés, nem teve sua palavra difundida pela mesma Bíblia e sim pelas palavras do *Corão*, a bíblia deles e que é até mais coercitiva e menos branda. Foi, segundo eles crêem, transmitida a Maomé por um anjo (Gabriel). Anjo?

Assim é que seria muito interessante se o maná tivesse realmente caído do céu, continuasse a cair, notadamente sobre as favelas do mundo, alimentando todos os miseráveis famintos e desempregados – os brasileiros não precisariam depender dos dez milhões de empregos que o presidente prometeu nem dessa

<sup>3</sup> Maná – um líquido ainda hoje comum em regiões desérticas, que serve de alimento e que o vento transporta e a chuva faz cair no solo. Substância açucarada e consistente extraída de várias espécies de freixos (árvores da família das oleáceas). Nada de divino, pois.

canoa furada que é o “Fome-Zero” –, e nos campos e matas, saciando a fome dos (todos) animais, evitando-se as carnificinas, os morticínios, a que se submetem na luta pela sobrevivência neste mundo de Deus. Escapando um pouco do assunto: **O que o brasileiro realmente necessita é emprego, poder trabalhar e ganhar honradamente o sustento seu e da família, não esmola.**

O fato “ser ateu”, ímpio, é não crer em divindades e, se alguém perguntar “como surgiu tudo isso – o Universo”?, a resposta é simples: “não sei e não conheço ninguém que saiba”. O fato de ser ateu não é degradante, infame ou aviltante, não degenera, não corrompe nem ofende ninguém, pois cada qual acredita no que quiser, do mesmo modo como cada um é livre para torcer pelo time esportivo que desejar, ou não torcer por nenhum. **Ninguém precisa de religião para ser um ente bom,** cumpridor de suas obrigações e praticante de boas ações. É imperativo arrostar a realidade e não se deixar iludir por histórias fantasiosas, lendas – que são o recôndito **das maiores trapaças mentais** –, não viver num mundo falaz de sonhos que poderão transformar-se em pesadelos.

Quem já viveu, como vivi, essas expectativas e tratou de se aprofundar nos estudos superiores, acaba por encontrar explicações para as mistificações como a Arca do Noé, o **T de madeira em que Yashua foi pregado:** A arca nunca existiu e o T transformou-se em cruz. O crucifixo que ganhei da minha tia, de platina, há mais ou menos 60 anos, com incrustação da madeira do T, madeira de um lenho enorme, tão grande que até hoje aparecem por aí exemplares expostos em barraquinhas de quinilhariarias. **Êta pau grande, inacabável.** Há ainda a inigualável lenda da “Torre-de-Babel”, com a **ridícula e insatisfatória** explicação do aparecimento das diferentes raças humanas, torre essa que também não deixou sinal algum.

Aqueles que acreditam na tal Arca já imaginaram os milhares de casais de espécimes animais a bordo: leões, tigres, leopardos, formigas, lesmas, zebras, sapos, onças, cavalos, bois, cachorros, gatos, minhocas, elefantes, hienas, ratos, jaguarés, cobras, insetos, rinocerontes;... a imensa fauna terrestre...iiih! Sem falar nos microorganismos – uma imensidão... e **todos com fome**, durante quarenta dias e quarenta noites, uns comendo os outros, literalmente e sob todos os ângulos e aspectos. Imaginaram? Provavelmente teriam sobrado só os animais aquáticos porque puderam alimentar-se comendo os restos dos demais.

Dúvidas que persistem, poderiam ser respondidas se Deus conversasse com o homem comum. Dúvidas como: Moisés era pescador? Contava histórias de pescadores? Adão tinha umbigo? Como é que se propalava um dilúvio se na época não havia meios de comunicação como rádio, telégrafo, telefone, jornais, televisão e, finalmente, internet e se o conhecimento da superfície terrestre se limitava a uma ínfima parte do globo? Como é que os escrevinhadores que o relataram, na Bíblia, souberam da ocorrência do funesto fenômeno? Chover 40 dias e quarenta noites, embora quase impossível, é plausível. Plausível, sim, em uma certa região, não na superfície total da Terra. Improvável como a conhecida frase em latim, cuja tradução imaginária por causa da sonorização da oração é, mais ou menos, “couro cru e curtido nem Deus estica”.

A propósito, conta-se que Adão, após ter recebido o sopro divino que lhe deu luz, ergueu-se e, olhando para frente, para trás e para os lados e não vendo ninguém, teria perguntado: “E eu vou viver aqui sozinho (não se sabe em que língua)? O Senhor bem que poderia me arrumar uma companheira !? Ao que Deus, sorrindo, meteu-lhe o dedo indicador à altura do estômago

pressionando o barro ainda fresco, disse: **malandrinho**, heim?" Essa, uma explicação não muito plausível para a anofalia.

O homem Yashua, aqui conhecido por Jesus, sabia escrever? Pois, não deixou uma só palavra. Uma só palavra escrita. Seria analfabeto?

A **estrela-guia** – que orientou os Reis Magos (eram mágicos?) até a estrebaria onde achava-se o Menino, a estrela apareceu e sumiu? Não seria o planeta Vênus, em sua maior aproximação orbital da Terra? Em seu **perigeu**? Os astrônomos até hoje não confirmaram o fenômeno. Nunca houve essa aberração estelar. Essa história, que não tem nem confirmação, é atribuída à tradição, posterior aos tais evangelhos e que determinou a condição de sábios a esses três reis (Gaspar, Melquior e Baltasar), que foram orientados por aquela estrela já citada e que, imaginem, trouxeram para o recém-nascido **ouro**, incenso e mirra. **Ouro?** Já?

212

São tantas e tão variadas as mentiras que nos pespegam, que até pessoas religiosas fazem blague. Um companheiro Acadêmico (João Ranali, que é religioso) nos relatou, rindo, o caso de um padre mulherengo da Vila de Pirapora, que teria encomendado uma estátua para representar o Bom Jesus. Teria ele, por um certo decoro, provocado pelo arrependimento por se tratar de um praticante de atos indecorosos na própria paróquia, cortado a cabeça da imagem e jogado-a no rio Tietê. Isso em Pirapora. Aquela história de que a cada fiel que a relatava dava-lhe novas cores e os devidos acréscimos, a tal cabeça veio rolando, subindo pelo leito do Tietê, vindo parar no rio Cabuçu, em Guarulhos, e foi ornar, santificada, a Capela do Senhor Bom Jesus da Cabeça.

Santificada em outro lugar, a quilômetros de distância da origem, às margens de um rio a montante do primeiro.

Ainda se fosse a **juzante**, apesar de absolutamente improvável, poder-se-ia dar, digamos, um crédito. Não há como engolir, mas teria sido contada como fato, esse impossível rolar de **cabeça rio acima**.

Outro episódio de incoerência máxima é o da história que se conta sobre o surgimento da N.S. Aparecida, conhecida pelos fiéis e infiéis como eu próprio. Só que, neste episódio, deu-se o contrário, a parte da escultura encontrada foi o corpo, **faltava a cabeça**.

O **relicário** – Acompanhando pessoa amiga, num domingo pela manhã, acabei por chegar a Aparecida, também conhecida como do Norte. Após estacionar o carro, adentramos a igreja, o templo novo e, enquanto minha acompanhante foi fazer o que tinha que fazer, fiquei olhando estarrecido para tamanha suntuosidade, magnificência do templo. As magníficas colunas. A cúpula, então, é excepcional, quase indescritível, uma abóboda simplesmente espetacular. Tudo muito rico, muito belo, fruto, sem dúvida, de maravilhoso trabalho de engenharia e de muito, mas muito dinheiro. Os santuários magistrais, as imagens tão lindas que quase me rendi à idolatria. Tudo parecia ser de ouro. Não era! Mas deve ter custado muito caro, muita grana fora empregada ali, tamanho o luxo e a resplandescência, o fulgor. O que rola de dinheiro ali não está no Gibi.

Quantos milhares de pobres poderiam ter minorada sua fome, por muito tempo, com a imensa fortuna no local empregada para pregar as palavras de um cidadão que andava descalço? E isso me fez lembrar a tristíssima e curta passagem do papa João Paulo I (Albino Luciani), papa de 26 de agosto de 1978 a 28 de setembro de 1978, que admitiu que a Igreja

213

(católica) deveria se desfazer de toda a sua imensa riqueza e distribuí-la ao pobres do mundo. Sua existência papal foi brevíssima. Durou um mês e dois dias. Foi, ao que se comentou na época, sumariamente eliminado, provavelmente assassinado.

As velas adquiridas nas imediações da própria paróquia podiam ser colocadas junto aos santuários, mas não se podiam acendê-las. Para isso havia uma sala própria. Como muita gente ignorava isso ou não queria chegar-se a ela por causa do calor e do odor, deitavam as velas no santuário ou aos pés dos santos e... elas podiam ser renegociadas.

A cada hora anunciava-se o início de mais uma missa e, num determinado ponto, percebi uma aglomeração muito grande com o esticar de uma fila O que será, o que não será? A curiosidade mata o gato – bem que podia dar cabo de todos eles – fui me aproximando e, estarecido, presenciei o incrível e maléfico espetáculo: um padre, todo paramentado, estendia a cada um daqueles infelizes fiéis um apetrecho que chamarei de relicário e que consistia de uma espécie de cruz ou uma espátula toda dourada como se fosse (e talvez fosse) de ouro e apresentava no meio um retrato, coberto por vidro. As pessoas se aproximavam e após a genuflexão beijavam o local onde a imagem fotografada se alojava. E o sacerdote, a cada um que passava, passava por sua vez um paninho sobre o lugar osculado, como se isso o desinfetasse. Na fila, crentes de todos os tipos: adultos e crianças e... **muitos doentes.**

Tão preocupados em abençoar e/ou “salvar” as almas dos aficionados, com aquele pequeno núcleo de transmissão de doenças infecto-contagiosas, de enfermidades as mais variadas, pois ali havia de tudo, tuberculosos, hansenianos, portadores de outras doenças de pele, de enfermidades bucais e outras, repito: tão preocupados em “salvar as almas”, cuja existência é

polêmica, não comprovada, não davam a mínima para o cuidar do corpo, da vida, ao servir aquele coquetel de bactérias, bacilos, vírus e outros micróbios nocivos à saúde humana.

E dizer que toda essa maravilhosa obra de engenharia ergueu-se fundamentada numa fantasia, em algo divino, etéreo, nunca acontecido ou provado, com a incrustação de uma face num corpo quebrado, numa estátua sem rosto.

Fiquei sabendo, por informações e por leitura de textos, que tudo nasceu de um boato sobre um fato comum; pescadores da região que tiravam do rio Paraíba do Sul o pescado para sustento da família ou para comércio, num certo dia, queixavam-se da ausência dos peixes. A pescaria não evoluía. O rio não estava para peixe, ou melhor, para pescadores. De repente, não mais que de repente, a rede ou a tarrafa pesou-lhes. Alegria! Pegaram algo, enfim. Ao puxarem a rede que, pesada, opunha resistência, riram de satisfação, intensamente. Mas, que decepção com a surpresa ao deitarem-na no barco: agarrado às malhas de cadarço um fragmento de trabalho de algum escultor amador ou de um produtor de estátuas – **um corpo sem cabeça, enegrecido pelo limo** do fundo do rio, por talvez muito tempo estirado no lodo do seu talvegue. Um trabalho artesanal que fora jogado fora por estar quebrado e não ter aparentemente nenhuma serventia.

O artefato foi deixado deitado no barco e a pescaria teve continuidade. Passado algum tempo, **um cardume** passou pelo lugar em que estavam e quem é pescador sabe que isso nem é um fenômeno. É uma ocorrência absolutamente natural. Acabou-se a minguada pescaria, que transformou-se em festa e alegria. Os peixes foram abundantemente pescados. Um delírio! E, para encurtar a história, a sorte por aquele cardume ter passado por ali, como poderia ter atravessado o rio em outro

lugar, foi atribuída àquele fragmento de pedra ou gesso esculpado e mutilado.

O assunto virou história de pescador, contada nos botecos regionais..., de boca-em-boca e a cada relatada um ponto se aumentava. A coisa cresceu, cresceu a ponto de os fanáticos quase que imediatamente inventarem um milagre (de um acontecimento normal e natural), e incrementarem a falsa idéia de que “aquilo tinha sido obra de uma santa”. Nada mais, nada menos que a Mãe de Deus – Nossa Senhora – Não do Deus, Deus, mas do presumido filho Dele – mais uma para aumentar a coletânea e a incongruência-mor, transformaram-na em Padroeira do Brasil. Os comerciantes locais e os padres se não criaram a idéia, incentivaram-na e adoraram. É até feriado nacional. Dói! É de corar e de chorar! Apesar de que o feriado é muito bom e apreciado devidamente.

216

Como se vê, é uma história, um episódio dos mais incoerentes e inverossímeis e que, no entanto, é aceito de tal forma que, além de se adir ao achado uma negra cabeça, para combinar com o corpo, aproveitaram os interessados cristãos a oportunidade de tentar atrair para o credo os negros que, em sua quase totalidade, desprezavam o cristianismo em favor de suas religiões e credices da Mãe África. Era imperativo tentar atraí-los, já que até então os negros eram tratados, nas igrejas cristãs, como seres inferiores e não podiam adentrar os templos e quando podiam era-lhes impedido sentar-se nos bancos da frente da nave. Os cativos, após obterem sua libertação, começavam a ganhar em espécie e a ser consumidores, um belo alvo, portanto, a ser explorado. Uma nova mina, um filão fresquinho para os sagazes exploradores. Quanta hipocrisia!

Num país onde proliferam as igrejas, salões, galpões, antigas salas de cinema transformadas, em cada quadra um

templo, onde casas de comércio faliram, igrejas floresceram com absoluto sucesso, demonstram o grau de miséria, desespero e desesperança em que vive o povo, graças a Deus. Nas mais diversificadas doutrinas, as mercadorias Deus, Cristo, Nossas Senhoras e uma penca enorme de figuras santificadas, a criação de mais uma se viesse a alterar o produto, a presença de fiéis e os lucros seriam para maior.

É uma história conhecida pela maioria dos fiéis e infiéis como eu mesmo, mas que não deixa de ser uma **história com pés mas sem cabeça**. E o absurdo é tanto maior que esse pedaço de escultura foi manipulado e aprimorado até culminar com a incrível santificação e atingir o padrão de “A padroeira do Brasil”, sem nunca ter existido, sem jamais ter tido vida material, como a Madre Teresa de Calcutá.

Muito interessante é o fato de que tudo poderia fazer sentido na tentativa de ajudar as pessoas, pregando o fazer o bem, a sensibilidade no tratar com os semelhantes, pregar a liberdade, a igualdade e a fraternidade, lema que marcou a Revolução Francesa sem o uso da guilhotina, das ameaças de Inferno ou até mesmo o imponderável Purgatório. Dante Alighieri, infelizmente incentivou a incrementação desse amontoado de bazófias, com a sua obra de **ficção religiosa**. A “Divina Comédia”. O que não se justifica é a necessidade de enfiar na mente das pessoas esse feixe de mentiras, de invenções sardônicas, a fim de mantê-las na ignorância dos meros espoliados e mansos cordeiros contribuintes.

217

**Um elenco de incoerências: A pedofilia** – A ortodoxia clerical em relação ao celibato imposto aos seus representantes, os sacerdotes, tem provocado a ampliação dos casos de crimes ligados à pedofilia, praticados por esses representantes de Deus na Terra.

Por não poderem se casar e não suportarem as pressões orgânicas naturais, sacerdotes espalhados pelo mundo continuam a cometer esse tipo de crime contra a sociedade, com abuso sexual contra inocentes crianças, estuprando, aviltando o corpo e a mente de menores infelizes que à igreja vão em busca de um caminho para o bem viver e do ilusório paraíso. Tudo isso sob o olhar contemplativo e benevolente da chamada Santa Sé, onde os superiores tudo tramam para que esse acinte à humanidade sobre ileso perante a lei dos homens, com tentativas absurdamente incoerentes de inocentar os criminosos.

218 Nos EUA, um padre de nome John Georghan esteve envolvido em abuso sexual de 130 crianças, em trinta anos. Foi condenado a dez anos de prisão. Estima-se que só na região de Boston, na década de 90, aproximadamente 70 padres católicos implicaram-se em escândalos semelhantes. E não é só lá que acontece, ocorre aqui e no mundo todo, mas a divulgação é precária.

Trata-se de um crime de difícil esclarecimento porque na idade infantil, creio, apertadas pelo fanatismo dos pais e pelas pressões dos religiosos, o medo de ir para o Inferno conforme as ameaças sacerdotais, as crianças se calam.

Evidentemente que não são todos os clérigos que cometem essa infração penal, mas, de qualquer modo, acreditar em celibato religioso só mesmo se deles se cortassem os pênis e os testículos. No caso dos homossexuais e feminino, cintos de castidade com a conseqüente destruição das chaves. E olhe lá, sempre pode aparecer um sujeito com um abridor de latas!

A oração – É comum, nos momentos de aflição, os humanos apelarem para as mais variadas formas de orações, rezas muitas vezes repetidas ao modo papagaio, isto é, as pessoas

rezam sem sequer ter idéia do que estão dizendo. Lembro-me que, em criança rezava: “perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos nossos devedores...”, até que, provavelmente, alguns espertinhos tomaram a coisa ao pé-da-letra e passaram a não pagar mais o que deviam ou deixaram de pagar o padre por missa rezada, casamento ou batizado realizados e aí tiveram que mudar a letra para: “...perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido”... Tudo muito comercialmente.

Não se pode negar que orar pode trazer um bem-estar interior para os homens, um bem-estar de “espírito”, espírito no sentido “eu-interior”, **imo**, na amenização, abrandamento da adrenalina, uma sensação de paz de “pelo menos eu rezei”, **não alma**, mas, resolver os problemas humanos sociais, físicos, catástrofes naturais, de relacionamento geral e mesmo amoroso, nem pensar. **Não resolve nada!**

Os caboclos do sertão nordestino, habitantes do polígono das secas, não fazem mais do que rezar para que a chuva caia e até acreditam que certos dias “santificados” (Santa Luzia e São José, se bem me lembro) têm a ver com as precipitações atmosféricas. Rezam, rezam, e rezar é o que mais fazem... e a **chuva não vem**. Se orar resolvesse problemas físico-naturais como esse, o sertão do NE seria um paraíso verdejante, pujante e vivaz, com rios perenes, água aos borbotões, com a economia agrícola em pleno desenvolvimento, a pecuária em progressão magnífica, com reses fortes e gordas e não como em realidade é: a vegetação raquítica e espinhosa da caatinga, cacimbas barrentas e distantes das moradas, açudes secando com o prolongar da estiagem... e o gado, as criações domésticas definhando até a morte, e as **crianças morrendo à míngua, sem comida, sem água, sem asseio e sem esperança**. E o pior: enquanto isso acontece sob o

olhar passivo da divindade de plantão, os políticos regionais engordam suas contas bancárias e suas possessões territoriais, com poços artesianos em seus latifúndios, construídos com dinheiro público, embolsando os recursos econômicos que deveriam ser empregados em prol do miserável povo sertanejo.

A menina nascera fraquinha, sem muita saúde e a família se pôs a rezar. A avó, macumbeira de certo nome no bairro, preparava suas mandingas e as orações engendradas pelos familiares substituíam, infelizmente, o atendimento médico necessário, engazopados, todos, sob a crendice de que Deus iria curar. Quando uma luz se acendeu e alguém da família pressionou para que se levasse a criança ao médico, era tarde demais. O esquife foi carregado por eles mesmos para o cemitério Santana, no bairro do Chora-Menino.

220

Um sujeito imprestável, vagabundo, mentiroso, ladrão que nunca praticou o bem, que nunca auxiliou o seu próximo, estuprador, pedófilo, bandido enfim, enfim morre. Aí, pela mentalidade ignara já passa a ser um coitadinho, um pobrezinho que não teve chances na vida e, pasmem, os parentes mandam rezar missa para que ele (a sua alma, possivelmente) encontre paz e o caminho do céu. É o fim da picada! O cara morreu. Deixou de ser um incômodo, um tormento para os seus semelhantes, e o que sobrou para o mundo é que a Terra passou a ter um canalha a menos. Só isso!

Orações, mensagens de esperança e fé, sacrifícios físicos de si mesmo ou de outrem, sacrifícios de animais com derramamento de sangue, promessas, juramentos, e outras milongas, são muito bonitos até, mas, **não põem o pão na mesa dos miseráveis** nem fazem chover no sertão, nem curam doença alguma. Se curassem, não haveria necessidade de medicina e de remédios.

**Sodoma e Gomorra** – segundo os textos bíblicos, cidades malditas, núcleos do pecado, que foram castigadas por Jeová e engolfadas por uma chuva de enxofre, cinzas e fogo; **Pompéia**, cidade situada no sopé do Vesúvio, sofreu semi-destruição por terremoto e foi soterrada por cinzas ardentes e pedras lançadas pelo vulcão, fatalidade também considerada castigo de Deus. **Nada disso!** Esses fatos provocados pelos agentes tectônicos, no caso, pela expelição do magma e material incandescente do interior da Terra ocorreram da mesma maneira que aconteceu com o Mont-Pellée (Montanha Pelada) que, com cinzas ardentes, arrasou a cidade de São Pedro, na ilha de Martinica, no Caribe, América Central. San Francisco, na Califórnia aninha-se sobre uma enorme falha tectônica e já pagou caro por isso, pois sofreu calamidades provocadas pelos sismos de 1906 e 1989, com danos que quase a destruíram por completo. Continua sujeita a sofrer terremotos, pois está aninhada em lugar errado.

221

**Para se evitar “castigo” semelhante, é só não habitar as vertentes e os sopés de montanhas vulcânicas ou locais de movimentação orogenética.** Simples, pois. Não havendo, portanto, qualquer envolvimento místico-divino nas catástrofes.

**O bom ladrão** – Existe ladrão bom? O cidadão trabalha uma vida inteira para adquirir um bem, um carro, por exemplo. Aí vem um safado, rouba o veículo e dilapida seus bens preciosos. Um outro ladrão, além de roubar o automóvel, estupra a mulher do sujeito; e um terceiro pratica o roubo e mata o dono do carro ou alguém da sua família. Há, nesse imbróglio, um bom ladrão? Evidentemente que não! Todos são igualmente ladrões e perniciosos à sociedade. As diferenças entre eles é que o segundo é, também, estuprador e o terceiro, assassino. E não tem essa de “nos encontraremos no Céu”. O arrependimento

não traz de volta o carro, não cura o trauma da mulher, nem ressuscita o ente assassinado. E, nem é provável que uma pessoa pregada na madeira conversasse com alguém que lhe estivesse fazendo companhia. Urrar de dor, isto sim.

**Ressurreição** – Se um ente querido morrer, bem morto mesmo, e ressuscitar, o que se espera no dia seguinte? Resposta: que ele **apareça vivo, em carne e osso**, não só para você e, sim, para todos. É claro que não vai colar a história de que o defunto voltou à vida e só alguns mais chegados viram e que depois de uns momentos virou alma (espírito) e subiu aos céus! Valha-me! Poupem-me!

222 A propósito, diz a Larousse: “Após seu sepultamento (do Cristo), seus **discípulos afirmaram tê-lo visto ressuscitado**. “Somente os seus seguidores. Ninguém mais viu! Logo... só mesmo com muita fé ou muita ausência de visão ou esforço para manter na ilusão os adeptos, pode-se acreditar nisso. Outro feriado nacional muito auspicioso.

Além da cruz que não houve, a lenda ainda fala de uma inscrição INRI, letras latinas que significariam Jesus Nazareno, Rei dos Judeus, que Pilatos fez colocar sobre a suposta cruz (João, 19:20), um ato de escárnio, de deboche, com o intuito de ironizar e achincalhar o tal rei que, afinal, nunca foi majestade. Que se dizia “filho de Deus”, com poderes anormais e celestiais e que veio para salvar a humanidade e não conseguiu salvar nem a si mesmo e que, quando na aflição final, chamou pelo Pai, foi ignorado, sequer foi ouvido. Nem poderia ter sido de outra forma.

O personagem nunca foi rei de coisa alguma ou de lugar algum e muito **menos dos Judeus, que seguem o Velho Testamento** (aquela parte bíblica do “olho por olho”), e que, na sua maioria, **jamais o aceitaram**. O povo judeu nunca se

guiou por leis cristãs, pois para eles Jesus Cristo e o Cristianismo são uma farsa. No que concordo plenamente. O personagem crucificado o foi em função de rebeldia política, como **agitador público**, com brados contra o invasor romano. Nem os judeus – e ele era judeu – o aceitaram como Messias, Filho de Deus, Salvador e outras pieguices. Para quem duvida disso, é só consultar os próprios, que, infelizmente, ainda acreditam que um dia virá o Messias, que para eles ainda não veio. Podem todos preparar cadeiras para esperar sentados.

Personagens como ele existiram e existem muitos, até os chamados profetas. Em realidade, ninguém profetizou ou profetiza absolutamente nada. Ninguém, mas ninguém mesmo sabe o futuro ou pode prevê-lo. Agora, afirmar que em tal lugar vai ocorrer um fato, uma guerra, por exemplo, é muito comum e nada extraordinário. Basta haver gente e interesses contraditórios... e aí está o palco para uma refrega. Dois homens e uma mulher e pronto, a encrenca está armada.

223 Já assisti a muitos “Fim do Mundo”, alguns com dias e horas marcadas. É o que aconteceu? Nada! Dizer, como disse Nostradamus – puxa-saco de padres e papas – que iria aparecer um líder de nome Hister e depois insinuarem que o tal foi o Hitler, vai uma diferença quilométrica. Nada a ver. E mais: dizer que vai aparecer um líder, um totalitarista, um tirano, um terrorista que ameaçará a paz mundial é **“adivinhar o óbvio”**, é ser engenheiro-de-obras-feitas. Essas figuras são “arroz-de-festa”, estarão sempre presentes em qualquer local de aglomeração humana. Vejam no que deu a sua profecia sobre o final dos tempos, a vinda de um grande cometa que não o de Halley e que no ano de 1999, no mês 7 (julho), do céu viria um grande rei do terror. Estamos em 2003 e não aconteceu nada.

Ocorre que, em tudo que até este ponto pudemos expor, ficou constatado que, como dizia Giordano Bruno, filósofo Italiano, que viveu no século XVI e que negava a idéia teológica da Criação, tendo sido **torturado e queimado vivo** por ordem do chamado Santo Ofício: “**Se non é vero, é moito ben trovato**” – “**Se não é verdade, inventou (inventaram) muito bem a mentira**”.

**Ensino** – As incongruências na área da educação são muitas e variadas, razão por que nos ateremos a poucos exemplos.

No antigo ensino primário, aprendíamos um amontoado de fatos históricos. No secundário, nos ensinavam que aquelas coisas não eram bem assim; e no ensino superior, muitas vezes, vinha o desmentido de tudo o que fora anteriormente aprendido e outra faceta era apresentada. Exemplos: as teorias hipotéticas sobre o descobrimento do Brasil, a história dos Bandeirantes, a morte de Tiradentes e, deste, a ilustração tipo fotográfica que nos apresentava um cidadão de belas feições, longos cabelos e barba negra e a sua figura, quando comparada com a do Cristo chamado Redentor, não demonstrava diferenças significativas. O Cristo e Tiradentes tinham feições iguais ou muito semelhantes. Não se sabia quem era um ou quem era o outro.

Foi aí que, garoto de menos de doze anos de idade, comecei a duvidar de tudo. Foi talvez deste episódio, que o raciocínio lógico principiou a tomar forma e passei a analisar melhor as coisas e a não aceitar a maioria das afirmações sem base, sem substância e sem lógica, de que era alvo.

As imagens bonitinhas que se apresentavam como sendo daqueles personagens, hoje, já quase um septuagenário, percebo com clareza e com certeza que aquilo era pura invencionice dos homens. Constatou-se, posteriormente, que Joaquim José

– o Tiradentes, sequer era barbudo e que a figura representativa do Cristo não lhe fazia justiça, uma vez que Este, ao invés daquela feição angelical, tratava-se de um homem comum, um judeu de compleições rudes, com um nariz enorme, conforme os jornais do mundo noticiaram e que a Folha de São Paulo, felizmente, nos brindou com a imagem de uma reprodução fisionômica feita por computador, numa de suas edições.

À guisa de representar evolução, o que era aprendido desde o B-A-BA, atualmente em vez de se ensinar o que é o tijolo (as letras), o alfabeto e em seguida como adicionar o adobe (juntar consoantes e vogais) para a montagem das palavras, isto é, começar-se pelo alicerce, inicia-se pelo telhado, dando a observar a figura e a palavra já montada. Isso é negar a nossa própria formação.

O sistema de notas numéricas era muito melhor do que o por conceitos (letras ABCDE), este, pura cópia do sistema americano do norte (o anterior era francês). Aliás, copiar sempre foi o nosso fraco. Outra incoerência adjacente é a farsa representada pelo período exíguo da tal **recuperação**. Subentende-se que o aluno que não aprendeu em um ano letivo aprenderá tudo em quinze dias. Além disso, já tive a oportunidade de discorrer sobre o assunto, analisando caso de professora que nem apareceu na sala de aula, no período de recuperação, posteriormente exigiu sapiência dos alunos e teve a audácia de reprovar alguns.

No atual sistema de aprovação em nosso Estado, os alunos não sofrem reprovação durante o período escolar, provocando o surgimento de um grande elenco de analfabetos ou semi-alfabetizados no mercado de trabalho ou cursando uma das incontáveis faculdades particulares, com possibilidades de chegar a um título superior. Numa oportunidade preguei coisa

parecida, mas não isso. O que defendera fora a supressão da reprovação total quando o discente alcançava aprovação em todas as disciplinas, menos uma ou duas, e os exemplos clássicos quase sempre eram Matemática e Física. As faculdades resolveram em parte o problema, com as DP (dependências), só que passaram a cobrar demais pelo novo exame e tudo transformou-se em um nefando comércio.

**Judiciário** – Onde já se viu juízes serem nomeados por políticos para ocupar cargos na Suprema Corte de Justiça?

Como é que se pode esperar isenção, imparcialidade na hora de julgar um político, governante ou ex-governante, que tenha sido o responsável pela sua nomeação?

226

Do mesmo modo, nos municípios, era muito comum (não sei se ainda é) juízes receberem das prefeituras um “auxílio-moradia” em pecúnia, sem sequer residir na cidade. Toda vez que ocorria processo contra a Prefeitura Municipal, adivinhem quem ganhava? Uma das situações mais lamentáveis e degradantes na vida é depararmos com um juiz corrupto. Fui vítima de um desses.

No Velho, mas considerado primeiro Mundo, os juízes que constituem as cortes maiores da justiça lá chegam por merecimento e por tempo de serviço prestado, aptos pela maturidade nos cargos de juízes, a desempenhar com equilíbrio emocional e correção o papel que têm a cumprir e, fundamentalmente, **apolíticos**, de largo saber jurídico e senso de justiça e imparcialidade. Por concurso público igualmente seria, pelo menos, um caminho mais justo.

**Política** – No campo político as incongruências são quase tão diversificadas quanto na religião, razão por que nesta oportunidade não serão analisadas a fundo e em toda a sua

diversidade. Começemos pelo poder Legislativo, onde os representantes do povo, que confundem **imunidade com impunidade** e são amparados pela justiça, por leis **interpretadas erradamente**, a favor de deputados e senadores corruptos, criminosos, muitas vezes com a anuência do poder executivo, por puro interesse... “é melhor contar com o voto a favor, de um corrupto, do que não contar com o voto contrário de um decente.” Tivemos um presidente que comprou votos para sua reeleição e não foi sequer a julgamento, não perdeu o mandato e nem foi preso e está por aí a esbanjar sorrisos-colgate.

Um acinte à nossa inteligência e paciência é, ante a miséria que assola o povo brasileiro, com um arrocho talvez nunca antes experimentado, com quase dez anos de penúria, sem aumento salarial, sendo esbulhado por um presidente inepto por 8 anos e com um recém eleito que representava a **esperança** de melhora, vemos os 56% de aumento salarial que o Legislativo se autoconcedeu, diante do 1% concedido ao funcionalismo federal, gesto repetido pelos não menos insensíveis governadores dos Estados, inclusive o de São Paulo, que aliás não concedeu aumento algum. Quanto ao aumento de 1% aos funcionários federais, já ouvi de alguns a sugestão do que o governo poderia fazer com ele, só que não fica bem contar aqui.

227

Ninguém deveria ter poderes para aumentar o valor dos seus próprios salários e criar verbas de representação, auxílio-residência, auxílio-paletó, a ponto de a qualquer momento um ilustre representante do povo propor “auxílio-amásia, auxílio-cueca” ou um “auxílio-camisinha”. Toda essa máquina de injustiças sociais, seria eliminada se todo e qualquer aumento fosse **concedido igual para todos**. Operários, funcionários, comissionados, vereadores, deputados, senadores, juízes, militares, governadores e o próprio presidente. 1% para uns,

1% para os demais, sem nenhuma distinção ou exceção. E, se isso for lei, que seja cumprida, porquanto a lei que determina que o funcionalismo seria aumentado anualmente no mínimo cobrindo a inflação, nunca foi respeitada pelo “Grande Farsante” e continua a ser desrespeitada pelo atual.

Isso sem contar os inúmeros aumentos durante os oito anos anteriores, inclusive beneficiando os maiores do judiciário, o executivo e o legislativo e até, é claro, a figura do presidente e governadores dos Estados, e mais os aumentos dos serviços públicos, dos combustíveis e dos impostos. Para os funcionários comuns e para o povão, nada! Ou melhor, pagar a conta.

228 Aí surge um (a) gênio (a) e cria um monte de novas taxas e ajustes (só não se ajustam os salários) e além de inventar, utiliza-se do velho engodo do aumento progressivo, diferenciado, de impostos e taxas, com sobrecarga para quem tem imóvel de maior valor, ou em situação privilegiada em bairros melhores, mas tudo feito bagunçadamente, sem muito critério. A Receita Federal já se utiliza dessa anomalia pra lesar a classe média, a única que realmente paga IR, com duas alíquotas e com uma terceira em estudos. O poder central já prepara uma artimanha, um jeito de tirar mais algum de quem ganha mais, e não me refiro aos políticos, pois esses sempre dão um jeitinho de fugir às obrigações legais. Legais para os outros, pois não!

Ora, quem ganha mais, na maioria dos casos, estudou mais, trabalhou ou trabalhou mais para chegar aonde chegou. Se todos, por exemplo, pagassem 10% de impostos, os que ganham mais não pagariam menos, pois, 10% de R\$200,00 são R\$20,00 e 10% de R\$3.000,00 são R\$300,00 e não me consta e nunca constou que R\$300,00 e R\$ 20,00 sejam quantias análogas.

No **Executivo**, em parte já colocadas, as situações se assemelham, com governantes mentirosos, inadimplindo as promessas de campanha, tratando, já no primeiro dia de mandato, de cuidar dos preparativos para a reeleição. Em vez de governar e tratar de fazê-lo bem, para o bem da população, normalmente lançam-se numa fúria arrecadatória, visando aquele fim. O propósito maior é arrecadar, extrair o máximo do bolso do contribuinte e, muitas vezes, gastar em **propaganda dos feitos e dos malfeitos** (colorir como se fossem bem feitos) **do governo**, outra incongruência. Governo que faz ou manda fazer obra não está executando nada que ultrapasse o campo da sua obrigação. É para isso que ele está lá. E para isso que foi eleito. Não há por que dilapidar cofres públicos com propaganda governamental e nem tentar a **funesta reeleição**. Será que entre 170 milhões de brasileiros não há um capaz para ocupar aquele cargo (vereador, deputado, prefeito, governador, presidente), representando condignamente o povo? **Reeleição é um troço que não devia existir**. Ah! Mas ele foi tão bem na primeira gestão! Ótimo! Não fez mais que a obrigação! Dê lugar a outro!

Para “dar” e essa não é a palavra, “conceder” essa também não, **autorizar** (ufa! Até que enfim!) um aumento aos servidores, as desculpas são sempre as mesmas: Não há disposição orçamentária, fere a lei da responsabilidade fiscal e outras que tais. Para enfiar dinheiro em contratos estapafúrdios e supervalorizados, em bancos falidos por má administração, para dar aumento para ele governante e sua cupinchada de 1º e 2º escalões, para deputados e senadores, para “marketing” do próprio, sempre tem algum a mais.

Para apurar as grandes fraudes, nunca há interesse, porquanto pode haver um **embusteiro** “nosso” nessa encrenca,

vide o caso dos paraísos fiscais, Caribe, dos rombos na Previdência e, recentemente envolvendo o Banestado, **com prejuízos de bilhões** de reais para o país. Dinheiro que, se buscado de volta, resolveria o problema da mesma Previdência ou os déficit de caixa. Há outra faceta negra, ou seja, o governo **não cobra os seus maiores devedores, por razões muito suspeitas**, como o envolvimento de comparsas do próprio governo ou companheiros políticos. Enquanto isso, persevera-se no intuito de meter a mão no bolso do **já desamparado aposentado**, tirando dele uma casquinha da miséria percebida. É uma ... mesmo!

230

Outra incoerência gritante: por que os governos **não pagam o que devem, se nós, contribuintes**, devemos fazê-lo inexoravelmente até o dia do vencimento? Um dia de atraso e já uma multa é aplicada. Os direitos não são iguais perante a lei? A resposta é **NÃO!** Os precatórios, quando se trata de meros contribuintes e servidores públicos, mesmo sendo de **natureza alimentar**, mofam ou apodrecem nos cartórios e na Fazenda. Não raro, o credor morre e **não recebe o que o Estado lhe deve. Tenho um que está entrando na adolescência – 10 anos.** Há cinco anos, entrou na fila de pagamentos. Recebi um telefonema de uma mulher, não sei se jovem ou senhora, que propôs-me o seguinte: o senhor quer receber logo, em poucos dias, poderemos – “não sei quem poderemos” –, por uma taxa de 20% do total, providenciar isso? Como não topei, o processo retornou com mais algum outro embargo e... lá se foram mais 5 anos, a caminho do 6º e, até agora, nada!

Futebol – Nesse esporte popular o **objetivo fundamental é o gol** e no entanto muito se tem feito para evitá-lo, principalmente com a criação da regra do **impedimento**, razão direta de tantos absurdos, resultados inconvincentes, arma na

boca dos árbitros que constróem ou modificam resultados das pelepas. Bastante dizer que a maioria dos auxiliares dos árbitros (bandeirinhas) não tem a mínima noção do que devem fazer e, se sabem, não o fazem, e os juízes, às vezes mal-intencionados, se aproveitam para até decidir títulos. É certo, sem sombra de dúvida que, em **média superior a 50%**, os impedimentos são **marcados erradamente.**

Os times de futebol são formados por onze jogadores, com alguns defensores, alguns meio-campistas e atacantes. Ora, os **defensores estão ali para defender** e impedir que os atacantes adversários cheguem ao gol e os atacantes estão ali para chegar ao gol, porque então os defensores devem ter a vantagem do impedimento. Quantas jogadas belíssimas são anuladas por causa dessa incongruência, às vezes por alguns poucos centímetros; e outras vezes, com maior frequência, por erro de marcação. Em outras situações, um chutão (não lançamento por motivo óbvio) de um zagueiro pode alcançar um atacante, próximo ao meio-de-campo, já no campo adversário e este se encontra a 50 ou 60 metros do arco adversário, mas está impedido porque a sua barriga ou o bigode está na frente 10cm do penúltimo adversário. Quantas jogadas notáveis são invalidadas. Não há, creio, jogadas mais bonitas do que as tabelas em progressão, a triangulação ... passa a bola e desloca-se, em velocidade, para receber na frente... só que ao fazer esse movimento o atleta, que está na corrida, em evolução, é lançado quando se encontra a meio ou um passo à frente dos defensores. Impedimento! Absurdo. Anula-se o jogada mais bela e o gol que poderia sair, não sai.

Outro lance totalmente absurdo aparece quando, por exemplo, de uma cobrança de falta na linha média, com a maioria dos defensores e atacantes adversários posicionan-

231

do-se junto à linha demarcatória da “grande área”. No momento exato em que o batedor da falta toca o pé na bola, os defensores imediatamente **deslocam-se para a frente**, deixando atacantes em impedimento. Ora, ao invés de defender, marcar os adversários, deslocando-se naturalmente para trás, o fazem para a frente. **Então deixam de ser defensores!** Uma contradição disparatada, sem o menor cabimento.

232

A regra provavelmente foi introduzida porque alguns times colocavam um jogador “paradão” lá na frente, pertinho do goleiro, ao molde que um pivô de basquete ficava em baixo da cesta, no “garrafão”. O Basquetebol resolveu a situação, estipulando os 3 (três) segundos possíveis naquela área e acabou o problema, além do que atualmente, no futebol moderno, em que todos participam ativamente, nenhuma equipe pode se dar ao luxo de ter um jogador **parado na frente**. Na dinâmica moderna do futebol, todos que atacam têm a obrigação de voltar para defender, e isso não seria possível.

Sugestão. Mera pretensão insólita, mas vá lá: que tal limitar a zona do impedimento aos casos ocorridos nas grandes e pequenas-áreas? Já não teríamos interrupções do jogo nos meios-de-campo e nas laterais. Dá pra pensar? Se já foi feito (e parece que foi), e não deu certo é porque foi executado de maneira errada, precipitada. Uma possível mudança na regra não cairia mal. Talvez, o melhor seria **acabar de uma vez com a regra do impedimento** em toda a superfície do campo de jogo.

De qualquer maneira que a situação for encarada, é justo dizer que a regra do impedimento bem que poderia ser revista. Ela atrapalha o desenrolar do jogo, tem sido motivo da maior irritabilidade de dirigentes e torcedores e tem sido muito utilizada como verdadeira fábrica de resultados.

No futebol de hoje, não há como compreender o fato de que, sendo o grande espetáculo da Terra, com estádios lotados em todo e qualquer lugar do mundo, os clubes vivem à míngua, pedindo água e até, em muitos casos, próximos da extinção. Os clubes cada vez mais pobres e os dirigentes da maioria dos clubes, da Confederação Brasileira e das Federações regionais, cada vez mais ricos.

Uma perguntinha derradeira: Como é que o sr. Armando Marques, aquele todo cheio de trejeitos esquisitos, árbitro que infelizmente nos aporrinhou um bocado, na sua passagem, de triste e lamentável lembrança, pelo futebol paulista, aquele que quando atuava em jogos do São Paulo F.C., no tempo em que esse clube era presidido ou contava com a simpatia de torcedor de nada menos que dois governadores – Laudo Natel e, posteriormente, José Maria Marin – fazia das tripas coração para o S. Paulo F.C. não perder, que atuava em jogo fazendo momices para aquelas personalidades, pode permanecer tanto tempo como presidente da Comissão de Árbitros da CBF? Será que ele é uma neo-espécie de J. Edgar Hoover?<sup>4</sup> Alguém sabe? Alguma coisa eles têm em comum: uma certa fama de ...durões, tipo gauchão que enterra a faca no barranco.

233

Expostas algumas das incongruências que aí estão, muitas outras existem e ponderá-las é como mexer em algo que não tem princípio, não tem fim e o meio é muito complicado.

<sup>4</sup> John Edgar Hoover – Diretor do Federal Bureau of Investigation – FBI –, por 48 anos, desde 1924 até a sua morte, em 1972, e que, supostamente, durou tanto no cargo que ocupava por possuir dossiês comprometedores sobre as nebulosidades da vida de grandes figuras governamentais norte-americanas e mundiais. Ninguém teve peito de substituí-lo.

Milton Luiz Ziller

Minhas idéias, meus pensamentos e minhas conclusões são absolutamente pessoais, não envolvendo qualquer membro da minha família.

Também amo a paz! É em paz que pretendo trilhar o que me resta, até tomar posse definitiva, no Picanço, sem deixar dívidas ou ônus a pagar, sem Anti-Cristo, sem Apocalipse, sem Armagedom, sem Paraíso, sem Inferno, sem Besta do Apocalipse, sem a idiotice do número 666 e outras best...eiras do meu já encomendado pequeno e derradeiro latifúndio.

Guarulhos, julho de 2003

Milton Luiz Ziller

Plínio Tomaz

## MARQUÊS DE POMBAL

Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782), nasceu em Lisboa e, oriundo de família modesta de pequenos fidalgos. Pombal foi primeiro-ministro do rei D. José I, e praticamente governou Portugal, entre 1750 a 1777.

Os métodos de governo de Pombal são comparados por alguns, aos métodos de *Stalin* e de *Goebbels*.

Em 1º de novembro de 1755, ocorreram terremoto e enchentes em Lisboa, que destruíram um terço da cidade. Somente três mil casas, das vinte mil, tinham condições de ser habitáveis após o terremoto. Morreram cerca de 40.000 pessoas.

No tempo de Pombal, a nobreza primava pela imbecilidade e o povo pela superstição.

Os jesuítas criticaram o governo, dizendo que o terremoto tinha sido causado por Deus, como castigo ao desmando do Marquês de Pombal. Mais tarde, o Marquês de Pombal incluiu oito jesuítas num processo de tentativa de matar o rei D. José I e os mesmos foram queimados ou postos no garrote. Todos os nobres envolvidos no regicídio foram mortos. Pombal aproveitou para se vingar da alta nobreza e dos jesuítas.

Pombal aproveitou para reformar toda Lisboa, com ruas largas, de 18m e calçadas de 3m, com cruzamentos em ângulos retos. As ruas secundárias ficaram com 12m. Os engenheiros, na época, fizeram uma "gaiola" de madeira, que os prédios deveriam possuir para agüentar os terremotos. Quem teve que pagar todos os custos logicamente foi o Brasil. Foram lançados mais impostos aos brasileiros, dando origem à revolução de Ouro Preto, onde estava envolvido Tiradentes. No começo, os impostos eram provisórios e, no Brasil, tudo que é provisório vira definitivo e tudo o que é definitivo vira provisório.

O Brasil era a "vaca leiteira" de Portugal. Do Brasil vinham o ouro e o diamante, além do açúcar, tabaco e madeiras.

Em 1703, Portugal tinha assinado com a Inglaterra o famoso Tratado de Methuen, onde as mercadorias inglesas de lã entravam em Lisboa livres de impostos e taxas e, em troca, os vinhos portugueses recebiam igual beneplácito em Londres. Ficou criado e perfeitamente caracterizado o vinho do Porto, que, imediatamente, desbancou os vinhos franceses.

Para a demarcação do chamado vinho do Porto, o Marquês de Pombal incluiu os vinhedos dos aristocratas e muito ricos, tirando de fora as propriedades menores e dos pobres. Na zona demarcada, o Marquês de Pombal, como bom português que era, incluiu todas as suas terras que distavam 160km abaixo da área do vinho do Porto, aumentando assim o valor das propriedades de sua família. Foi estabelecido que só poderiam ser vendidos com a marca vinho do Porto os vinhos da área demarcada. Fora da área, teriam outros nomes e eram proibidos para exportação.

O Tratado de *Methuen* foi elogiado por *Adam Smith*, norteando, inclusive, o Tratado de Éden, de 1786, entre a Inglaterra e a França.

Com o passar dos tempos, Portugal começou a ser um importador crônico de cereais. Portugal passou a importar da Inglaterra, Holanda e Alemanha, drenando para estes países, todo o ouro, diamante e riquezas do Brasil.

Pombal sabia que o ouro e o diamante do Brasil um dia iriam acabar e queria construir uma indústria moderna em Portugal, bem como uma frota marítima comercial pujante para aumentar o poderio do reino. Mas, Pombal não conseguiu. Na verdade, ele não tinha os funcionários públicos de que precisava, não tinha uma elite que pudesse mudar Portugal do jeito que ele queria.

Pombal criou grandes companhias para o comércio internacional, principalmente para o Brasil. O objetivo de Pombal era que as pequenas companhias não teriam futuro. Seriam necessárias grandes companhias para desenvolver o Brasil e Portugal.

Pombal criou a Companhia do Grão-Pará e Maranhão, Companhia de Pernambuco e Paraíba e outras. Criou verdadeiros monopólios e os pequenos comerciantes foram, impietosamente, sacrificados. Para Pombal a pequena burguesia não tinha o seu lugar. Quando Pombal, deixou o governo, elas praticamente se acabaram. A Companhia do Grão-Pará e Maranhão foi extinta em 1778, o que festejado pelos comerciantes de Lisboa.

Com relação ao ensino, Pombal tinha a idéia de que o ensino tratava-se de um meio de integração do indivíduo ao Estado. Impôs o ensino prático da medicina e alterou, substancialmente, o ensino do Direito.

O Marquês de Pombal era maçom e tinha muita influência entre os diversos maçons na Europa, principalmente, da Espanha.

Todo o ouro e diamante que vinham do Brasil eram esbanjados pela nobreza em aquisição de produtos inúteis e caros. A agricultura de Portugal estava cada vez mais pobre, pois, tudo era importado a preço de ouro. Foram criados uma ociosidade e um luxo desenfreado na nobreza portuguesa, que não foram bons para Portugal, pois, o pobre continuava mais pobre do que nunca. Porisso é que o Marquês de Pombal era contra a alta nobreza.

Pombal é que conseguiu assinar com os espanhóis, o Tratado de Madrid e, com isto, consolidou as conquistas dos Bandeirantes paulistas, aumentando as possessões portuguesas de uma maneira impressionante. Por este motivo, o Marquês de Pombal é muito importante para o Brasil.

240

Como os jesuítas cresceram muito em poder e estavam criando uma república guarani nas 38 reduções entre o Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, em área de quase a metade da França, Pombal, houve por bem extinguir a Companhia de Jesus, expulsando-os de Portugal e conseguindo, mais tarde, que o próprio papa extinguisse a Companhia de Jesus.

Uma das inovações de Pombal foi a criação de uma máquina de propaganda, destinada a elogiá-lo e a denegrir a imagem dos adversários.

D. José I morreu, em 24 de fevereiro de 1777, e logo depois Pombal se demitiu, em 4 de março do mesmo ano. Assumiu D. Maria I, a louca, que com o alvará de 1785, mandou fechar todos os teares e fábricas existentes no Brasil. O governo português ficava cada vez pior e era comum, na época, se dizer “mal por mal, antes Pombal”.

O Marquês de Pombal é uma figura controvertida na história portuguesa.

## CANUDOS

Em 1997, fez cem anos que aconteceu a Guerra de Canudos. Existem vários filmes brasileiros a respeito e é consenso de todos, que não se sabe muito sobre a Guerra de Canudos. Achei que era a ocasião para ler alguns livros sobre o assunto. Li e gostei e aqui vão algumas informações interessantes.

Primeiramente, é bom saber que a cidade de Canudos estava localizada no interior da Bahia e tinha, em 1897, cerca de 30.000 habitantes, sendo a segunda cidade em população na Bahia, superada apenas por Salvador.

O líder religioso que fundou Canudos era Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como Antônio, o Conselheiro ou, simplesmente, Antônio Conselheiro (1828-1897), um padre seminarista que sabia o latim e o francês, nascido no Ceará, terra de inúmeros religiosos, como o famoso Padre Cícero, que não participou da Guerra de Canudos. Antônio Conselheiro era um homem culto e inteligente e não um fanático como descreve Euclides da Cunha no livro “Os Sertões”, influenciado, talvez, pelos republicanos.

Engenheiro militar e jornalista, o fluminense Euclides da Cunha (1868-1909), que fez a cobertura jornalística do conflito de Canudos, cita, também, que havia naquele tempo dois brasis, o da "Costa" e o do "Sertão". O Brasil da "Costa" era moderno e do "Sertão" atrasado. O conflito de Canudos iria se dar no "Sertão".

Em 1888, a princesa Isabel fez a libertação dos escravos e, um ano depois, foi proclamada a República. Antes da proclamação da República do Brasil, o império teve alguns problemas interessantes no nordeste brasileiro.

Um deles foi a lei do *Sistema Métrico*. A adoção do sistema métrico foi bem recebida na "Costa" do nordeste mas, no interior, houve uma grande quantidade de problemas. O "Sertão" não queria o sistema métrico, e preferia que continuasse a vara de cinco palmos e a tigela do reino. Houve um levante no sertão e o exército teve que enviar tropas, superior a 1.000 homens, para apaziguar os insurretos.

Um outro problema no tempo de d. Pedro II foi a chamada *questão religiosa*.

Acontece que naquele tempo, 2/3 dos padres católicos do nordeste tinham família constituída.

O jovem padre Vital tinha estudado em Roma e era parente de um ministro do império. Recentemente nomeado bispo na Bahia, pelo Imperador, era a favor do celibato, sendo apoiado pelo bispo d. Macedo, do Pará.

D. Vital e d. Macedo acusaram que o desrespeito à igreja era devido à maçonaria, cometendo uma grande injustiça, pois a maçonaria nunca hostilizou a igreja católica, mas, ao contrário, sempre ajudou, velada ou ostensivamente, todas as obras sociais, de caridade e filantrópica da igreja católica.

Os bispos foram julgados e presos, ficando a situação bastante confusa, dividindo-se a igreja católica, uma parte a favor e outra contra os bispos.

Um outro problema que existiu foi o *financeiro*. Em 1888, no fim da monarquia, para agradar os latifundiários, o império concedeu empréstimos em grande quantidade através do Banco Nacional do Brasil. Houve uma especulação financeira enorme e fortunas mudaram de mãos, em poucos dias. Foram lançadas ações cujos preços dispararam.

Com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, o governo do general alagoano Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892) nomeia o baiano e advogado formado em São Paulo, o dr. Rui Barbosa (1849-1923), como Ministro da Fazenda, que tenta conter a deterioração da economia do país. Os anos em que Rui Barbosa ficou à frente do Ministério da Fazenda tornaram-se conhecidos como *encilhamento*, lembrando a euforia irresponsável, o jogo e a especulação frenética das bolsas.

Houve, na verdade, um *crash* econômico com empresas falindo, inflação acelerada, fuga de ouro, depreciação cambial, abrindo caminho a inquietações sociais e levantes militares. Canudos não foi o único foco de agitação; na época, houve mais de dez levantes espalhados pelo Brasil.

Um outro problema que afetou também o sertão do nordeste, na época, foi a separação da Igreja Católica do governo da República. Não era mais válido o casamento no religioso, mas somente o civil.

Com todos estes problemas é que Antônio Conselheiro foi reunindo milhares de pessoas que não tinham terras e nem dinheiro, até chegar a um local estratégico, perto de um rio e

no entroncamento de várias cidades. Lá, construiu em quatro anos, a cidade de Canudos.

Em Canudos, cada um fazia a sua casa, mas a lavoura era coletiva. A venda dos produtos colhidos nas lavouras, era feita através de um armazém geral que distribuía para as cidades vizinhas. O comércio era feito com as cidades próximas, tais como: Jeremoabo, Tucano, Uauá, Várzea da Ema e até em Feira de Santana.

244

Antônio Conselheiro montou praticamente um sistema de produção socializante, baseado na religião cristã. Também negava-se a pagar qualquer tipo de imposto, não reconhecendo a República, com saudades da Monarquia, que na sua opinião era o governo ideal, devido à aliança igreja-estado. Lembremos que durante a época do império, a igreja era vinculada a ele, sendo as autoridades eclesiásticas nomeadas pelo imperador d. Pedro II. Além disto, muitas atividades cartoriais das cidades eram feitas pela igreja. Ficou também provado que ninguém ligado à monarquia financiou, ajudou ou mandou armas para Antônio Conselheiro.

O governo enviou quatro expedições do exército contra Canudos. O exército brasileiro tinha na época, 15.000 soldados, sendo que foram combater em Canudos 12.000 soldados com as armas mais modernas da época, sendo que 5.000 morreram, isto é, mais que, 1/3 do efetivo. As principais tropas eram da Bahia, São Paulo, Pará e Amazonas. O pessoal residente em Canudos lutou com tudo o que tinha, resistindo o mais que pôde.

Morreram cerca de 20.000 pessoas em Canudos, entre homens, mulheres e crianças, acabando assim com a cidade.

As causas do conflito de Canudos ainda não foram totalmente analisadas.

Uma outra afirmação curiosa é a do escritor português José Hermano Saraiva, que aponta a guerra de Canudos como o último dos dramas do sebastianismo. O sebastianismo é a espera messiânica do salvador, isto é, do rei D. Sebastião, que foi para a batalha de Alcácer Quibir, em 1578, e nunca mais voltou. Depois, o reino português se esfacelou, passando a Espanha a dominar Portugal por 60 anos. Consta que o próprio Padre Antônio Vieira e o poeta Fernando Pessoa eram sebastianistas.

Cada vez mais se escrevem livros sobre o tema e creio que agora estamos começando a entender, um pouco, quem foi Antônio Conselheiro e o que foi a guerra de Canudos.

245

## A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL E A MAÇONARIA

A maçonaria, como a conhecemos hoje, isto é, a maçonaria especulativa e não a operativa, que era dos artesões, foi fundada na Inglaterra, em 24 de julho de 1717, com o nome de *Loja São Paulo*, tendo como Templo a *Taverna do Ganso*, onde eram feitas as reuniões.

Em 1721, o reverendo James Anderson tornou-se maçom e, em 1723, escreveu a *Constituição Maçônica*, mais conhecida como a Constituição de Anderson.

Em 1728, foi fundada a Grande Loja na França. Em 23 de março de 1730, foi fundada, nos Estados Unidos, a Grande Loja de Massachusetts.

Em 1789, quando se deu a Inconfidência Mineira, Tiradentes e os demais Inconfidentes eram maçons com influência das lojas francesas, que eram republicanas e cuja cor (vermelha), era a mesma do triângulo maçônico da Bandeira da Inconfidência Mineira. O iniciador de Tiradentes foi dr. José Álvares Maciel, que lhe ensinou as instruções maçônicas e as palavras em código.

Não se tem referência a nenhuma Loja-mãe, portanto ninguém sabe realmente quando foi fundada, no Brasil, a primeira Loja Maçônica. Em 1801, foi fundada, no Rio de Janeiro, a loja *Reunião*.

Em 1803, são fundadas mais duas lojas: *Constância e Filantropia*. Em 30 de março de 1818, d. João VI determina a proibição das atividades maçônicas no Brasil. Em 1821, d. João VI deixa o Brasil e retorna a Portugal. Em 2 de junho daquele ano, é fundada, no Rio de Janeiro, a loja maçônica *Comércio e Artes*.

Em 28 de março de 1822 ou 24 de maio de 1815, foi fundada no Brasil a primeira Loja-mãe, e criado o *Grande Oriente do Brasil*, de tendências republicanas, dirigida por José Bonifácio e Gonçalves Ledo (maçonaria vermelha).

248

Em 2 de junho de 1822, é criado pelo político paulista José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) e pelo político carioca Joaquim Gonçalves Ledo (1781-1847), o *Apostolado da Nobre Ordem dos Cavaleiros da Santa Cruz*, uma espécie de maçonaria monárquica (maçonaria azul).

Em 22 de junho de 1822, d. Pedro I assume a direção do *Apostolado*, d. Pedro I. E, admitido na maçonaria do *Grande Oriente*, em 13 de julho de 1822, como Aprendiz; em 16 de julho de 1822, passa a grão-mestre.

No dia 20 de agosto de 1822, na Assembléia-Geral do Povo Maçônico, onde foram reunidas as três lojas do Rio de Janeiro, corajosamente, foi proclamada a Independência do Brasil.

Em 7 de setembro de 1822, é proclamada a Independência do Brasil. Quando d. Pedro I abriu a correspondência, tinha a mensagem secreta com a palavra-de-passe do *Apostolado*, que era: "Independência ou Morte". Portugal queria transformar o Brasil, praticamente, num campo de concentração.

Em 14 de setembro de 1822, estoura a briga entre Gonçalves Ledo e José Bonifácio.

Em 25 de outubro de 1822, com o apoio de d. Pedro I, José Bonifácio fecha o *Grande Oriente*, devido ao *caso das três assinaturas em branco* feitas por d. Pedro I. Os maçons se escondem e Gonçalves Ledo foge para Buenos Aires.

Em junho de 1823, d. Pedro I fecha o *Apostolado de José Bonifácio*, devido aos "*planos tenebrosos*" que estavam discutindo.

Em 29 de setembro de 1823, d. Pedro I determina o livre funcionamento da maçonaria.

Em 1832, é reaberta o *Grande Oriente* com sessão solene de José Bonifácio e Gonçalves Ledo, onde José Bonifácio impõe:

"Nenhum assunto que não tenha conexão com graus simbólicos da Maçonaria será tratado no Grande Oriente do Brasil e nas Lojas do seu círculo." E diz ainda:

"A voz da política nunca mais soará no recinto dos nossos Templos, nem o bafo impuro dos partidos e das facções manchará a pureza de nossas colunas".

Isto foi, segundo alguns livros maçônicos, a castração e o início da hibernação da maçonaria no Brasil. Os maçons, independentemente das suas lojas, participaram ainda da proclamação da República e outros eventos, mas nunca mais assumiram posições radicais, como aquela tomada na Independência do Brasil.

Na verdade, o grande maçom sempre foi Gonçalves Ledo e não José Bonifácio.

249

## CLEÓPATRA

Estamos acostumados a ver filmes novos e antigos e a ler livros que nos falam de Cleópatra (69 aC a 30 aC) e principalmente da sua beleza. Mas, na verdade, os romanos nos deram dela uma visão distorcida, pois Cleópatra, além de bela, era inteligente e corajosa. Não tinha medo e lutou bravamente até a morte. Morreu com a dignidade de um faraó do Egito.

Cleópatra não era egípcia e sim grega. Após a morte de Alexandre, o grande (356 aC a 323 aC), na Babilônia, que foi enterrado em Alexandria, cidade fundada por ele, em 332 aC, os seus generais disputaram a partilha de tudo que fora conquistado. O general Ptolomeu, em 285 aC, ficou com o Egito, que era a parte mais rica da Ásia.

Daí, nasceu no Egito a dinastia dos Ptolomeus, que eram gregos da Macedônia e durante uns 39 anos trouxeram esplendor e riquezas para o Egito, entrando depois em decadência. Cleópatra foi a última da dinastia dos Ptolomeus.

Os Egípcios tinham o costume de se casarem somente dentro da sua família. A prática do incesto pelos egípcios, passou

para os Ptolomeus. Cleópatra VII tinha dezessete anos quando foi obrigada a se casar com seu irmão Ptolomeu XIII, de 10 anos, mas o casamento não foi consumado.

O Egito, na época, era o segundo país mais rico do mundo, sendo superado somente por Roma.

Quando Júlio César, com 52 anos, aportou em Alexandria, havia briga de poder entre os Ptolomeus. Deu-se então aquela história em que Cleópatra aparece dentro de um tapete, pois, tinha medo de ser assassinada pelas tropas de seu irmão, que cercavam o palácio onde estava Júlio César. Ele se apaixonou pela audácia e beleza de Cleópatra e teve um filho com ela, chamado Cesário.

César tinha levado a Cleópatra para Roma com seu filho Cesário, de três anos de idade.

252

No dia 15 de março, ou seja, nos chamados “idos de março”, Júlio César foi assassinado antes de ser coroado rei pelo senado romano.

César iria ser coroado Rei e, em seguida, divorciar-se de sua esposa Calpúrnia, com a qual não tinha filhos, para casar com a rainha do Egito, Cleópatra, que tinha então dezenove anos de idade.

A idéia de Júlio César era bastante interessante. Os romanos acreditavam muito nos Livros das Sibilinas que, segundo a lenda, estavam guardados no templo de Júpiter, na montanha do Capitólio, e deveriam ser consultados somente em emergência pelo senado romano.

As lendas contavam que nove Livros das Sibilinas foram oferecidos ao último rei etrusco dos romanos, chamado Tarquinius Superbus (534 aC a 510 aC). O mesmo achou muito caro e as sibilinas queimaram seis livros, sobrando, somente,

três volumes, que foram arquivados. As sibilinas eram profetizas que interpretavam os sonhos e podiam ouvir as vozes dos mortos.

Nos Livros das Sibilinas estava escrito que para a conquista da Parsa, um país ao sul do Irã o exército romano deveria ser comandado por um rei. Mas Roma era uma república e Júlio César já tinha convocado todas as legiões necessárias para a conquista da Parsa.

Após o assassinato de Júlio César (100 aC a 44 aC), com vinte e três facadas, Cleópatra teve que voltar urgente para o Egito. Marco Antônio fez o seu famoso discurso descrito por Shakespeare, considerado por muitos o discurso mais lindo proferido na história. Talvez o discurso não fosse tão eloqüente assim, mas, o que impressionou o povo foi o testamento falso apresentado por Marco Antônio, onde foram feitas doações de trezentos sestércios a todo cidadão e doadas as ricas propriedades de Júlio César, ao longo do rio Tiber, para o povo. Ninguém sabe, verdadeiramente, quem fez o falso testamento. Uns dizem que foi o próprio Marco Antônio ou então Calpúrnia, a mulher de Júlio César. Na repartição de todos os bens de Júlio César,  $\frac{3}{4}$  dos mesmos ficaram com o filho adotivo Otávio, que estava estudando na Grécia, na época.

Roma então ficou sendo dirigida por um triunvirato formado por: Marco Antônio, Otávio e Lepidus. Otávio era filho adotivo de Júlio César, Marco Antônio era o general preferido de César e Lepidus era velho amigo de César e chefe das legiões que estavam mais próximas de Roma e que controlavam a situação na época.

Todos os assassinos de Júlio César foram mortos ou se suicidaram, bem como centenas de homens ricos e senadores. Marco Antônio aproveitou a ocasião para mandar cortar a cabeça de Cícero (106 aC a 43 aC), escritor, político e o maior

253

orador romano e, como o mesmo o tinha criticado num dos catorze livros de oratória denominado Filípicas, mandou cortá-lo a mão com que escreveu a obra.

Os romanos, com o assassinato de Júlio César, dividiram o seu mundo em três partes: o oeste para Otávio, o norte da África para Lepidus e o leste para Marco Antônio, que contaria com seis províncias romanas: Macedônia, Grécia, Bitínia, Ásia, Síria e Cirene. O Egito era um reino independente na época.

Marco Antônio foi para Alexandria, que era mais rica e tinha palácios mais bonitos que Roma, e apaixonou-se pela cidade de maneira incomparável. Sua paixão é igualada àqueles estrangeiros que adoram uma cidade de maneira exagerada.

254

Bebia tanto vinho que se comparava ao deus grego do vinho, denominando-se o *novo Dionísio*. Marco Antônio tinha, então 42 anos enquanto que Otávio que ficara em Roma, tinha 21 anos.

Marco Antônio tinha a mesma idéia de Júlio César: anexar o Egito a Roma, derrotar a Parsa e estender o império romano até as Índias. Queria que a capital do império fosse Alexandria. Contou, para isto, com a colaboração da Cleópatra, que lhe deu três filhos, sendo, os dois primeiros gêmeos.

Otávio ainda tentou fazer as pazes com Marco Antônio, fazendo com que o mesmo se casasse com sua irmã Otávia. Marco Antônio casou com a belíssima Otávia. Teve um filho com ela e voltou para o Egito para junto da Cleópatra. Otávia ficou com o seu filho e com o filho de Fúlvia, outra romana que morrera e tinha sido mulher de Marco Antônio.

Otávio (63 aC a 14 dC) tirou a parte de Lepidus, mas, não o matou. Lépidus morreu mais tarde, tranqüilamente, numa cidade da Itália. Assim, chegou a hora do confronto entre

os dois gigantes do mundo romano. A causa principal foi a seguinte: Marco Antônio reconheceu Cesário como herdeiro de Júlio César. Isto criou problemas para Otávio, que era filho adotivo de Júlio César e que tinha recebido a herança do mesmo.

Marco Antônio era guerreiro e ambicioso. Começou então a guerra contra a Parsa. Roma, há tempos, já tinha sido derrotada pela Parsa, em 53 aC, quando as legiões eram comandadas pelo general Crassus, que morreu na batalha de *Carrhae*. Marco Antônio, imprudentemente, dividiu suas tropas em dois grandes grupos. O primeiro, em que estavam as máquinas de guerra, foi totalmente, dizimado e destruído. O segundo grupo foi atacado por hábeis cavaleiros que, com lanças e flechas, fustigavam as suas legiões, com ações parecidas com guerrilhas. Perdeu as batalhas e ficou desmoralizado entre os seus legionários. Para levantar a sua moral, Marco Antônio fez guerra com um país fraco, a Armênia, e acabou vitorioso.

255

As comemorações das vitórias das guerras romanas eram sempre feitas em Roma e aprovadas pelo Senado. Era uma honra para o Senado Romano patrocinar as festas, mas, Marco Antônio comemorou a sua vitória contra a Armênia na cidade de Alexandria, no Egito, o que irritou ainda mais os senadores romanos.

Foi crescendo a tensão existente entre Marco Antônio e Otávio. Um terço dos senadores favoráveis a Marco Antônio deixaram Roma e foram para Alexandria. O Egito tinha, na época, uma frota muito grande e, começaram, então, os preparativos da batalha que iria decidir como ficaria o mundo.

O interessante é que nos Livros das Sibílicas constava que os romanos deveriam ajudar o Egito, mas, nunca envolverem-se com o Egito.

Como Marco Antônio era romano, mas se casara com Cleópatra, era bem aceito em todo o leste. O casamento com Cleópatra não era válido para os romanos. Então, os reis da Ásia, da Grécia e de todo o leste europeu passaram a apoiar Marco Antônio e Cleópatra. Seria um conflito do leste contra o oeste, podendo ser considerado a batalha que mudaria o mundo.

As tropas romanas eram bem treinadas e o seu forte era a obediência e disciplina, enquanto que Marco Antônio tinha 50 mil legionários bem treinados e o resto das tropas era de asiáticos, com pouco treinamento e pouca disciplina.

Marco Antônio concentrou as tropas e sua frota com quinhentos navios, na região noroeste da Grécia denominada de *Actium*.

256

A desorganização das tropas fez com os seus generais e reis aliados, prontamente, fossem se mudando para as forças de Otávio. Mesmo antes do dia da batalha final, em *Actium*, Marco Antônio já estava derrotado.

Durante a batalha naval, em *Actium*, Cleópatra viu que Marco Antônio estava sendo derrotado e, como carregava grande parte dos tesouros do Egito em seu navio, fugiu rapidamente. Marco Antônio tomou um barco mais leve e fugiu até encontrar o navio de Cleópatra. Pegou, depois, outro barco e ficou num lugar bem distante de Alexandria, onde, logo depois, se suicidou com uma espada. Melhor seria se Marco Antônio tivesse morrido na batalha de *Actium*, de 2 de setembro de 31 aC.

Era costume dos romanos, introduzido por Pompêo, levarem os chefes prisioneiros para desfilarem em Roma, para mostrá-los acorrentados e, em seguida, os mesmos eram mortos,

secretamente, nas prisões, como aconteceu com Vircingtorix, o grande líder da Gália, e outros. Cleópatra, quando viu que não havia maneira de fazer acordo com Otávio, suicidou-se a seguir usando uma cobra venenosa, denominada Naja, tendo uma morte rápida e sem sofrimento através de uma picada no braço.

Os quatro filhos de Cleópatra foram mortos. Cesário, foi o primeiro a morrer a mando de Otávio, quando foi atraído para Alexandria, para uma reconciliação.

Quando assisti a filmes e li a respeito de Cleópatra e Marco Antônio, tive a impressão de que a vitória de Otávio foi fácil, o que não é verdade. Foi uma luta muito grande do leste contra o oeste. Marco Antônio era um soldado valente, assim como seus amigos, mas não conhecia a estratégia militar e nem tinha assessores militares à altura de um Agripa (63 aC a 12 aC), que dirigia as legiões e a frota romana de Otávio.

257

Se Marco Antônio e Cleópatra tivessem ganhado a batalha de *Actium*, como ficaria o mundo? Qual seria a língua que falaríamos, pois, Cleópatra era grega. O mundo seria totalmente diferente.

## OS BORGHIAS

Os Borgias não eram italianos, mas espanhóis. Tudo começou quando o Borgia chamado Calixtus III foi para a Itália, nomeado titular da Igreja denominada *Quattro Coronati*. No que se refere ao *Quattro Coronati*, ou, em latim, *Quatuor Coronati*, há referência no Manuscrito de Hallywell, datado de 1390, que é o documento mais antigo da maçonaria. Até hoje não se sabe se Severo, Severiano, Carpóforo e Vitério, os quatro coroados, eram soldados ou escultores que, recusando-se a receberem ordem de queimar incenso para oferenda de um deus romano, foram açoitados até a morte e os corpos dados aos cães.

Rodrigo Borgia (1431- 1503) nasceu na Espanha e foi eleito papa em 1492, com o nome de Alexandre VI.

O papa Alexandre VI tinha várias amantes, o que era costume na época. Teve nove filhos, sendo quatro com uma amante e outros cinco com amantes desconhecidas.

De uma das suas amantes, Vanozza dei Catanei, o papa Alexandre VI teve os filhos César, Juan, Lucrecia e Jofre. Destes quatro, os mais conhecidos foram Lucrecia Borgia e César Borgia.

Lucrecia Borgia é conhecida como uma perita em envenenamento e César Borgia, também perito naquela arte, era um guerreiro inteligente e cruel com seus inimigos. O seu assessor era Maquiavel, aquele que escreveu o livro "O Príncipe". O príncipe citado no livro é justamente César Borgia.

Em 1492, Colombo, a serviço da Espanha, descobriu o Novo Mundo. O árbitro entre Portugal e Espanha foi o papa espanhol Alexandre VI, que dividiu as novas terras, logicamente a favor da Espanha, através da *Bula Inter Caetera*, em 1493. São as chamadas Bulas Alexandrinas, que foram em número de quatro.

Mais tarde, em 7 de junho de 1494, foi assinado pelos reis de Portugal e Espanha o Tratado de Tordesilhas, que demarcava para o oeste 370 léguas a partir das Ilhas do Cabo Verde, a linha divisória entre as terras da Espanha e de Portugal.

O nepotismo do papa Alexandre VI era imenso: empregou, em diversos cargos, 30 parentes. Inúmeros cardeais, chefes militares, filhos etc.. As propriedades da Igreja Católica eram, praticamente, do papa Alexandre VI. O dinheiro era distribuído da maneira que ele queria. Diversos cardeais católicos, entretanto, tentaram moralizar a igreja, fazendo inúmeras leis. Mas não deram certo, pois iriam atrapalhar justamente aqueles que a aplicariam. Foi somente com a reforma de Martinho Lutero que houve uma restauração da igreja católica, mas daí surgiu a Inquisição.

Na época, era comum um irmão matar outro. O marido matar a mulher. A mulher envenenar o marido. O irmão mandar prender a irmã, que não queria casar com quem ele indicava. Havia um príncipe em Milão, que convidava os amigos para jantar e depois os matava. O envenenamento e o

assassinato eram práticas comuns, não só entre os Borgias mas em toda a Itália.

A Itália não existia como país. Era uma quantidade grande de cidades-estados governadas por príncipes, tiranos, que se matavam uns aos outros. No sul, havia exércitos espanhóis que ali tinham terras e, ao norte, comumente, entravam os franceses. A traição era comum. O jogo entre os príncipes, entre os espanhóis e franceses e a igreja católica através do papa, era enorme.

O papa Alexandre VI, para aumentar o seu poder, utilizou-se da inteligência do seu filho César Borgia. Assim, aumentou e consolidou as propriedades da Santa Sé com a incorporação da Romagna aos Estados Papais.

Leonardo da Vinci trabalhou para César Borgia, executando fortalezas magníficas. César Borgia era também fascinado pela parafernália de carros de combate e idéias para a guerra. Maquiavel admirava e dava assessoria ao pérfido César Borgia, pois, as "*suas intenções nunca poderiam ser ditas a ninguém e só terão conhecimento quando a mesma for colocada em prática*". Segundo Maquiavel, a prática da dissimulação de César era a melhor possível.

A irmã de César Borgia, Lucrecia Borgia, casou-se aos 13 anos de idade. Foi bastante infeliz com diversos casamentos e com problemas entre seus maridos.

O problema mais comentado de Lucrecia Borgia foi o seu casamento com Giovanni Sforza. Houve acusação de que o casamento não foi consumado e o divórcio foi inevitável; Giovanni Sforza acusou o papa de incesto. Diziam, também, que dois outros irmãos de Lucrecia faziam amor com ela, ou seja, César Borgia e Juan.

Juan foi assassinado com dezenove anos, provavelmente por César Borgia, que tinha inveja do irmão mais novo, mais querido do que ele pelo papa Alexandre VI.

Com setenta e três anos de idade, morreu o papa Alexandre VI, começando, então, o declínio dos Borgias. Em pouco tempo, César Borgia foi perdendo o poder e perdendo as suas cidades, bem como sua fonte de renda, que estava nos bancos de Gênova. Foi, inclusive, preso e levado para a Espanha, prisioneiro do rei Ferdinando, onde, depois de dois anos na prisão, conseguiu fugir e voltou para a Itália, sendo assassinado em 1507, logo depois, aos 31 anos de idade.

Lucrecia Borgia era bonita, teve vários filhos e morreu em 1519.

262

Com o fim da família Borgia, os papas continuaram, praticamente, da mesma maneira que os Borgias, com a vantagem de que o papa Alexandre VI tinha consolidado as novas terras conquistadas, que agora pertenciam à igreja católica.

Os Borgias refletiam, na verdade, a situação da época de toda a Itália. A corrupção, os assassinatos, os envenenamentos e as traições. Daí, porque Nicolau Maquiavel (1469-1527) escreveu o seu livro em 1513 e que foi publicado somente em 1532, após a sua morte, pois, tinha muitos exemplos, explicando como um governante deve adquirir e manter o seu poder.

## OS JESUÍTAS E OS ÍNDIOS GUARANIS

Estamos acostumados a ver na televisão, jornais e revistas passeios para visitar as regiões das missões jesuíticas. Nos mostra fotografias de igrejas destruídas, em vários locais, para incentivar as visitas.

263

Sempre tive a curiosidade de saber o que aconteceu com as missões, que são conhecidas também, como as reduções.

Por que o Marquês de Pombal fez uma campanha violenta contra os jesuítas que comandavam as missões, acabando por expulsá-los de Portugal?

Para compreender tudo isto, temos que voltar no tempo.

Em 1534, foi criada a Companhia de Jesus, chefiada pelo sacerdote espanhol Ignácio de Loyola (1491-1556). Em 1540, o papa Paulo III (1468-1549) confirmou a criação da Companhia de Jesus, motivado pela *contra-reforma* da igreja católica apostólica romana, para opor-se ao protestantismo.

As *missões* jesuíticas na América do sul, principalmente no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai criaram, em 1609, agrupamentos de índios guaranis, denominados *reduções*.

As *reduções* foram destruídas pelos portugueses e espanhóis, em 1776, quando então havia cerca de 110.000 índios guaranis que as habitavam e que eram comandados por somente 83 jesuítas.

Os jesuítas, protegendo os índios guaranis dos negreiros, isto é, daqueles que escravizavam os indígenas, se afastaram das grandes cidades portuguesas e espanholas e fundaram 38 reduções em diversas localidades do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, com 5.000 até 15.000 índios, em área equivalente à metade da França.

O agrupamento destes povoados tinha um chefe principal que era jesuíta. Falava-se somente a língua guarani, sendo proibido o espanhol e o português.

264

Era proibida a entrada de portugueses e espanhóis dentro das missões, a não ser que fossem jesuítas. Os jesuítas estavam criando o "*homem novo*" da América.

A bandeira que tremulava nas reduções era a da Espanha, embora não houvesse poder da mesma sobre as reduções.

Havia igrejas cristãs e as ruas eram perpendiculares umas às outras. Não havia adultérios nem prisões, bastavam algumas chibatadas em público e, no fim do castigo, um beijo na mão de quem aplicava os golpes. Havia escolas, casas de mulheres velhas abandonadas, hospitais e residências dos padres.

Os índios não eram nem ferozes nem tão mansos como se poderia imaginar.

Os jesuítas, na ânsia de proteger os índios guaranis, criaram um república cristã e comunitária, onde tudo era de todos. Não havia salário nem compra, nem venda e nem comércio. As colheitas eram reunidas e distribuídas aos

habitantes, segundo as suas necessidades. Mesmo os enfermos e velhos tinham a sua parte.

Não havia propriedade individual. Os jesuítas tentaram fazer uma propriedade individual, mas os índios dormiam ao invés de plantar alguma coisa e então desistiram da idéia.

Não havia pobreza e nem mendigos. Não havia ricos. A confederação das missões exportava tabaco, tecidos, bordados e erva-mate. Importavam ferramentas e máquinas. Fizeram até barcos para transporte fluvial e exploraram o ferro em jazidas que encontraram.

O Marquês de Pombal (1699-1782), cujo nome era Sebastião José de Carvalho e Melo, primeiro-ministro em Portugal, não gostava dos jesuítas, pois achava que eles mandavam enormes recursos arrecadados na região para Roma e que queriam fazer um *estado independente*. Informou ao rei D. José I que os jesuítas estavam criando uma república nas províncias de Portugal e Espanha.

265

O Marquês de Pombal tinha medo do poder ilimitado dos jesuítas, que eram os confessores do rei e da família real.

Um outro problema que houve na época foi devido ao terremoto que destruiu Lisboa. Um jesuíta italiano, que tinha estado muitos anos no Brasil, pregou que o terremoto foi um castigo de Deus pelos pecados do mundo, atingindo, então, o Marquês de Pombal.

Queria Pombal submeter os jesuítas ao estado português, mas não conseguiu. O Marquês de Pombal ameaçou Roma dizendo que ia fazer uma Igreja Portuguesa independente.

Pombal aproveitou também a crítica que Blaise Pascal, um jansenista fervoroso, fazia dos jesuítas, pois segundo ele,

estavam praticando casuísmos, esquecendo os ideais doutrinários da igreja cristã.

Para ele, os jesuítas largaram assuntos sobre a salvação e procuravam o poder no mundo. Na verdade, a Companhia de Jesus, que fora tão moderna na contra-reforma, estava arcaica na era do iluminismo. Os jesuítas ainda procuravam em Aristóteles os alicerces da verdade.

Em 1757, foram expulsos do palácio real pelo rei português D. José. Em 1758, o rei D. José sofreu um atentado, e o Marquês de Pombal, muito habilmente, implicou oito jesuítas na questão, como autores e instigadores do crime contra o rei. Foram presos vários jesuítas, entre eles o padre Gabriel Malagrida.

266

Malagrida tinha publicado um panfleto sobre o terremoto devastador de Lisboa, de 1755, denominado "*Juízo da verdadeira causa do terremoto*", atribuindo o desastre à ira divina, por Portugal ter abandonado a verdadeira religião.

Malagrida foi queimado na fogueira pelo Marquês de Pombal e outros foram para o garrote.

Não devemos esquecer que o tratado de Madrid, assinado em janeiro de 1750 entre Portugal e Espanha, não foi do agrado dos jesuítas.

Pelo tratado de Madrid, os portugueses concordavam em trocar o reconhecimento pela Espanha, das fronteiras fluviais ocidentais do Brasil, por sua renúncia ao controle da Colônia do Sacramento e das terras imediatamente ao norte do estuário do Prata, um objetivo que os espanhóis há muito aspiravam alcançar pela força.

A aceitação das fronteiras fluviais, contudo, incluía o rio Uruguai e colocava as Sete Missões Jesuíticas, com suas terras

de pastagens distantes do âmbito espanhol, sob a soberania portuguesa.

O tratado de Madrid determinava a evacuação dos jesuítas e dos índios convertidos das missões uruguaias (com mais de um milhão de cabeças de gados das estâncias das missões).

Ainda por força deste tratado, mais de 30.000 índios das comunidades das missões deveriam migrar com todos os seus bens e deixar o que hoje é o estado do Rio Grande do Sul, transferindo-se para áreas da Argentina e do Paraguai. Os índios resistiram, apoiados pelos jesuítas.

Em 3 de setembro de 1759, foi decretada a proscricção e expulsão da Companhia de Jesus de todo o império.

Juntamente com os espanhóis, os portugueses, autorizados pelo Marquês de Pombal, com 3.700 soldados e 19 peças de artilharia, atacaram, em janeiro de 1756, ferozmente e destruíram a república guarani da América do Sul, para que os jesuítas obedecessem ao tratado de Madrid. No início, os índios guaranis armados reagiram e ganharam inúmeras batalhas contra os portugueses e espanhóis, comandados pelo índio Sansepê, que conhecia a selva traiçoeira e mortífera.

Devido à resistência dos índios guaranis, os vencedores queimaram e destruíram tudo o que encontraram

Em 21 de julho de 1772, a Companhia de Jesus foi suprimida pelo papa Clemente XIV, sendo festejado o acontecimento em Lisboa.

As missões duraram 159 anos e assim terminou a república Guarani.

Voltaire, Montesquieu, D'Alembert e o genro de Karl Marx elogiaram a república dos jesuítas, que era uma sociedade

267

coletivista, base do socialismo. Todas as idéias da Companhia de Jesus, objetivando melhorar a vida terrestre dos índios guaranis e querendo pregar o amor a Deus, a fraternidade entre os homens, acabaram.

Montesquieu escreveu que *“é uma glória para a Companhia de Jesus ter mostrado pela primeira vez ao mundo como é possível a união da religião com a humanidade”*.

Tudo se resume no poder da igreja. Os templários foram destruídos pelo rei da França, Felipe, “o belo”, e pelo Papa Clemente V, devido ao seu enorme poder que ameaçava a Santa Sé e aos recursos financeiros que os templários possuíam.

A Companhia de Jesus foi destruída porque o seu poder cresceu tanto, chegando a ameaçar a autoridade do papa de Roma.

Assim, acabou o sonho de Santo Agostinho para a criação da “Cidade de Deus”.

## NAPOLEÃO BONAPARTE

Não há nenhum estudante que não admire Napoleão Bonaparte.

Depois de ler vários livros sobre o mesmo e de analisar a sua figura, restou, somente, o seguinte: Napoleão era um homem comum, que se aproveitou da situação do momento e fez um monte de coisas boas e ruins, ao mesmo tempo. Foi uma espécie de Hitler que, mesmo sendo austríaco, se achava mais alemão que os verdadeiros alemães. Bonaparte nasceu em 15 de agosto de 1769, na Córsega, onde se falava o italiano e que três anos antes tinha sido vendida pelos genoveses à França. Napoleão era, portanto, um italiano que se julgava francês.

Napoleão era muito bom em história e matemática.

Os livros sobre biografias, antes do século XX, eram de modo geral elaborados da seguinte maneira: o biografado era endeusado, pois, tudo o que o autor achava ao contrário do mesmo, não era colocado na biografia. Isto aconteceu com as biografias de Alexandre, o Grande, Júlio César e Napoleão. Há uma tendência normal do ser humano de endeusar aquele que

será objeto da biografia. Imagine, hoje em dia, um ministro do governo brasileiro elaborar uma biografia do presidente. Ele viraria um semi-deus.

Mas, voltemos a Napoleão Bonaparte.

A Revolução Francesa de 1789 é muito discutida e em alguns pontos, bastante controversa. Existem centenas de livros sobre a mesma.

Antes de estourar a revolução, o antigo regime (*ancien regime*) estava falido. Não havia mais condição de continuar. As injustiças eram enormes, assim como os impostos. Na verdade, a Revolução Francesa era uma transformação que tinha que ser feita de qualquer maneira.

270 A Revolução Francesa, na verdade, foi uma luta da burguesia contra a nobreza. As idéias de igualdade, fraternidade e liberdade eram basicamente o que queriam os burgueses, isto é, ter os mesmos direitos que a nobreza. Os pobres não entravam nesta disputa e foram usados, como sempre, como massa de manobra política. Os grandes filósofos como Voltaire, Diderot, Rousseau e outros eram, na verdade, representantes da burguesia e não da classe pobre.

Uma vez, na França, visitando o Museu do Louvre, vi uma foto onde uma mulher, valentemente, empunhava a bandeira francesa comandando o povo para destruir a fortaleza da Bastilha, em 14 de julho de 1789. Quem comandou tudo foram os burgueses, mas, quem foi para a frente de batalha foi o povo.

No que se refere aos pobres, baseados no lema criado pela Revolução Francesa – *igualdade, fraternidade e liberdade* – quiseram tomar as terras dos ricos e morreram de uma vez 5.000 pessoas, impiedosamente, massacradas pelo exército revolucionário, que era burguês.

Era a época do iluminismo, em que a razão se sobrepunha a tudo. Todos achavam que a razão resolveria os problemas.

Na confusão em eliminar as pessoas leais do antigo império francês, foram banidos, também, muitos dos revolucionários.

Na confusão então reinante, Napoleão, que era pobre e estudava de graça numa escola imperial do antigo regime, chamada Escola Militar de *Brienne*, mudou do lado realista e passou para o lado vencedor, isto é, do revolucionário Robespierre.

Napoleão subiu na carreira militar rapidamente, pois os oficiais de famílias nobres fugiram imediatamente da França. Se não houvesse uma revolução, Napoleão nada mais seria que um simples tenente.

Napoleão Bonaparte aproveitou os estragos que os revolucionários fizeram e fundou um império onde ele seria o primeiro imperador. Uniu os interesses burgueses aos interesses da nobreza e daí surgiu a paz entre as classes sociais.

Napoleão conhecia muito bem a psicologia das massas e usava as técnicas de *afirmação, repetição e contágio*. Sabia que as coisas afirmadas repetidamente fixavam-se na mente e eram aceitas como verdade.

Fechou quase todos os jornais e só admitiu aqueles que falavam bem dele. A censura era exercida não só nos jornais, mas em livros, teatros e tudo o que era impresso pela sociedade francesa. Para se ter uma idéia da censura de Napoleão, somente 8 anos após a derrota das forças navais em Trafalgar (21 de outubro de 1805) e quando o império napoleônico já tinha acabado, é que o povo soube que a França tinha perdido uma batalha naval para a Inglaterra.

O Cabo Trafalgar fica no sul da Espanha e perto do estreito de Gibraltar. O Almirante Nelson, da Inglaterra, foi o vencedor contra os navios da França e da Espanha, então dominada por Napoleão.

Em 2 de dezembro de 1804, Napoleão e Josefina foram coroados imperadores da França, na Catedral de *Notre Dame*.

Napoleão mandou o papa Pio VII vir de Roma para coroá-lo. Mas, tirou a coroa das mãos do papa e a colocou na própria cabeça e, em seguida, coroou Josefina.

Depois, mandou cunhar uma moeda com o seu perfil com os seguintes dizeres: "Deus defende a França" e a data de seu nascimento, 15 de agosto que se tornou um dia santo, ou seja, a festa de São Napoleão.

É famoso o "Código de Napoleão", elaborado em 1807. Todos pensam que o próprio Napoleão escreveu o Código. Mentira.

Quem escreveu o Código Napoleônico foram quatro juristas franceses que compilaram as 2.281 leis existentes na França e, em cinco meses, elaboraram a minuta do código. Pelo que se sabe, Napoleão opinou somente em alguns artigos sobre a família.

A capacidade de organização de Napoleão era enorme, assim como a sua habilidade de improvisação e de sempre tirar partido das situações. Mesmo quando as coisas saíam mal para Napoleão, ele tinha uma desculpa e tudo acabava bem. Era um homem de sorte, assim como Hitler.

Napoleão era mulherengo e estava cheio de amantes, assim como os nossos imperadores do Brasil d. Pedro I e d. Pedro II.

Dizem que tinha idéias fantásticas, nunca imaginadas e que revolucionara as guerras, o que também não é verdade. A batalha de Marengo, na Itália, foi vencida por um general de Napoleão, pois, se fosse pelas suas idéias a teria perdido.

Napoleão sabia nomear um general e um administrador. Pensava na sua capacidade militar e não na amizade e confiança absoluta.

Todos sabem que Napoleão dominou toda a Europa com facilidade, com exceção da Inglaterra, Espanha e Portugal. Os portugueses foram os que mais enganaram a Napoleão, pois transferiram toda a sua corte e dinheiro para o Brasil, em 1807. Napoleão chegou a ter na península Ibérica, em 1811, cerca de 360.000 soldados e mesmo assim não dominou totalmente os espanhóis e os portugueses.

A principal causa do fracasso de Napoleão, na península ibérica, foi a falta de suprimentos, pois, as estradas eram péssimas e os meios de comunicação eram demorados e difíceis.

Foi bom para o Brasil que d. João VI viesse para cá, pois, logo em 1822, o Brasil ficou independente de Portugal. A ocupação da Espanha criou o espírito de liberdade na América espanhola, que Simon Bolívar soube tão bem aproveitar.

A guerra que empreendeu contra a Rússia, em 1812, usando 600.000 homens sob a denominação de "O grande exército" ou, em francês, "*Grande Armée*", foi um desastre total ao semideus Napoleão.

Morreram 350.000 homens e Napoleão nem se importou. Isto consta dos anais do Boletim nº 29, enviado à França, falando da destruição da *Grande Armée* que termina dizendo que "a saúde de sua majestade nunca foi melhor".

A primeira prisão de Napoleão foi na ilha de Elba. Talleyrand, um ex-general de napoleônico, queria destruir definitivamente o seu mito e em conluio com a Inglaterra e Áustria combinou a fuga do mesmo da ilha, pois queria a sua destruição total. Seus inimigos sabiam que a França estava arrasada econômica e militarmente. Napoleão caiu na cilada. Assim, ele perdeu a batalha de Waterloo e foi para outra prisão, mas desta vez muito distante e para sempre.

A batalha de *Waterloo*, que decretou o fim de Napoleão, poderia ter ocorrido em qualquer lugar.

Em outubro de 1815, Napoleão desembarcou na Ilha de Santa Helena, onde escreveu as suas memórias e morreu de câncer no estômago, em 5 de maio de 1821, com 51 anos de idade.

274

Análise recente, feita em fios de cabelo de Napoleão, concluiu que o mesmo foi envenenado lentamente, com arsênico, por um nobre francês, que se auto exilara com o mesmo.

Os maiores feitos de Napoleão não são as suas obras militares, mas a reforma educacional e judiciária (Código Napoleônico) que impôs à França.

Não tinha idéia de criar o "*Mercado Comum Europeu*", como falam os seus adeptos. Napoleão queria o domínio da França sobre toda a Europa. "*A França vem antes de qualquer coisa*", dizia.

Reservou 25% do orçamento para as escolas públicas. Mandou construir escolas em todas as aldeias da França, custeadas pelo Estado. Ratificou a distribuição de parte das terras feitas pela Revolução Francesa. Construiu estradas, pontes e portos com objetivos militares, mas que serviram também à população.

O que será que acontece com homens como Napoleão, Alexandre, o Grande, Júlio César e Hitler? Parece que, em dado momento, eles passam a acreditar que são um deus ou semideus. Até o próprio Napoleão acreditava que era um predestinado e foi daí que começou a fazer um monte de besteiras e não consultava mais ninguém.

A idéia de o homem considerar-se Deus começou com a serpente, convencendo Eva de que ao comer do fruto proibido, os seus olhos se abririam e eles *seriam como Deus*, conhecendo o bem e o mal.

275

## CROMWELL

Quase ninguém sabe, mas a Inglaterra já foi uma República, no período de 1649 a 1660, graças a Cromwell.

277

*Oliver Cromwell* (1599-1658) era filho de um cervejeiro e neto do Thomas Cromwell, que trabalhou com o rei da Inglaterra, Henrique VIII, ajudando-o a penhorar e tomar todas as terras da igreja católica que estavam no país. Devido a sua extrema colaboração, recebeu o título de Conde Thomas Cromwell.

O jovem Oliver Cromwell era totalmente desregrado, gostando de esportes violentos. De repente, aos 21 anos de idade, vira um calvinista ortodoxo e se casa com a filha de um rico comerciante, que levou um grande dote.

Antes de Cromwell entrar na política, James I (1603-1625) era rei na Inglaterra e os ingleses acreditavam que os reis tinham a sua autoridade ligada diretamente de Deus e somente a ele deveria prestar satisfação.

James I era um visionário. Queria unir a Inglaterra e a Escócia. Era protestante.

Quando, em visita à Inglaterra, vi o palácio de Buckingham que era talvez o mais bonito do país. Soube pela guia inglesa que Buckingham era o amante do rei James I. Demos risada quando ouvimos isto, mas em 1618 a paixão homossexual de James I por um jovem de sangue que não era azul chegou ao ponto de elevá-lo à categoria de Duque. Assim, o sr. George Villiers passou a ser o Duque de Buckingham e foi assassinado em 1628.

A imagem do rei James I estava superdesgastada devido aos seus escândalos sexuais.

O filho de James I, foi Charles I, que reinou na Inglaterra de 1625 a 1649. Este Charles I é que foi decapitado pelo Parlamento Inglês.

278 Em 1628, Cromwell foi eleito deputado, iniciando a carreira política no Parlamento Inglês.

As razões da queda de Charles I são muito discutidas, pois, a vida da população estava boa e Londres tinha, em 1650, cerca de 500 mil habitantes.

As causas da guerra são bastante complicadas, mas a principal sem dúvida é a questão religiosa. Dois amigos ineptos do rei, como Thomas Wentworth e William Laud, fizeram tantas besteiras na parte econômica e religiosa, que foram condenados por alta traição pelo Parlamento e Charles I foi obrigado a puni-los. Depois, o rei mandou prender cinco membros do Parlamento, mas não foram entregues e começou então a guerra civil (janeiro de 1642).

Charles I precisava de dinheiro e queria invadir a Escócia. Foi acusado de pedir ajuda à Espanha, à Irlanda católica e ao papado. A esposa do rei Charles I era a católica Henrietta Maria, filha do rei da França.

Cromwell, junto com outro membro do parlamento, John Pym, fizeram as revoluções do parlamento contra o rei. Havia dois grandes grupos. Os parlamentares puritanos e presbiterianos, que eram chamados “os cabeças redondas”, e os partidários do rei, chamados de “os cavalheiros”.

Acabaram, legalmente, julgando o rei Charles I por traição, sendo o mesmo decapitado em praça pública.

Cromwell, de militar amador, tal como Júlio César, acabou virando um soldado de gênio impressionante e se assenhoreou da revolução.

Alguns historiadores consideram Cromwell parecido com Júlio César também em outros aspectos. Ambos eram oportunistas e autocratas. Pregavam a tolerância e eram intolerantes. Cromwell julgava-se um escolhido por Deus. Contava que quando criança entrou no seu quarto um fantasma informando-lhe que tinha um grande futuro.

No filme, vê-se claramente que o rei Charles I dizia que só prestava satisfação a Deus e não aos homens na terra. Naquela época as famílias reais se casavam uns com os outros e todos se julgavam de ascendência divina. Julgavam-se deuses e isto se pode ver nos seus tronos e suas pinturas.

Existem vários filósofos que sempre alegaram que o rei tinha autoridade direta de Deus. O filósofo inglês John Locke mostrou, mais tarde, que tudo isto é falso conforme o livro “Segundo Tratado sobre o governo”. O poder político nasce de um pacto entre os homens.

Durante os primeiros anos, após a decapitação do rei Charles I, em 30 de janeiro de 1649, uma parte do Parlamento dirigiu a Inglaterra, mas chegou a hora que Cromwell com seu exército dissolveu o Parlamento e tornou-se um tirano com o

nome de *Lord Protetor*, no período de dezembro de 1653 até sua morte, em setembro de 1658. Consta que quando o Parlamento Inglês foi fechado, em 20 de abril de 1653, alguém pendurou nas portas um cartaz dizendo: "Casa para alugar".

Cromwell implantou a república à força na Inglaterra.

As coisas interessantes da história são estas. Cromwell é considerado o maior parlamentar da Inglaterra até o século XVIII, justamente ele que fechou o parlamento é homenageado com estátua em frente ao *Westminster Hall*, cujos portos ele trancou e lacrou.

Cromwell colocou chefes gerais em várias regiões da Inglaterra e, com seu exército, mandava e desmandava. Prendia quem quisesse sem nenhum julgamento. Fazia leis, impostos e taxas.

Conquistou a Escócia e a Irlanda. Na Irlanda, Cromwell, em nome de Deus, matou, deportou e vendeu como escravos tanta gente, que foi obrigado a mandar muitos ingleses para repovoar certas regiões da Irlanda.

Cromwell era tão violento que, ironicamente, os ingleses lhe ofereceram a coroa de rei. Se ele aceitasse teria que obedecer as leis inglesas, pois, como tirano, não as obedecia. No filme que assisti, parece comovente a atitude de Cromwell de não aceitar ser rei. Ele era bem esperto.

Quando ele morreu, os seus generais brigaram entre si pela disputa do poder, e o filho de Cromwell não teve condições de exercer o controle que seu pai tinha.

Após um ano e meio de guerras internas, o General Monck achou que bastava de brigas e chamou de volta da França o filho do rei Charles I, que era Charles II (1660-1685).

Quando o rei Charles II chegou à Inglaterra, desenterrou Oliver Cromwell, enforcou-o, queimou-o e jogou as cinzas no rio, o mesmo fazendo com todos os seus seguidores mais importantes.

Oliver Cromwell introduziu tantas modificações na Inglaterra que nunca mais ela seria a mesma. Nem mesmo Charles II conseguiria mudar o que Cromwell tinha introduzido naquele país.

Segundo alguns autores, Cromwell é que elevou a Inglaterra como potência mundial.

## HENRIQUE VIII

Minha mãe, uma italiana católica fervorosa desde criança, sempre me falava que um rei chamado Henrique VIII (1491-1547) da Inglaterra, queria se divorciar e, como a igreja católica não permitiu, fundou a Igreja Anglicana e se fez o papa da mesma. Casou-se seis vezes.

Tudo era verdade, mas faltavam ainda muitas coisas, como por exemplo: que 2/3 das melhores terras da Inglaterra pertenciam à igreja católica e de que os ingleses estavam cansados dos católicos.

Historicamente, o que aconteceu foi o seguinte:

Henrique VIII governou a Inglaterra de 1509 a 1547. Com 18 anos, foi coroado rei e casou com Cristina de Aragão, viúva do irmão, com a bênção do Papa.

Henrique VIII queria ter um filho homem e como a igreja católica não permitia o divórcio, rompeu com o Papado e aprovou várias leis no Parlamento Inglês assumindo assim a chefia da Igreja.

Desta maneira, Henrique VIII foi casando com Ana Bolena, Jane Seymour, Ana de Clèves, Catherine Howard e Catherine Parr.

O interessante é que desde que o imperador romano Constantino tornou a religião católica oficial, os ingleses sempre a criticaram.

Thomas Hobbes (1588-1679) cita que quando da implantação da religião cristã no império Romano, os sacerdotes de então estavam totalmente desmoralizados, devido à corrupção, impurezas e avaréza. O mesmo aconteceu com a religião da Igreja de Roma. Acabou facilmente.

Havia um ressentimento total contra os bispos católicos em toda a Inglaterra. Henrique VIII contou com isto e com o apoio dos bispos católicos, para se separar de Roma. Criou a Igreja Anglicana e ele mesmo seria o papa da sua igreja.

Depois, muito habilidosamente, fez um recenseamento de todas as terras da igreja católica usando o conselheiro Thomas Cromwell, que não deve ser confundido com Oliver Cromwell (1599-1658).

Foram contadas 1.593 terras da igreja católica na Inglaterra, sua área, seu custo e rendimento anual. Com estes dados Henrique VIII deu 69 terras para seus amigos, que se tornaram seus fortes aliados e 1.513 (95,6%) vendeu a preço de mercado para arrecadar fundos para o governo que estava quebrado.

Ficaram para o governo inglês somente 11 terras da Igreja Católica. Não devemos esquecer que, naquele tempo, as terras eram o melhor investimento que existia.

Mais tarde, Thomas Cromwell foi morto também por Henrique VIII.

Henrique VIII, para contentar o povo, consentiu em que as igrejas católicas fossem saqueadas dos metais, jóias, bibliotecas, esculturas e obras de arte.

Sempre no mundo, as atitudes dos homens e das nações precisam de um apoio filosófico. Henrique VIII inventou um rei que nunca existiu. Era o rei inglês Lucius I, que era católico e do tempo do Imperador romano Constantino. Disse que havia um documento em que o rei Lucius I teria escrito ao papa Eleutherus, pedindo informação de como transmitir as leis de Roma, e o papa tinha respondido que ele não precisava de nenhuma lei romana. Bastava usar as leis britânicas. Esta foi a base legal de Henrique VIII, o resto era o dinheiro da igreja católica e desejo da continuação da dinastia Tudor e de ter um filho homem.

Na época de Henrique VIII, a bíblia estava escrita em latim e somente os letrados podiam lê-la. Não havia a bíblia escrita em inglês, pois, somente as pessoas superiores podiam interpretá-la e era um perigo para os pobres lerem a bíblia. Fizeram para isto um livro especial chamado Livro de Orações.

Mesmo assim os livros sobre Lutero iam para todas as escolas.

Thomas Moore (1477- 1535) chegou a ser membro do Parlamento e Chanceler do rei Henrique VIII, mas, condenou o divórcio do rei, foi preso e decapitado em 1535. Moore estivera na Itália, em Florenza, onde teve contatos com os neoplatonistas Marsílio Ficino e Pico Della Mirandola.

Thomas Moore escreveu, em 1516, o livro "Utopia", que é uma sátira em que cria uma república imaginária em uma ilha remota, em que todos são felizes e não há perseguição

religiosa e tampouco desequilíbrios sociais. A ilha é do tamanho da Inglaterra, um lugar onde todos são felizes, não há desemprego e não há dinheiro. Alguns consideram o livro "Utopia" uma idéia socialista.

Thomaz Moore foi também um intolerante. Condenou a tradução da bíblia para o inglês feita por Tyndale e condenava a todos os homens o direito do exame livre das Sagradas Escrituras, sustentando ainda que a igreja tinha origem divina.

Em 1935, Thomaz Moore foi canonizado pela Igreja Católica como Santo.

A filha de Henrique VIII com Ana Bolena, que nasceu em 7 de setembro de 1533, foi mais tarde Elisabete I, muito importante na história da Inglaterra.

286

A verdadeira história é sempre mais interessante.

## OS TEMPLÁRIOS EM PORTUGAL

Entendi um pouco a atuação dos templários em Portugal após visita ao Castelo dos Templários, localizado na cidade de Tomar e lendo a respeito.

287

Como todos sabem, os cavaleiros que protegiam as cruzadas eram os *Templários*, cuja Ordem foi criada em 1118, em Jerusalém, pelos cavaleiros franceses *Huges de Payns e Geofroy de Sant-Omer*. Como ficavam ao lado do antigo templo de Salomão, receberam o nome de Cavaleiros do Templo e, depois simplesmente Templários.

Os templários em Portugal ocupavam a região entre o rio Tejo e o rio Mondego, com castelos em Tomar, Pombal, Almourol e outros. Em 1319, os templários passaram a ter outro nome, ou seja, Ordem de Cristo, quando era rei D. Dinis.

Semelhantemente aos templários existiram também a Ordem dos Hospitalários, a Ordem de Calatrava e a Ordem de Santiago.

A *Ordem dos Hospitalários* foi fundada logo depois da primeira cruzada (1096-1099). Em Portugal, estavam na zona

do Alto Alentejo, como os castelos de Belver e do Crato. Mais tarde teve a denominação de Ordem de Malta. O contestável Nuno Álvares Pereira era filho do prior dos Hospitalários.

A *Ordem de Calatrava* foi fundada em 1158 por Raimundo de Fitero e recebeu, no ano 1211, a doação da Vila de Aviz, feita por D. Afonso II. A sua ação militar era também nas áreas alentejanas. A Ordem de Calatrava mudou de nome para Ordem de Aviz. D. João I era grão-mestre da Ordem de Aviz e, daí a sua geração ser denominada de Aviz.

A *Ordem de Santiago* foi criada, em 1170, por D. Fernando II, rei de Leão. Situava-se ao sul do rio Tejo e são os castelos de Alama, Palmela, Mértola, Tavira e outros.

Com a conquista do Algarve, região sul de Portugal, em 1250, acabou a função das ordens militares em Portugal, mas, mesmo assim, elas continuaram até 1834.

Vamos detalhar um pouco mais sobre os Templários, que são os mais conhecidos.

As ordens construíram inúmeros castelos e lutaram, bravamente, contra os mouros e portanto tinham apoio total da população, dos grandes proprietários de terras e dos reis de Portugal.

Uma grande fortaleza dos templários em Portugal, sem dúvida, é a Fortaleza de Tomar com sua Charola, cuja construção teve início em 1 de março de 1160, por D. Gualdim Pais.

Dentro do Castelo também havia o aproveitamento de águas pluviais. Os tanques das águas de chuvas tinham 6,10m de altura em dois reservatórios, sendo o primeiro com 11,30m x 3,12m com 215m<sup>3</sup> e o segundo com 7,9m x 3m com 145m<sup>3</sup>. Havia no total, 360m<sup>3</sup> de reserva de água de chuva. No local se pode ver, claramente, por onde entravam as águas de chuva

que eram encaminhadas às cisternas. Estão junto a uma torre construída em pedras, denominada de Alçaçova.

Existe ainda resto de um aqueduto construído em pedras, cuja construção concluiu-se em 1613 e que abastecia o Castelo, terminando num tanque do jardim.

Na fortaleza dos templários de Tomar, os cavaleiros defenderam tão bem Portugal dos mouros, que receberam direito de construir mais fortalezas.

Em 13 de outubro de 1307, o rei da França, Felipe, o Belo, juntamente com o papa Clemente V, prenderam os cavaleiros templários e queimaram, em praça pública, o grão-mestre Jacques de Molay, em 1314.

Dizem as lendas que Jacques de Molay, quando estava na estaca da fogueira disse, mais ou menos, o seguinte: o julgamento que me fizeram é falso. O verdadeiro julgamento será feito daqui a um ano na presença de Deus. Ninguém, realmente, sabe se isto é verdade ou não, mas, um ano depois estavam mortos Felipe, o Belo, e o papa Clemente V, pois, os templários além de hábeis guerreiros, eram peritos na arte do envenenamento.

O rei Felipe, o Belo, não conseguiu pegar a fortuna dos templários, pois, a mesma já tinha sido enviada a quatro lugares: Portugal, Espanha, Escócia e Alemanha. Na Escócia, os templários, juntamente com o primeiro rei Roberto Bruce (aquele do filme *Coração Valente*), fundaram a primeira loja maçônica na Escócia.

O papa Clemente V queria extinguir os templários em Portugal e na Espanha, mas, o rei português D. Dinis, uniu-se ao rei de Espanha e declararam inocentes todos os templários nos dois países.

O rei D. Dinis, muito habilmente, conseguiu enganar juridicamente o papa, dizendo que os bens dos templários eram da coroa portuguesa e, desta maneira, conseguiu em 14 de março de 1319, que o papa João XXII pela bula *Ad ea exquibus* estabelecesse a nova ordem denominada: ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é conhecida como *Ordem de Cristo*.

Dentro da Fortaleza de Tomar está uma grande capela chamada Rotunda ou Charola, com uma planta em forma circular com uma cúpula, tendo internamente 16 faces e no meio a forma de prisma octogonal. Era ali que, anualmente, os cavaleiros templários se reuniam

D. Henrique, o navegador, filho de D. João I, foi nomeado pelo Papa, em 1420, governador e administrador da *Ordem de Cristo*.

290

Era na Charola que se reuniam o grão-mestre D. Henrique, o navegador, e foi neste local que Pedro Álvares Cabral recebeu a *Ordem de Cristo*, quando retornou da sua viagem ao Brasil e às Índias, no dia 7 de dezembro de 1503, em reunião presidida pelo rei D. Manuel I.

O apogeu da Ordem de Cristo foi em 1495, com D. Manuel, o venturoso, quando foi aclamado rei de Portugal.

As caravelas que chegaram ao Brasil tinham uma cruz alargada nas pontas. Era o símbolo dos templários: fundo branco com cruz vermelha, chamada a *Cruz de Cristo*. Praticamente toda a navegação portuguesa e conquistas foram financiadas pelos templários, daí a importância dos mesmos.

Quando Pedro Álvares Cabral recebeu a Ordem de Cristo, isto lhe garantia anualmente um valor substancial em dinheiro que, com sua morte, passaria a sua esposa. O recebimento da Ordem de Cristo significa também a

aposentadoria. Assim aconteceu com o Marquês de Pombal, após a morte do rei D. José I: assumiu D. Maria I, a louca, que imediatamente lhe concedeu a Ordem de Cristo, o que significava que o mesmo estava fora do governo.

Em 1580, quando Portugal passa a ser governado pela Espanha, após a morte do rei português D. Sebastião, o rei Felipe II da Espanha é coroado rei de Portugal com o nome de Felipe I, justamente em Tomar no Castelo e Convento dos Templários.

Quando as tropas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal, foram até a Fortaleza dos Templários, em 1810, e a mesma foi abandonada.

291

João Ranali

## FAÇAM AS MÃOS O QUE O CORAÇÃO PROMETE

Moisés Zumbraide, homem da mais pura estirpe árabe, de aspecto severo e dado a amizades sinceras, tinha profundo apego aos costumes ancestrais. Extasiava-se com a visão de mulheres bonitas, de rostos macios e sensuais. Principalmente quando esses rostos, na sua conformação, assemelhavam-se às frutas de aspectos luxuriosos.

Tornou-se hábito consagrado entre os agarenos ajaezar o peitoral das montarias com atavios de prata quando, errantes pelos desertos, empenham-se em longas travessias, de arenosas jornadas.

Por sensibilidade atávica, os que descendem deles, transportaram tais costumes para o trato com as mulheres, manifestando o seu apreço enchendo-as de colares, braceletes e anéis.

Gosto pelo reluzente e precioso.

O que levou Moisés a instalar-se em rua predileta dos ricos, com uma deslumbrante joalheria. Calcava nos preços quando a compulsividade das compradoras, num tagarelar

exibicionista, punha a nu o predomínio econômico de certas personalidades bem posicionadas no mundo das finanças, o que o levou a adotar este artifício mercantil: mulher legítima ou concubina de homem rico paga mais pelo que compra. Ardil que sempre dava certo. Satisfeita em sua vaidade, emite de pronto o cheque, pouco importando o valor. Além do mais, era labioso, dono de agradável conversa de convencimento, empurrando para a clientela de rara frequência na loja o ruim pelo bom, razão maior dos seus fabulosos lucros.

Contudo, a sua fortuna verdadeira, indisponível, não estava nas mostras do seu afamado estabelecimento comercial, mas no que tinha armazenado na pomposa residência que mantinha em bairro nobre. Sua casa rivalizava em ostentação com as dos magnatas da indústria e poderosos donos de terras: uma rica coleção de objetos de arte e jóias encastoadas com pedras preciosas. Esse o seu real orgulho de solteirão inveterado. Não por misoginia, mas pelo receio de que, um dia, fígado pelas tretas do amor, tivesse de partilhar com a mulher o aurífero patrimônio que amava com descomunal apego. Avesso às mulheres nunca fora. Casar não era com ele. Amar, porém, era-lhe indispensável. Fundamental até. Não o amor que prende pelos grilhões do matrimônio. Nos intervalos concedidos pelos meses de afanosa atividade, fazia uma pausa na azáfama de hábil mercador, missão que deixava gerenciada por elemento de total confiança. E a residência protegida por guardas fidedignos. Com tamanha tranqüilidade mandava-se para o exterior para dar vasão à libido represada, nas casas noturnas mais afamadas onde o mulhierio febricitava em desbragadas orgias. Mas, nada fazia-o esvaír-se em gozo como a visão proporcionada pelas relíquias adquiridas nos mercados mais exóticos do mundo. A simples inspecção diária a esses guardados fazia-o explodir em

manifestações orgásticas, como se estivesse a farandolar em festim licencioso. Extasiava-se em observá-los com olhos banhados numa mescla de cupidez e somiticaria. Tal como um sultão em visita ao harém, comparava cada jóia nova enxertada na grandiosidade do seu tesouro a velhas e prediletas amantes que lhe regalavam o coração de saudade. Embevecido nessa adorável contemplação, passava os melhores momentos das noites mal dormidas, fenômeno comum aos que se apegam aos seus haveres, receioso de que alguém possa empalmá-lo e dilapidá-lo.

Em oposição a esse aferro às peças luxuosas e de vultosos desembolsos, Moisés exercitava a filantropia, fazendo-se generoso, contribuindo para a manutenção de casas de caridade. E, na festa maior da cristandade voltava-se, sem mãos a medir, para os pobres.

Deista a seu jeito, ora apelava para o Jesus dos cristãos, ora para o Maomé dos muçulmanos, na busca de proteção para os seus negócios.

Foi exatamente num instante de prosperidade que lhe veio à mente a idéia de, em todos os anos, por ocasião do período natalino, socorrer os que passavam fome com provisões, e às molambentas e descalças criancinhas com brinquedos e calçados. Promessa que cumpria com veemente religiosidade e largueza de coração. Maneira simplória de penitenciar-se do pecado de entesourar tamanha fortuna, nem sempre com procedimentos ortodoxos, numa sociedade desigual onde milhares passavam fome e frio.

Chegara o Natal.

Num involuntário desvio de comportamento, absorto com os seus afazeres, Moisés esquecera-se de distribuir os favores costumeiros aos necessitados.

Sem atinar porque, sozinho em sua casa, na véspera do dia consagrado aos festejos da natividade do doce Rabino da Galiléia, entrou em torpor. Nada o satisfazia. Algo de incorreto atazanava-lhe a consciência. Sequer o relancear os olhos cansados pelas vitrines que guardavam as obras filigranadas no mais puro ouro, aplacava-lhe a inércia da solidão. O que estaria acontecendo? Ferira alguém, sem se dar conta, com termos chulos ou propósitos insólitos?

Buscou refúgio em alguns cálices dos mais deliciosos vinhos e licores que lhe abasteciam a adega. Até que, tomado por uma ebriedade que tornava fugidios os maus pensamentos, olhos enevoados como se neles tivessem atirado areia, estirou-se no primeiro sofá que os pés trôpegos conseguiram alcançar, e dormiu profundamente.

298

Momento propício para a ação dos malfeitores que vivem do que o alheio pilham na sua incontida faina delinqüencial. Ao ser acordado por um prestativo empregado, negou-se em aceitar o jejum que lhe fora oferecido. O estômago mostrava-se refratário à recepção de alimentos. A boca amargava. Ressaca? Não, pois não bebera o suficiente para chegar àquela tamanha indisposição.

O prenúncio de um castigo por não haver cumprido o dever caritativo para com os desvalidos da sorte, como prometera e costumeiramente fazia, assustava-o. Penitenciou-se jurando redimir-se da ímpia falta que lhe acachapava o coração.

Nesse estado de desalento, passos lentos, envolvido em vistoso chambre e os pés guarnecidos por macias chinelas, dirigiu-se à sala onde reluziam as jóias da sua estima e encantamento.

Algo de fantasmagórico toldou-lhe a visão. Boca aberta, por mais que se esforçasse, não conseguia articular palavra. Visão

e fala comprometidas pela súbita alteração dos batimentos cardíacos. De uma das vitrines haviam roubado peças das mais valiosas e fáceis de serem transportadas. Sucumbiu, por um momento, ao desgosto da perda.

Passou o dia isolado em sua casa, entediado, inoperante, inapetente. Uma sensação de vazio dominava-lhe a alma. Até então, lastreado em sua exuberante coleção de ourivesaria e pedraria, julgava-se um onipotente senhor de todas as coisas. Assentado no pedestal dos bens que pareciam inexauríveis e, além do mais, garantidos por uma vigilância difícil de burlar. Percebeu, num relance, mísero mortal, que tudo se ganha e se perde nesta vida, e até esta, quando se é chamado ao portal da Eternidade para a prestação da conta dos nossos atos.

Conturbado pelas considerações que a pilhagem sofrida obrigava-o a admitir, no dia seguinte ao do Natal, com a cabeça a zonzear em caraminholas e fantasias, lá se foi o Moisés rumo ao centro da cidade, para a faina diária. Ficar em casa curtindo a amargura que o oprimia parecia-lhe solução inadequada. Sabia que o movimento seria insignificante, dispensando-lhe a presença. As compras mais lucrativas, garantidoras de pingues lucros, haviam sido feitas com a devida antecedência, pelos fregueses mais abonados. Preferível assistir à evasão momentânea da clientela, a permanecer zarzeando na sua mansão, num amarfanhar da desventura do roubo que tanto o desfalcara, sem contudo empobrecê-lo. E também não o apoquentaria o remorso de não haver cumprido a promessa de assistir aos seus pobres no Natal.

299

Com disfarçado azedume, cumprimentou os funcionários que encontrou a postos. Sorumbático, recolheu-se ao escritório num encafuar que dispensava conversas e interrupções.

Repentinamente, foi despertado do ensimesmar que o prostrava, por um balconista que anunciava a presença de um cavalheiro na loja querendo desfazer-se de algumas preciosidades. E aventou:

– Vale a pena atendê-lo, seu Moisés.

Vislumbrando a possibilidade de um bom negócio, ascendeu ao chamamento. Talvez encontrasse, para consolo seu, alguém mais infortunado do que ele, querendo dispor de pertences havidos por herança ou por necessidade imposta por uma eventual abertura econômica.

Num rápido e mesurado cumprimento, dirigiu-se ao pretenso vendedor que se apressou em mostrar os seus pertences. Quando despejou sobre o balcão o conteúdo encerrado num lustroso saco de veludo preto, a fisionomia do Moisés, por mais que fizesse por disfarçar, alterou-se. Cenho contraído, aletas dilatadas por um respirar ofegante, olhos esgazeados ante a visão do vasto material apresentado, deu-se conta de que, as jóias que luziam sobre o vidro da vitrine, eram as mesmas que haviam surripiado da sua mansão, na noite santa do nascimento do Menino Jesus.

Refez-se de pronto. Alegando necessitar de uma lupa para melhor aquilatar da qualidade das peças postas à venda, numa dissimulada polidez, pediu licença para retornar ao escritório. Sem perda de tempo, telefonou para a polícia. Retornou recomposto prelibando a prisão do meliante e a reinserção do que lhe havia sido roubado à deslumbrante coleção amealhada por anos a fio. De transfigurado quando da exibição das jóias, tornou-se amável, desfazendo-se em elogios às peças que reluziam, exaltando-lhes a perfectibilidade da confecção. Urgia ganhar tempo até a chegada das autoridades responsáveis pela prisão do assaltante. Devia ser homem perigoso, conjecturou,

e hábil ao extremo, pois burlara um forte esquema de segurança e larapiara com sagacidade o seu tesouro, escolhendo o que de melhor havia.

Eis que chegam os agentes da lei. Sentindo-se com as costas quentes, Moisés, de tímido, tornou-se um valentão. Dirigindo-se ao gatuno, num rompante que tinha tanto de vitorioso como de vingativo, gritou num assomo incontido:

– Seu sem vergonha, essas jóias me pertencem. Você as roubou da minha casa na noite do Natal.

E o ratoneiro, para quem as práticas cristãs eram de pouca valia, característica dos larápios, limitou-se a responder:

– Seu Moisés, o senhor estragou o meu Natal.

Enquanto o delinqüente, já algemado, era levado para o camburão, o rico joalheiro, feliz com a recuperação das suas preciosidades, meteu os olhos no céu e, numa auto-recriminação, por haver faltado ao compromisso de ajudar os pobres, como se obrigara a fazer, murmurou:

– Seu Moisés, seu Moisés, quem não cumpre o que a Deus prometeu, entrega a alma ao Diabo.

## PIOR A EMENDA...

Vivia só. Sentia-se abandonada, sempre à procura de alguém que lhe fosse solícito e amigo. Por companhia, apenas o infortúnio. Nada, nesta vida de pedras, percalços e ilusões, dava certo para ela. A tristeza, como seresma de infindas maldades, parecia eternizar-se em desalentadora morada, na alma de Mafalda. Filha de próspero serralheiro, vivia de lá para cá, numa imutável ocupação doméstica depois que lhe faltaram os carinhos maternos, ao partir para a eternidade aquela que a botara no mundo, após um parto mal sucedido.

Com o pai não podia contar porque os negócios mantinham-no distante do lar, somente fazendo-se presente nas horas das refeições e à noite.

Vencidos os primeiros anos de uma infância sem encantos, sob os cuidados broncos do pai que ignorava as transformações da filha que, de menina em moça se tornava, Mafalda era uma espécie de jóia de fino labor, guardada em avaro escrínio, onde ninguém a via nem lhe desfrutava a formosura. A monotonia da casa que lhe incumbia dirigir era

uma afronta, senão um desperdício, aos anseios de amor que lhe punham o peito em permanente convulsão. Conscientizada de que tinha direito à felicidade, procurava auto-produzir-se numa adequação à vaidade feminina, não aquela vaidade que Machado de Assis considera “um princípio de corrupção”, mas a que despontava com o avanço dos primores do seu corpo que ganhava formas de mulher.

Carnes rígidas; rosto aberto para a vida como um botão de rosa recém desabrochado; cabelos loiros caindo-lhe pelas espáduas num derrame dourado de brilho triginal; narizinho levemente arrebicado num atrevido desafio; boca de um nacarado natural, sem qualquer cosmético como artifício, parecia uma nacela convidando apaixonados para uma viagem venturosa de indizíveis delírios. Era, enfim, uma deusa de fazer inveja às decantadas musas mitológicas. Tudo, em Mafalda, contrastava com a rudeza paterna embrutecida pela faina profissional a que se dedicava. A exuberância dos seus seios empinados punha lenha na concupiscência dos que a miravam. Promessa de apascentados prazeres. Dando-se conta de que o seu corpo despertara para o amor, a menina outrora triste, transformara-se numa jovem cantarolante, como um pássaro que rompera as varolas da gaiola que a aprisionavam, para ganhar a amplidão do firmamento, numa liberdade sem grilhões.

Por causa da atração que Mafalda passou a inspirar, o bar fronteiro à serralheria do genitor tornou-se freqüentado por homens interessados na graça concessiva de um sorriso ou de um aceno de aceitação. Viu-se por muitos mimoseada, galanteada e pretendida. E Mafalda nem aí para essas preferências. O pai, sempre zeloso pela sorte da filha, caso viesse ele um dia a faltar, e para que não ficasse a sua “menina”

desarvorada neste mundo tenebroso, a exaltar as virtudes deste e aquele. Mafalda, a todos os pretendentes dava de ombros, manifestando o seu desagrado. É que a filha do serralheiro não encontrara, ainda, o seu caminho, fadário que haveria de subjugar-la, com urzes e deleites, para todo o sempre. Era surda às súplicas do pai, que alertava-a para a escolha de um bom marido:

– Filha, atenta para o doutor Alonso que se demora no bar, num consumir de cervejas, só para por os olhos sobre ti. É homem de letras, de futuro e bem apanhado.

E ela, a demonstrar desinteresse:

– Não é do meu agrado.

Essa mesma e reiterada determinação tornava-a insensível à corte do contador Zenóbio, do escriturário Benjamim, do sitiante Constantino e de um magote de gente qualificada e já com o seu quinhão amealhado para tornar ditosa qualquer mulher. Doía ao velho artesão ver a garridice da filha esvair-se no desdém por todos os que lhe recamavam os pés com promessas e amores. Acabrunhava-o ver os dias passarem e a sua “menina” a empacar como uma azêmula teimosa, a descambar para um solipismo pernicioso e inútil. Mafalda afagava-o, quando assim prostrado, dizendo-lhe que o homem do seu querer haveria de chegar no devido tempo. Que ficasse descansado porque ela não entraria no rol das solteironas e tão pouco seria candidata a uma cela conventual. Dentre todos os freqüentadores do bar fronteiro à sua casa, o velho serralheiro só tinha olhos para os mais apresentáveis e com currículos enricados de qualidades e boa fortuna.

Preferências que lhe tolham as faculdades cognitivas, a ponto de não perceber a presença de um jovem magriço, de

pálidas feições, bigodinho bem aparado a servir de base a um nariz fino e alongado. Pouco variava no trajar. Aparecia, quase sempre, envergando duas peças modeladas no clássico saia e blusa (paletó de uma cor e calça de outra). Gravata não usava.

Manhosamente foi-se enfronhando dos hábitos de Mafalda. Jovem sorrateiro e ousado, enquanto o velho serralheiro entretinha-se com a freguesia, esgueirando-se na escuridão, encontrava-se com Mafalda, num depósito sem serventia. Lugar ao qual ninguém tinha acesso, propício à uma entrega frenética. Primeiro, longos beijos. Depois, o deslizar de mãos pelas partes mais íntimas dos corpos, numa recíproca troca de carícias. Amassos que não quebravam a percepção de Mafalda para o horário do encerramento das atividades paternas. Recompunha-se e retornava à casa, feliz com o seu viver, satisfeita nos seus desejos. Fechado o estabelecimento, Mafalda preparava um chá reconfortante, do gosto do velho pai.

Agrado preparatório para uma confissão que, de há muito, desejava fazer: podia ele despreocupar-se pois já encontrara o seu amor. E fez a revelação: chamava-se Policarpo, um moço sem posses, com profissão pouco representativa – era um modesto segurança de banco. Vivia só, com a mãe, em casinhola desconfortável, na entrada de um beco. Pobre e desassistido pela sorte, mas era o homem que ela amava.

Como se alguém lhe tivesse metido um estilete no coração, o velho serralheiro sentiu uma dor profunda oprimir-lhe o peito. No seu amplo aprender pelos difíceis caminhos da vida, sabia ele que o amor contrariado faz verter lágrimas que podem transformar-se em oceano e até em fagulhas que proporcionam incêndios.

Com a cautela de um bom pai, foi conhecer o tugúrio habitado pelo Policarpo, o ambiente em que vivia e as suas

qualidades de cidadão. Se moço bom, com potencialidade de caráter aproveitável, porque a pobreza não é óbice à felicidade, não se oporia à escolha da filha, embora considerasse-a desastrosa. Retornou acachapado com o que viu e soube a respeito do pretendente à mão de Mafalda. Desesperava-se sem dizer palavra. Pareceu-lhe prudente colocar um paradeiro à infeliz escolha da filha.

Católico fervoroso, desses de freqüentar diariamente os ofícios religiosos, procurou o vigário da cidade, seu amigo e confidente. Narrou-lhe a desdita que lhe roía a alma. E combinou com o padre Conrado que ele passaria a visitá-lo com o propósito de mudar o rumo amoroso da “menina”.

Com paciência evangélica, o vigário, na missão piedosa que lhe fora solicitada, dia sim dia não, ao dobrar do último toque do sino, ia à casa do serralheiro. Passou a conviver com Mafalda. Ditava-lhe normas de vida. Falava sobre uniões matrimoniais que deviam obedecer a acertos de igualdade cultural e, quando não fosse possível, que houvesse, pelo menos, uma identidade entre os cônjuges. Abria-lhe os olhos para que desvendar pudesse os bons caminhos da existência, afastando-se dos elementos viciosos que nada contribuem para o êxito de uma vida em comum.

Pacientemente, foi obtendo resultados no seu aconselhamento. Mafalda já não era aquela criatura ansiosa para escapular para o depósito do fundo do quintal para encontrar-se com o até então escolhido para os favores dos seus carinhos. Quantas vezes, empolgada com a pregação do padre Conrado, deixou o Policarpo ansiando longas esperas, até que, desacorçoado batesse em retirada. Entrementes, Mafalda passou a encantar-se com as maneiras polidas do padre. Era jovem, simpático, bem falante, meigo no exprimir-se, convincente no

argumentar. Entre eles foi se estabelecendo uma certa intimidade, desatrelada da timidez e reservas iniciais. Mafalda não mais falava amiúde com o pai a respeito do seu interesse por Policarpo. Satisfeito com o plano que engendrara e prestes a surtir efeito, passou a deixar a sua muito amada Mafalda a sós com o padre Conrado. Era preciso colocar um paradeiro naquele despropositado amor da filha por um pobretão, além do mais sob o peso influente do meio em que vivia, na companhia molesta de drogados, ladrões e vagabundos. Até que, certo dia, na hora do café matinal, Mafalda deu, ao ansioso serralheiro, a ditosa notícia: desinteressara-se, de uma vez por todas, pelo pobre guarda de banco.

308

A gratidão do serralheiro não tinha limites. Aos domingos, após a Santa Missa, fazia do vigário o seu comensal obrigatório. Mafalda a esmerar-se no preparo dos pratos da predileção do padre Conrado e por ele devorados com avidez e elogios às mãos da prendada “menina” que fazia as honras da dona da casa. Servindo-o, Mafalda tratava-o sem a cerimônia inicial.

As mesuras devidas pela discipula ao mestre, sem que os olhos do serralheiro percebessem, passaram a dar lugar a louvores, mais galanteios do que reconhecimento pelo progresso moral alcançado pelas prédicas do vigário. E o bom serralheiro a escumar-se de júbilo.

Ao retirar-se, o padre não se limitava, agora, a um simples e furtivo aperto de mão, como gesto derradeiro de despedida, a sua pupila. Com ares aparentemente respeitosos, osculava-lhe as faces e quando o serralheiro estava ausente, atrevia-se a um forte abraço. Feliz como ninguém, o pai levantava as mãos para o Céu para agradecer o reencontro do bom caminho por parte da sua Mafalda. Rugas de preocupações não mais

vincavam-lhe o rosto. Desapareceram aqueles apertos no coração que tanto o oprimiam.

Num alvorecer de sol esplendoroso a brilhar num firmamento límpido de outono, o serralheiro, tartamudeando uma canção brejeira, dirigiu-se à copa para o costumeiro desjejum. Admirou-se ao ver que a mesa não estava posta. Dirigiu-se à cozinha. Estava deserta. O que teria acontecido à sua “menina”? Teria adormecido demasiadamente? Passos espertos, para amainar a aflição que o dominava, dirigiu-se ao quarto de Mafalda. A cama vazia e arrumadinha numa demonstração evidente de que nela ninguém dormira durante a noite. Quase ensandeceu com o inesperado daquela situação. Bem depressa, mais correndo do que andando, foi à casa paroquial à procura do seu grande amigo, o padre Conrado. Teriam sido inúteis as suas prédicas para afastar Mafalda do desprezível favelado? Esse o pensamento único a verum-lhe a cabeça.

309

Lá chegando, recepcionou-o o padre auxiliar. Soube, então, que o padre Conrado havia abandonado a batina e, numa demonstração de apreço para com o seu coadjutor, deixara uma carta explicativa da sua ausência. Largava de vez a vida sacerdotal para seguir, sem estola nem tonsura, o destino que a flecha de Cupido apontava: o de viver, sem vigarice, o seu grande amor por Mafalda. A partir de então, amargando a saudade que ficara, os olhos do velho serralheiro transformaram-se em duas bicas a verterem lágrimas sem parar.

## AO AMOR NÃO SE SOLTA A RÉDEA

Ubaldo tinha tudo para ser um bem sucedido na vida. Herdara do pai um opulento negócio, lastreado numa empresa especializada em demolição de prédios destinados a desaparecer pelo excesso de uso ou para a locação de novos empreendimentos. Como pagamento recebia, e dele podia dispor livremente, todo o material sobejante e aproveitável, que revendia aos necessitados de peças baratas para a construção de suas modestas casas. Casara-se com uma bela mulher, dessas de chamar a atenção pela lindeza das formas, graciosidade no andar que atraía os olhares concupiscentes pelo melódico subir e descer das ancas, ao compasso de rítmicas passadas. Os olhos azuis a prometerem um mundaréu de felicidade, num recamo de ternura e devoção. Seios fartos, túrgidos e receptivos, paradisíacos recantos onde, ao Ubaldo, aprazia recostar a cabeça cansada de tanto lidar com afazeres que lhe tornavam os dias fadigosos, quando, na quietude da alcova, antegozava prazeres e doçuras. Um sorriso sempre presente naquele rostinho de suave transparência afugentava a precocidade das rugas que, atrevidamente, ousassem sulcar-lhe as faces.

Foi irreprimível a atração que por ela sentira. Do namoro de poucos dias, com passagem por um breve noivado, ao casamento de retumbante repercussão social, foi um dá-cá-dá-lá de beijos e melífluas promessas de um amor eterno.

Estabilidade afetiva garantida pelo nascimento de uma linda menina, mistura física tanto do pai como da mãe, única peça faltante para compor o quadro daquele brando querer.

Ubaldo vivia embevecido com a existência que não conhecia percalços. Bem casado, jovem ainda, homem de bom cabedal, superambundavam-lhe tenacidade e argúcia, no dar continuidade aos negócios legados. Extasiado com o nascimento de uma linda menina, logo no primeiro ano de casado. Figura destacada no meio do seu relacionamento, sempre solicitado para as campanhas caritativas, às quais não refugava recursos. Conceituado no círculo empresarial. Requestrado nas reuniões sociais. Suas palavras sempre acatadas cortavam pela raiz as divergências que a floravam nas discussões mais calorosas. Era a imagem do homem perfeito. A vida transcorria-lhe num encadeamento de sucessos infindáveis. Todas as suas iniciativas terminavam em realizações profícuas. A ousadia no propor abria-lhe as portas da prosperidade.

No entremeio das reuniões, na associação diretora do comércio e da indústria da cidade, teve o ensejo de travar relações, não só de amizade, como de negócios, com um jovem de aparência agradável e forte respaldo econômico. Fez dele o seu sócio com planos de transformar a firma demolidora de prédios velhos em sólida construtora. Ao invés de derrubá-los, mais lucrativo seria erguê-los. Sócio que lhe inspirava total confiança. Ao Ubaldo que tudo tinha e conseguia, surgiu a oportunidade de ganhar o que mais anelava: um tempo maior para dedicá-lo inteiramente à família.

Transpirava alegria: riqueza no bolso e amor pleno no coração. O que mais podia desejar? Nada. A fada da fortuna encostara a varinha protetora nos seus ombros e esquecerara-se de retirá-la.

Nesse estado de deslumbramento, olvidou, o afortunado Ubaldo, que o sol, ao estender o manto dourado e calorífico sobre os homens, não faz distinção entre bons e maus, canalhas e decentes, sinceros e dissimulados, os de bons propósitos e os carregados de malévolas intenções.

Na exaltação de glórias e prazeres, instintivamente foi relegando a um segundo plano os desvelados zelos dos primeiros dias, para com a mulher e a filha.

Tal descuido tornou-o impermeável à presença cada vez maior do sócio nas recepções que oferecia na sua mansão. Era ele, na verdade, um tipo bem apanhado. Físico destacado pela elegância do porte. Hábil entretendedor dos convidados em cujo círculo ganhara notoriedade a sua galanteria. Narrador que se fazia notado por uma conversação calcada em fatos da atualidade, de interesse tanto para as damas que o ouviam embevecidas, como para os cavalheiros. Fascinava os que dele se aproximavam. Ao lado da mulher do Ubaldo e deste, mais dela do que dele, esmerava-se para que o brilhantismo, freqüente na casa do casal, não esmorecesse.

Se entre o sócio do Ubaldo e sua esposa prosperava uma pontinha de atração mútua, era coisa imperceptível, tal a habilidade no disfarce. Também, aos olhos de Ubaldo nada surgia de suspeito para colocar em dúvida a fidelidade daquela que era a detentora de toda a sua paixão. Ela, por seu turno, portava-se recatadamente, sempre apegada à vida do lar, desvelando-se em carinhos para com a filha, numa ternura maternal comovente. Jamais permitiu que os brilharecos sociais

sobrepujassem a obrigação de zelar pela menina e desvelar-se amorosamente para com o Ubaldo.

Mas, os caminhos que a Providência Divina traça para o andar dos homens oferecem veredas floridas e alegres, umas, fáceis de percorrer, e outras, repletas de espinhos que ferem e às vezes matam. A sabedoria do bom viver só não será obstaculizada se os passos consagrados de jornadas edificantes estribarem-se na prudência e no descarte da afoiteza.

Eis que, certo dia, a solução urgente de um negócio entabulado numa praça sulista exigiu de Ubaldo uma viagem sem duração agendada. Lá foi ele, conduzido pelo sócio, até o ponto de embarque. Acontece que, no fazer o que lhe competia, gastou menos tempo que o previsto. Desincumbiu-se com pleno êxito da obrigação que o levava a viajar.

314

O retorno acutilava-lhe a pressa. Ansiava para chegar aos braços da mulher e às carícias da filha. Já no amplo salão de desembarque mandou confeccionar um ramallete de rosas vermelhas, flores diletas da esposa. No Free Shop do aeroporto comprou uma boneca "Made in Italy" para a sua querida menina. Sobrecarregado pela maleta com objetos de uso pessoal e os presentes, chegou alvoroçado ao lar. Abriu a porta cuidadosamente. Queria fazer uma surpresa. Pé ante pé, foi direto para o quarto do casal. Empurrou levemente a porta. Estremeceu na soleira. Por alguns segundos permaneceu estático ante o espetáculo que os seus olhos nunca esperavam ver um dia: sobre a cama do casal, num desbragamento sexual, lá estava ela, a esposa tida e havida de uma fidelidade inabalável, e o sócio em quem depositava toda confiança, a traí-lo despidoradamente. Sem dizer palavra, sem esboçar qualquer gesto de repulsa, largou o ramallete de rosas vermelhas no tapete persa do vestíbulo, e dirigiu-se ao quarto da filha que dormia o

sono dos inocentes. Ubaldo parecia pisar nos cacos da felicidade destroçada de um casamento que, a ele e aos da sua intimidade, parecia não conhecer o amargor da finitude.

Resoluto, acordou a filha. Com o indicador da mão direita sobre os lábios, pediu-lhe silêncio. Esperou que ela se refizesse do abrupto despertar. Cobrindo-a de beijos, estreitou-a num abraço comovido. Agasalhou-a convenientemente e com ela partiu.

Como único resgate de um naufrágio cujas conseqüências estavam por vir, meteu-se no automóvel com as duas bonecas que lhe restavam: a filha querida e a de "biscuit" com que a presenteara e que ela apertava ao peito com caricioso apego. Estacionou à porta de um hotel cinco estrelas. Entregou a chave do automóvel ao manobrista para que o recolhesse. Pediu o melhor apartamento. Ao recolher-se com a filha, solicitou que o acordassem assim que o sol raiasse. Ainda encontrou ânimo para gracejar com a recepcionista. Soubera pelo noticiário de bordo do avião que o trouxera de volta, que o dia seria límpido e convidativo. E queria aproveitá-lo na companhia da filha. E recolheu-se aparentando uma calma insuspeitosa.

315

De manhã, o telefone de cabeceira tilintou, chamando-o como recomendara. Nenhuma voz como resposta. As horas passando e por mais que a recepção insistisse, o telefone a tocar sem ninguém para atendê-lo. Cientificada a gerência, foi determinado à camareira que abrisse a porta. Sem resultado porque a fechadura emperrara. Dava a impressão de que alguém, calculadamente, introduzira um objeto estranho para dificultar-lhe o funcionamento. Por mais que a camareira insistisse, a lingüeta não obedecia à rotação da chave.

Prevedendo o pior, a polícia foi chamada. Num piscar de olhos, uma viatura do Corpo de Bombeiros estacionava na porta

do hotel. Arrombada a porta, um insuportável e pestilento cheiro de gás, numa lufada impetuosa, ganhou os corredores do luxuoso hotel. O bico de gás do aquecedor do banheiro estava aberto e todas as fendas das portas e janelas, calculadamente calafetadas, davam a dimensão da tragédia. Sobre a imensa e luxuosa cama de mogno, o Ubaldo, abraçado à filha e a filha abraçada à boneca que dele ganhara, estavam mortos.

Consternados, os amigos correram sem atinar com as razões determinantes daquele lutuoso drama.

Nada de anormal constatou-se nos negócios da firma, e as relações do casal, aos olhos de todos, eram harmoniosas.

O aparente, porém, nem sempre expressa a verdade. Verdade que não escapou à argúcia de um dos convivas mais freqüentes às reuniões que Ubaldo proporcionava aos da sua estima que, cabisbaixo e ensimesmado em pensamentos turvos, olhando de soslaio o sócio do morto, envolto em fingida tristeza, ao lado da viúva, balbuciou:

– É, quem ao vilão confia o filão, acaba sem haver nem querer.

## ÍNDICE

<i>ANTONIO DARCI PANNOCCCHIA</i>	
Crônica.....	15
<i>ARMANDO ATILIO COLACIOPPO SOBRINHO</i>	
Poemas .....	23
<i>ARY BADDINI TAVARES</i>	
Querendo ser feliz .....	31
<i>A. IBRAHIM KHOURI</i>	
Poemas .....	51
<i>BISMAEL B. MORAES</i>	
40 anos: Uma lembrança .....	67
Poemas .....	69
Polícia: Para o povo ou para governantes? .....	77
Amor – divagação .....	81
<i>CLARIMUNDO OLIVEIRA AGUIAR</i>	
Ainda bem que deu tempo .....	85
Poesia .....	93
<i>CLOVIS DOMINGUES</i>	
Homenagem à minha mãezinha .....	101
Poesia .....	105
Crônica .....	107
<i>EUGENIO S. ASANO</i>	
Memórias e vagas lembranças .....	121
Meu caro amigo .....	125
<i>ESPEDITO PINHEIRO DE SOUZA</i>	
A moralidade como princípio básico para o Administrador público .....	133
Bibliografia consultada .....	145
<i>LINEU ROQUE ACEIRO</i>	
Uma estátua abandonada .....	149
Na Academia Guarulhense De Letras .....	155
Uma apreciação precavida .....	167
<i>ISABEL BORAZANIAN</i>	
Poemas .....	175
<i>MILTON LUIZ ZILLER</i>	
Incongruências .....	189
<i>PLÍNIO TOMAZ</i>	
Marquês de Pombal .....	237
Canudos .....	241
A Independência do Brasil e a Maçonaria .....	247
Cleopatra .....	251
Os Borgias .....	259
Os jesuítas e os índios Guaranis .....	263
Napoleão Bonaparte .....	269
Cromwell .....	277
Henrique VIII .....	283
Os templários em Portugal .....	287
<i>JOÃO RANALI</i>	
FAçam as mãos o que o coração promete .....	295
Pior a emenda .....	303
Ao amor não se solta a rédea .....	311

## DIRETORIA 2003 / 2004

**Presidente:** ARY BADDINI TAVARES

**Vice-presidente:** A. IBRAHIM KHOURI

**Secretário Geral:** PLÍNIO TOMAZ

**1º Secretário:** ARMANDO ATTILIO COLACIOPPO  
SOBRINHO

**2º Secretário:** EUGENIO SHINJI ASANO

**Tesoureiro geral:** CLARIMUNDO OLIVEIRA AGUIAR

**1º Tesoureiro:** LINEU ROQUE ACEIRO

**2º Tesoureiro:** CLOVIS DOMINGUES

**Conselho Fiscal:** MILTON LUIZ ZILLER; BISMAEL  
BATISTA DE MORAES e ESPEDITO  
PINHEIRO DE SOUZA

dade de criar sob a óptica exclusiva de sua vontade no momento. Como se sua mensagem fosse um gene de seu plasma germinativo, que torna a vida eterna pela sucessão das gerações.

Ary Baddini Tavares  
Presidente